



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA

ALINE DOS SANTOS MONTEIRO

**O USO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO E PESQUISA POR PARTE DOS
DISCENTES DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA DO CAMPUS
V DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

João Pessoa - PB

2014

ALINE DOS SANTOS MONTEIRO

**O USO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO E PESQUISA POR PARTE DOS
DISCENTES DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA DO CAMPUS
V DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora:

Prof^a. Ma. Esmeralda Porfírio de Sales / UEPB

João Pessoa - PB

2014

M775u Monteiro, Aline dos Santos

O uso das fontes de informação e pesquisa por parte dos discentes do curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba [manuscrito] : / Aline dos Santos Monteiro. - 2014.

67 p. : il.

Digitado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro De Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

“Orientação: Profa. Ma. Esmeralda Porfírio de Sales, Departamento de Arquivologia”.

1. Arquivo. 2. Informação. 3. Usuário. 4. Fontes de Informação. 5. Necessidade Informacional. I. Título.

21. ed .CDD 025.58

ALINE DOS SANTOS MONTEIRO

**AS FONTES DE INFORMAÇÃO E PESQUISA NO CONTEXTO DO
USO E USUÁRIO NO ÂMBITO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ARQUIVOLOGIA DO CAMPUS V DA UEPB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Arquivologia, do Centro
de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas do
Campus V da Universidade Estadual da Paraíba -
UEPB, em cumprimento às exigências parciais
para obtenção do grau de Bacharela.

Aprovada em 18 de Julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Esmeralda Porfírio de Sales

Prof. Ma. Esmeralda Porfírio de Sales / UEPB

Orientadora

Maria José Cordeiro de Lima

Prof. Ma. Maria José Cordeiro de Lima / UEPB

Examinador/Membro Interno

Maria Amélia Teixeira da Silva

Prof. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva / UEPB

Examinador/Membro Interno

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a. Ma. Esmeralda Porfírio de Sales, pela orientação com a qual sempre pude contar, pelo apoio e incentivo fundamentais no desenvolvimento do meu trabalho, por ter me ensinado a pesquisar, pela pessoa humana, pela atenção, paciência e amizade.

Aos meus pais pela paciência, amor, dedicação e incentivo com que me criaram. Em especial a minha mãe, Maria das Dores Rodrigues dos Santos, pelo exemplo de mulher guerreira, que sempre consegue transmitir determinação, força, valiosos conselhos e ensinamentos, a mim e aos meus irmãos.

Imensamente aos meus irmãos Ricardo, Leonardo, Reinaldo, Ronaldo, Rodolfo e Renato. As minhas queridas irmãs Kaline e Karoline e as minhas sobrinhas adoradas Maria Luiza, Noemy e Ágatha Heloísa por existirem e, apesar dos pesares estarmos sempre unidos.

Aos meus queridos colegas e companheiros de turma que compartilharam das dificuldades e desafios que enfrentamos durante nosso percurso, pela amizade e pelos momentos maravilhosos de alegria e sorrisos. Especialmente Wanessa, Kássia, Yuri, Edezilda, Vivaldo, Michelle, Denise, Anna Louise e Kléber.

A todos e todas participantes desta pesquisa que dedicaram tempo e atenção às minhas indagações.

Aos funcionários da coordenação, pelo atendimento solícito e gentil que sempre me dispensaram.

A todos os professores do curso que me passaram conhecimento para que eu pudesse chegar até aqui.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Geraldo Vandré

RESUMO

Essa pesquisa teve o intuito de estudar o uso das fontes de informação e pesquisa pelos discentes do Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba. Assim sendo no objetivo geral investigamos quais fontes de informação são mais utilizadas pelos discentes do curso. E como objetivos específicos: Mapear quais os tipos de fontes de informação que são mais pesquisadas pelos discentes; Descrever quais meios os discentes usam para consultar essas fontes de informação de maneira satisfatória; Identificar possíveis lacunas informacionais em relação às fontes de informação eletrônicas (digital e virtual) e; Verificar a eficácia dessas fontes de informação no âmbito da Arquivologia para os discentes do curso. A motivação para essa pesquisa se deu pela importância do objetivo que leva o pesquisador à necessidade da informação e de que maneira as fontes de informação e pesquisa o ajudaram. E ainda saber onde, como e quais fontes de informação e pesquisa publicam algo na área da Arquivologia, se conseguem satisfazer a necessidade de informação, compartilhar essa informação e a contribuição que cada uma delas pode oferecer. Essa foi uma pesquisa empírica, descritiva e exploratória com abordagem quantiqualitativa. Estamos sempre aprendendo algo na nossa vida, aprendemos sobre nós mesmos e sobre o mundo de várias maneiras: observamos, ouvimos, lemos e experimentamos, e assim aumentamos nosso conhecimento. Portanto a informação é a base da decisão, é com ela que aprendemos e podemos questionar e elaborar novas hipóteses e possibilidades, e assim diminuir a margem de erro e ampliar os acertos.

Palavras Chave: Arquivo. Informação. Usuário. Fontes de Informação. Necessidade Informacional.

ABSTRACT

This research has the objective to study the use of information sources and searches by the students of the course of Archivology from the Paraíba University state. Thus, in the our general objective we investigated which information sources that are more use by the students of the course. Like specific objectives: map which the kinds of information sources who more searches by students. Discribe which means use to consult those sources of information of satisfactory way. Identify possibles informations gaps in relation to the electronic information sources (digital and virtual) and; to verify the effectiveness these information sources in the ambit of Archivology for the students of the course. The motivation for this research occurred for the importance of the goal that takes the researcher the need for information and how the information sources and research helped. And yet, know where, how and which informations sources and search publish something at the Archivology area, if can be satisfy the information need, share this information and the contribution that each of which can provide. That was a empirical, descriptive and exploration research with qualitative-quantitative approach. We always learning something in our live, learning about ourselves and about the world in many ways: observed, heard, read and experience, so increased our knowledge. Therefore, the information is the base of the decision, is with her we learning and can we question and elaborate new hypotheses and possibilities, so, decrease the margin of error and expand the successes.

Keywords: Archive. Information. User. Information Sources. Information Need.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Gênero

GRÁFICO 2: Faixa Etária

GRÁFICO 3: Escola que concluiu o ensino médio

GRÁFICO 4: Linha de pesquisa na qual o trabalho de conclusão de curso está vinculado

GRÁFICO 5: Intuito no qual os discentes pesquisados buscam informação

GRÁFICO 6: Fontes preferidas pelos discentes pesquisados

GRÁFICO 7: Informação que já precisou acessar em Arquivo público, privado e outros

GRÁFICO 8: Êxito na busca e/ou recuperação da informação

GRÁFICO 9: Periódicos mais pesquisados na área da ciência da informação

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Principais Periódicos na área da Ciência da Informação no Brasil ¹

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBSA - Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas
CEDUC - Centro de Educação
CCJ - Centro de Ciências Jurídicas
CCSA - Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CCT - Centro de Ciências e Tecnologia
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo
IES - Instituições de Ensino Superior
MEC - Ministério da Educação
PAAP - Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos
PPP - Projeto Político Pedagógico
SciELO - Scientific Electronic Library Online
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UnB - Universidade de Brasília
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo Geral	15
2.2 Objetivos Específicos	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 Caracterização da Pesquisa	16
3.2 Universo e Amostragem	17
3.3 Campo Empírico	18
3.4 Instrumentos de Coleta de Dados	19
4 PROBLEMATIZAÇÃO	21
5 JUSTIFICATIVA	22
6 ENREDO TEÓRICO	23
6.1 As fontes de informação evoluindo com a humanidade	23
6.2 Fontes de Informação	27
6.3 Tipos de Fontes de Informação	29
6.3.1 Fontes de Informação Primárias	29
6.3.2 Fontes de Informação Secundárias	34
6.3.3 Fontes de Informação Terciárias	36
6.4 Outras Fontes de Informação Importantes	37
6.5 A Inserção dos Arquivos Como Fonte de Informação	40
6.6 Arquivo: origem, características, finalidades e definições	43
6.7 O Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba	45
6.8 Profissão Arquivista	45
7 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS	48
7.1 Identificação do Perfil dos Discentes Pesquisados	48
7.2 Análise do Uso das Fontes de Informação pelos Discentes de Arquivologia da UEPB	52
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	62
Apêndice A: Instrumento de Coleta de Dados	63
ANEXOS	66
Anexo A	67

1 INTRODUÇÃO

A busca da informação é como um processo que se dá de certa forma explícita, ativa e objetiva. Mas, isso não acontece sempre, às vezes os usuários não sabem exatamente o que querem ou que buscam para o seu conhecimento ou necessidade. Isso porque o ato de não encontrar o que o usuário gostaria e necessita também pode ser considerada uma resposta. Qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e/ou serviços de informação, pessoas e/ou rede de pessoas é uma fonte de informação. A popularidade da tecnologia da informação, aliada aos recursos de multimídia, no cenário do mundo atual fez com que a busca da informação sofresse diversas transformações tanto na produção quanto no uso, disseminação e conservação da mesma. Essas modificações na maneira de produzir, usar, disseminar e conservar a informação vem renovando também as funções sociais, científicas e econômicas do arquivista.

Segundo Paes (2007, p. 53), “assim como a humanidade vem evoluindo técnica, científica e culturalmente através dos séculos, também o conceito de Arquivologia sofre modificações para atender aos desafios de um mundo em constantes mudanças”. Até porque a busca e o processamento da informação são fundamentais em todos os sistemas sociais e atividades humanas. Isso acontece desde a análise da necessidade da informação ao uso da mesma, tornando-a um componente muito importante de pesquisa em muitas áreas do conhecimento humano como: a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e a própria Arquivologia enquanto disciplina da Ciência da Informação. A Arquivologia é um dos recursos essenciais na área do conhecimento para o desenvolvimento científico e tecnológico, convivendo paralelamente com as novas possibilidades de políticas associadas aos direitos à informação e à memória social.

A informação passa a ter um valor inestimável quando o usuário consegue construir uma relação entre si mesmo e determinada informação. Isso facilita a vida do usuário em relação aos objetivos que pretende alcançar ou ao contexto que o levou a buscar aquele tipo de conhecimento e como utilizar essa informação para resolver problemas e tomar decisões. Assim sendo, o nosso fenômeno de estudo foi investigar quais fontes de informação e pesquisa são mais utilizadas pelos discentes do curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba. Desse modo essa pesquisa partiu da seguinte

questão: Quais fontes de informação e pesquisa são mais utilizadas pelos discentes do Curso de Arquivologia do Campus V da UEPB?

Essa pesquisa foi dividida em oito capítulos: o primeiro capítulo é composto pela introdução; o segundo pelos objetivos: geral e específicos; o terceiro pela metodologia da pesquisa subdividida em: caracterização da pesquisa, universo e amostragem, campo empírico e instrumento de coleta de dados; o quarto pela problematização; o quinto pela justificativa; o sexto pelo enredo teórico; o sétimo pelo resultado e análise dos dados da pesquisa; e o oitavo pelas considerações finais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Investigar quais fontes de informação são mais utilizadas pelos discentes do curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da UEPB.

2.2 Objetivos Específicos

- Mapear quais os tipos de fontes de informação que são mais pesquisadas pelos discentes;
- Descrever quais meios os discentes usam para consultar essas fontes de informação de maneira satisfatória;
- Identificar possíveis lacunas informacionais em relação às fontes de informação eletrônicas (digital e virtual);
- Verificar a eficácia dessas fontes de informação no âmbito da Arquivologia para os discentes do Campus V da UEPB.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta foi uma pesquisa empírica, baseada na coleta dados, de acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 188), “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura resposta ou uma hipótese que se queira comprovar ou descobrir novos fenômenos e/ou relação entre eles”. Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica, descritiva e exploratória, com uma abordagem quanti-qualitativa.

Segundo Gil (2009. p. 44), “a pesquisa é considerada bibliográfica por valer-se de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O método quantitativo é amplamente utilizado na condução da pesquisa, pelo fato de garantir a precisão dos resultados e evitar distorções de análise e interpretação, geralmente, aplicado nos estudos descritivos que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis e investigam a relação de causalidade entre fenômenos.

O método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. (RICHARDSON, 1999, p. 70)

Já o método qualitativo não emprega instrumentos estatísticos como base de análise de problema, pelo fato de não pretender numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. Este método pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos e sofrer transformações para assegurar a exatidão do plano de resultados.

Em princípio, podemos afirmar que em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos

sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999, p. 80).

Uma maneira de transformar dados qualitativos em elementos quantificáveis é utilizar como parâmetros o emprego de critérios, categorias, escalas de atitudes ou, ainda identificar com que intensidade, ou grau, um conceito, uma atitude ou uma opinião se manifesta. Assim sendo, essa pesquisa teve uma abordagem quantiquantitativa.

A pesquisa exploratória tem como objetivos principais aperfeiçoar as ideias e apresentar maior intimidade com o fenômeno de estudo, e, assim torná-lo mais claro e contribuir para a construção da hipótese.

Selltiz (apud GIL, 2006, p. 41) diz que:

Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.

Quanto à pesquisa descritiva, seu objetivo primordial é a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Há, porém, pesquisas que, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. (GIL, 2006, p. 42)

Além disso, quando se propõe a estudar as características de um grupo específico, a pesquisa descritiva procura identificar sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental e etc.

3.2 Universo e Amostragem

Essa pesquisa foi desenvolvida no seguinte universo: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, tendo como amostragem o Curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V. De acordo com Lakatos e Marconi (2007, p. 225), “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum, e, consiste em explicitar pessoas ou fenômenos”. Segundo Gil (1999, p. 100), “a amostra é o subconjunto do universo, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo”. A população alvo deste estudo foram os discentes do 9º período do semestre 2014.1, regularmente matriculados no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

3.3 Campo Empírico

A Universidade Estadual da Paraíba nasceu há 40 anos, como Universidade Regional do Nordeste (URNe). Criada através da Lei Municipal nº 23, de 15 de março de 1966, inspirada no modelo da recém-implantada Universidade de Brasília (UnB), que tinha uma proposta de inaugurar um tipo diferente de ensino superior no Brasil. A Instituição surgiu no cenário do ensino superior do País, dentro de um contexto histórico de mudanças e de expectativas, que dominavam o ambiente brasileiro em meados da década de 60. Em 11 de outubro de 1987, foi sancionada pelo então governador Tarcísio Burity, a Lei 4.977 que transformou a UNRe em Universidade Estadual da Paraíba, a partir disso a universidade foi conquistando seus espaços através da luta de entidades de professores, funcionários e alunos, lideranças políticas e entidades classistas. Conquistou sua autonomia financeira através da Lei nº 7.643, de 06 de agosto de 2004, sancionada pelo então governador Cássio Cunha Lima.

Atualmente a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB possui oito campi, assim distribuídos:

- Campus I – Campina Grande;
- Campus II – Lagoa Seca;
- Campus III – Guarabira;
- Campus IV – Catolé do Rocha;
- Campus V – João Pessoa;

- Campus VI – Monteiro;
- Campus VII – Patos;
- Campus VIII – Araruna.

Com um total de 46 cursos de graduação e 2 cursos de nível técnico. Dos cursos de graduação, 25 são no Campus I, 1 no Campus II, 5 no Campus III, 2 no Campus IV, 3 no Campus V, 3 no Campus VI, 4 no Campus VII e 3 no Campus VIII. Dos cursos técnicos, 1 no Campus II e outro no Campus IV.

O campus I, batizado com o nome do economista Edvaldo Souza do Ó, está localizado em Campina Grande e é a sede da Reitoria e da Administração Central da UEPB, onde funcionam suas pró-reitorias e coordenações e abriga também os seus cinco centros: CCBSA – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas; CCT – Centro de Ciências e Tecnologia; CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas; CCJ – Centro de Ciências Jurídicas e CEDUC – Centro de Educação.

Essa pesquisa foi desenvolvida no Campus V - Ministro Alcides Carneiro da Universidade Estadual da Paraíba, localizado em João Pessoa, com os discentes do Curso de Bacharelado em Arquivologia. Fundado em 29 de agosto de 2006, o Campus V está vinculado ao Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas – CCBSA.

3.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados foi usado o seguinte instrumento: Questionário. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 203), “o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

O questionário foi constituído de perguntas fechadas, abertas e de múltipla escolha. As perguntas fechadas são limitadas na qual o pesquisado dá sua resposta entre duas ou mais opções. De acordo com Andrade (2006, p. 149), “as perguntas fechadas são aquelas que indicam três ou quatro opções de resposta ou se limitam à resposta afirmativa ou negativa e trazem espaços destinados à marcação da escolha”.

As perguntas abertas ou não limitadas permitem ao pesquisado responder livremente, usando linguagem própria. Nesse tipo de pergunta temos possibilidades de investigações mais profundas, porém ela apresenta alguns inconvenientes como dificuldade do pesquisado nas respostas, dificuldades no processo de tabulação, etc. De acordo com Richardson (2011, p. 192), “as perguntas abertas se caracterizam por afirmações que levam o pesquisado a responder com frases ou orações, ou seja, o pesquisador não está interessado em antecipar as respostas”.

Já as perguntas de múltipla escolha “são aquelas onde o pesquisador elabora o questionário unindo as perguntas fechadas e as abertas em uma única pergunta, ou seja, são perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas que abrangem vários segmentos do mesmo assunto”. (LAKATOS, p. 206, 2008)

E como em toda técnica de coleta de dados, o questionário apresenta vantagens e desvantagens, como principais vantagens o questionário economiza tempo, e pessoal, atinge maior número de pessoas ao mesmo tempo, obtém respostas mais rápidas e mais precisas, etc. E como principais desvantagens o questionário não pode ser aplicado a pessoas analfabetas, uma percentagem pequena dos questionários volta para o pesquisador e o atraso na devolução do questionário prejudica o cronograma da pesquisa, etc.

4 PROBLEMATIZAÇÃO

A necessidade informacional surge a partir do papel que o indivíduo desempenha na vida social fazendo uso da informação e evoluindo com as situações que vão surgindo ao longo do tempo. A informação é essencialmente vista como uma ferramenta mais que valiosa e útil para os seres humanos em suas tentativas de prosseguir com sucesso em suas vidas. Até porque o ser humano passa a vida inteira em meio a questionamentos, barreiras, dilemas, confusões, sonhos, ou seja, indo à procura de algo sempre lidando com acertos e decepções.

E é fazendo uso da informação que o indivíduo consegue transpor os vazios que aparecem no seu caminho ou cotidiano. A necessidade de informação pode ser considerada como um processo de tomada de decisão em que o usuário quer ou precisa ter uma informação em um determinado momento de sua vida, seja para qual atividade for, associada ao desejo de ter essa informação, embora o usuário muitas vezes não tenha certeza do que realmente precisa. Isso envolve uma demanda do que se pede com o uso dessa informação mesmo que não seja para uma leitura frequente.

A necessidade de informação tem uma relação com a atividade na qual é utilizada a informação que se conseguiu e ao que a mensagem nela contida pode transmitir, isto é, definir e priorizar a orientação no que se refere à informação como o usuário quer e precisa, e não simplesmente o que o usuário quer naquele momento. Isso porque os serviços de informação tendem a só avaliar o uso da informação que estão disponibilizando, quando deveriam dar mais atenção e importância ao tipo de informação disponibilizada, levando-se em conta que cada usuário pode ter uma necessidade de informação diferenciada e que o valor da informação reside no relacionamento que o usuário constrói entre si mesmo e determinada informação. O usuário tem sido colocado na posição passiva de ter de se adaptar aos mecanismos dos serviços de recuperação da informação, na verdade esses mecanismos é que deveriam se adaptar às suas características particulares. Os usuários da informação são vistos apenas como um dos integrantes do sistema, não como a razão de ser do serviço de informação. Pensando em tudo isso, essa pesquisa partiu da seguinte hipótese: As fontes de informação e pesquisa atendem as necessidades informacionais dos discentes do Curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da UEPB?

5 JUSTIFICATIVA

Para essa pesquisa pensamos na importância do objetivo que leva o pesquisador à necessidade da informação e de que maneira as fontes de informação e pesquisa o ajudaram. Já que para nós Arquivistas a pesquisa é essencial para planejar, desenvolver e prestar serviços de informação que vão satisfazer as necessidades dos usuários.

Saber onde, como e quais fontes de informação e pesquisa publicam algo na nossa área, se conseguem satisfazer a necessidade de informação e a contribuição que cada uma delas pode oferecer. Além de compartilhar os meios de busca de informação e de fontes de informação que utilizamos, enquanto discentes do curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba. Saber também se a informação está sendo encontrada de maneira satisfatória, se há lacunas informacionais e verificar ainda a eficácia dessa informação obtida, e encontrar uma maneira de facilitar essa busca de informação.

A oportunidade de trabalhar o tema proposto surgiu a partir dos estudos e vivências adquiridas com a participação nos componentes curriculares “Fontes de Informação Gerais e Especializadas” e “Uso e Usuário da Informação Arquivística” do curso de Bacharelado em Arquivologia do Campus V da Universidade Estadual da Paraíba.

Assim sendo, o fato de poder sentir as necessidades dos outros discentes nos fez enxergar que tínhamos as mesmas necessidades e o desafio que é cada busca pela informação que precisamos, além de deixar uma pesquisa que possa ajudar os futuros Arquivistas que estão por vir. E também divulgar a importância do nosso curso e do profissional Arquivista devidamente habilitado no exercício de sua função em todos os âmbitos no nosso Estado.

A maior contribuição dessa pesquisa está no campo científico da Arquivologia, tanto no que diz respeito às condições de busca da informação, quanto no que diz respeito à relação entre as fontes de informação e o pesquisador/usuário.

6 ENREDO TEÓRICO

6.1 As fontes de informação evoluindo com a humanidade

Fontes de informação podem ser consideradas como todo e qualquer recurso pelo qual se consegue responder a uma demanda de informação por parte dos usuários, independentemente da área de atuação, isso inclui os produtos e os serviços, pessoas ou rede de pessoas. Servem para satisfazer a procura e as necessidades informacionais dos indivíduos e possuem características comuns como formatos e suportes, mas fornecem tanto aos novos quanto aos antigos pesquisadores tudo que já foi produzido na sua área de pesquisa e/ou atuação. A história da evolução da humanidade é contada através do que ficou registrado seja em documentos ou objetos, isto é, através da informação sobre determinadas épocas que foi conservada. Com advento da tecnologia no cenário do mundo atual, a informação sofreu diversas transformações, tanto na produção, quanto no uso. Isso foi modificando as formas de ser, agir e pensar dos indivíduos sociais e seus grupos, independentemente da camada social a qual pertençam, rompendo com os esquemas tradicionais relacionados com a informação e com os documentos, mostrando que o mundo está cada vez mais informatizado.

A biblioteca, o arquivo, o museu e o centro de documentação são fontes de informação tradicionais que têm como objetivos recolher, tratar, transferir e difundir informações tendo em comum às finalidades a que se destinam e o papel que ocupam no processo social, cultural e administrativo de uma sociedade. Entretanto, a explosão da informação através de vários meios de comunicação apontou também a ausência e a necessidade de profissionais qualificados para manusear a informação de maneira correta. Essa necessidade surgiu porque temos que saber qual informação deve ser considerada importante para preservar e qual informação deve ser descartada, é impossível guardar tudo. Principalmente, hoje com a *Internet* como uma fonte de informação tão popular, ao alcance de todo mundo, aonde a informação chega de uma maneira tão rápida quanto é esquecida.

O processo de busca e uso da informação é o resultado da construção de sentido para as situações de mudança pelas quais os sujeitos necessitam, principalmente, quando precisam solucionar problemas no contexto de suas vidas. Isso significa dizer que o acesso e o uso fazem parte do processo voltado para a *situação-lacuna-uso*, modelo de Dervin conhecido como modelo de três pontas, da informação de acordo com o *sense-making*. A situação é o

problema que surge diante de uma determinada situação e como o sujeito se comporta no momento de resolver a situação ou responder as perguntas que vão ajudá-lo a passar pela situação. A lacuna é a resposta ou solução das questões que surgiram na situação, é a oportunidade que o sujeito encontrou para seguir seu caminho. Já o uso é o destino que é dado à informação ou conhecimento que o sujeito adquiriu após passar pela situação e pela lacuna. *Sense-making* é a representação do processo através do qual as pessoas podem estruturar o desconhecido, envolvendo a inserção dos estímulos recebidos em algum quadro de referências que facilite ou direcione sua interpretação, porém, *sense-making* não pode ser considerado o mesmo que interpretação. A busca da informação é o processo humano e social por meio do qual a informação se torna útil para o indivíduo ou grupo, ou seja, a informação tem de satisfazer não apenas necessidades cognitivas, mas também necessidades afetivas ou emocionais.

(...) a informação só tem sentido quando é integrada em algum contexto. Ela é um dado incompleto, ao qual o indivíduo atribui um sentido a partir da interrogação de seus esquemas interiores. Quando o sujeito obtém a informação que necessita, é impulsionado a situá-la em um contexto na qual fará o uso equivalente a cada situação. (FERREIRA, 1997, p. 04)

A compreensão da necessidade de cada indivíduo ou grupo em relação à informação é complexa e se modifica constantemente e o conhecimento de cada usuário é à base da orientação e da concepção dos serviços de informação, considerando-se suas características, atitudes, necessidades e demandas. Dessa forma os serviços de informação devem ser criados e planejados pensando-se nos usuários ou grupos a ser atingidos respeitando a natureza de suas necessidades informacionais e dos padrões de comportamento na busca e no uso da informação, de modo a elevar a qualidade e eficiência desses serviços. Portanto o objetivo final de um serviço ou sistema de informação deve ser pensado em termos do uso dado a informação e dos efeitos resultantes desse uso nas atividades dos usuários.

De acordo com Jardim e Fonseca (2004, p. 02):

Diversas variáveis podem afetar as necessidades de informação do usuário: o leque de fontes disponíveis; os usos para os quais a informação será necessária; o “background”, a orientação profissional e outras características individuais do

usuário; o ambiente social, político, econômico, legal e os sistemas regulamentares que envolvem o usuário; as consequências do uso da informação.

As necessidades de informação não surgem plenamente formadas, mas crescem e evoluem com o tempo, é necessário proporcionar ao usuário não só a capacidade de entender suas próprias necessidades de informação, mas também de satisfazê-las e, se possível, com seus próprios meios.

Uma nova perspectiva para o usuário da informação deveria partir da crença de que a quantidade de informação que se recebe não é função do número de páginas lidas, por exemplo, mas dos processos mentais de entendimento e integração de dados na estrutura pessoal de conhecimentos, o que coloca em pauta a perspectiva cognitiva do usuário. Além disso, existem ambientes sociais e organizacionais que envolvem o usuário e que afetam a motivação individual, os usos da informação e seus fluxos. (MIRANDA, 2006, p.102)

Há uma grande quantidade de necessidades humanas pessoais que está na raiz da motivação pelo comportamento de busca de informação, indicando que elas são inter-relacionadas. Ou seja, as necessidades de informação nascem dos papéis dos indivíduos na vida social, e o mais relevante desses papéis é o papel exercido no trabalho. O processo de busca e uso da informação indica uma atividade construtiva de sentido para as situações de mudança pelas quais a pessoa possa passar para solucionar problemas, porém, nem toda necessidade se transforma em uma atividade de busca de informação, devendo haver mecanismos de ativação para que ela se efetive.

A busca e o uso da informação dependem de como o indivíduo avalia a relevância cognitiva e emocional da informação recebida e de atributos objetivos capazes de determinar a pertinência da informação a certa situação problemática. Grupos diferentes de pessoas têm necessidades e hábitos distintos de busca da informação, bem como estilos diferentes de processar a informação.

Para cada uma mesma rede de informação, cada um de nós vai buscar a informação de maneira um tanto diferente, dependendo de nosso conhecimento das fontes, de nossas experiências passadas e assim por diante. A probabilidade de uma fonte ser relacionada depende da acessibilidade, assim como da qualidade da informação que ela possa oferecer. A acessibilidade, que implica a quantidade de esforço e tempo necessária para encontrar e usar uma fonte, é um forte indicador de que uma fonte pode ser utilizada por muitos grupos de usuários. (CHOO, 2003, p. 102-103)

Portanto não basta apenas reconhecer uma necessidade de informação para se obter o conhecimento necessário para solucionar problemas. É preciso também reconhecer a complexidade do mundo da informação e da interação entre as fontes de informação e o sistema de conhecimentos do usuário e/ou grupo de indivíduos. Os indivíduos ou usuários buscam de uma forma constante criar seu mundo social a partir do mundo de aparência que os cerca e as necessidades de informação nascem dessas tentativas de dar sentido ao mundo. A informação pode estar contida em um documento ou registro definido ou representado em referência em algo ou algum assunto, daí, o usuário ver a informação como um pacote de conteúdo mais interpretação e os julga como algo valioso e útil. O valor de qualquer informação reside no relacionamento que o usuário ou grupo constrói entre si mesmo e uma informação em particular. Dessa forma, o usuário só considera uma informação útil quando ela conseguir infundir um significado e torna-se subjetiva para poder receber diferentes significados subjetivos de diferentes indivíduos.

Partimos da posição de que o usuário da informação é uma pessoa cognitiva e perceptiva; de que a busca e o uso da informação constituem um processo dinâmico que se entende no tempo e no espaço; e de que o contexto em que a informação é usada determina de que maneira e em que medida ela é útil. (CHOO, 2003, p. 83)

A informação quase sempre tem uma manifestação física fabricada por indivíduos a partir de experiências passadas e de acordo com as exigências de determinada situação na qual a informação deve ser usada. A busca da informação é o processo pelo qual o indivíduo procura informação de modo que seu estado de conhecimento venha mudar sempre para melhor, ou seja, é um processo humano e social por meio do qual a informação se torna útil para o indivíduo. Mais durante a busca de informação alguns comportamentos típicos dos usuários são notados, como identificar e selecionar as fontes, ou ainda, articular um questionário. Entretanto, alguns comportamentos individuais de usuários em relação às fontes de informação podem apresentar uma variedade infinita que pode ser de ordem emocional e/ou situacional envolvendo a busca e o uso da informação. Assim sendo, a informação tem de satisfazer não apenas necessidades cognitivas, mas também necessidades afetivas ou emocionais. Para que a busca da informação tenha êxito dependemos de nosso conhecimento das fontes de informação de experiências passadas, ou seja, fontes de informação que já foram

muito usadas antes ou fontes de informação menos conhecidas que podem se revelar capazes de fornecer informações relevantes. Todavia, a fonte de informação a ser selecionada depende da acessibilidade, que implica a quantidade de esforço e tempo necessários para encontrar e usar uma fonte, e da qualidade da informação que ela possa oferecer.

Em termos de reações emocionais, o que o indivíduo ou grupo sente durante a fase de uso da informação, depende da qualidade do processo e dos resultados da busca. Isso não livra o indivíduo de ser afetado pela quantidade e originalidade da informação encontrada, ele pode se aborrecer ou ficar confuso e ansioso diante de muitas informações. Mais se o indivíduo encontra a informação que é capaz de solucionar o problema com maior clareza ganhando um sentido de direção, ele fica mais otimista e confiante à medida que a busca vai avançando. De acordo com Choo (2003, p. 107), se uma informação vai ser selecionada ou ignorada depende em larga medida de sua relevância para o esclarecimento da questão ou solução do problema. Porém o que define os elementos mais importantes e influentes quanto ao uso da informação são as atitudes do indivíduo em relação à informação e à sua busca. Podemos considerar que essas atitudes são consequências da educação, do treinamento, da experiência passada e das preferências pessoais dos indivíduos.

6.2 Fontes de Informação

Nossa vida é um eterno aprendizado, aprendemos sobre nós mesmos e sobre o mundo de muitas maneiras: observamos, ouvimos, lemos e experimentamos, e assim aumentamos nosso conhecimento. Porém nem sempre a nossa percepção da realidade é confiável. Entretanto se o conhecimento sobre determinado assunto é baseado numa metodologia científica, aumentam as probabilidades de que nossa percepção e compreensão desse fenômeno sejam consideradas as “mais” corretas. A confiabilidade é uma característica importante da ciência pelo fato de distinguir o conhecimento popular do científico.

Assim sendo todo trabalho intelectual necessita de um sistema de comunicação que compreende os canais formais e informais, usados tanto para comunicar resultados quanto para se informar sobre outros resultados já obtidos e alcançados por outros pesquisadores. A comunicação formal se utiliza de canais formais, como são geralmente chamadas as publicações com divulgação mais ampla, como periódicos e livros. Já a comunicação informal utiliza os chamados canais informais e inclui normalmente comunicações de caráter mais

pessoal ou que se referem à pesquisa não concluída como comunicação de pesquisas em andamento, trabalhos de congressos ou semelhantes.

Com o desenvolvimento da tecnologia de comunicação, especialmente computadores e redes eletrônicas, as formas de comunicação disponíveis à comunidade científica vêm se modificando, ampliando e diversificando, tornando-se cada vez mais eficientes, rápidas e abrangentes, vencendo barreiras geográficas, hierárquicas e financeiras. Essas mudanças estão ocorrendo tanto nos canais informais como nos formais. Dentre esses últimos, os mais importantes, para a ciência, ainda são os artigos publicados em periódicos científicos impressos. (CAMPELLO *et al.*, 2000, p.23)

Em geral o trabalho do profissional de informação é em grande parte baseado no conhecimento e uso de fontes de informação sobre a literatura científica, a qual reflete as características próprias da ciência e tecnologia modernas. A aceleração do conhecimento e sua consequente obsolescência em virtude do desenvolvimento das tecnologias eletrônicas de comunicação, especialmente a *internet*, tornou a questão da explosão literária mais complexa.

A *Internet* colocou à disposição de pesquisadores e usuários comuns formas de comunicação e divulgação nunca antes sonhadas, oferecendo ainda possibilidades de conexão entre textos, de busca, localização e aquisição da informação. E ao mesmo tempo em que aumentou a quantidade de textos e informação disponíveis, abriu também alternativas muito mais eficientes para satisfazer as demandas dos usuários que ultrapassam e muito as possibilidades de um único acervo. Portanto, isso implica na compra de cópias ou de acesso ao documento específico via meio eletrônico, levando a necessidade de se pensar na reserva de recursos específicos nos orçamentos dos centros de informação e também na necessidade de treinamento de profissionais que sejam capazes de reconhecer as fontes e as maneiras mais eficientes, eficazes e econômicas de acesso.

A velocidade com que o conhecimento é renovado faz com que a literatura se torne ultrapassada ainda recente, especialmente em algumas áreas do conhecimento, acarretando problemas tanto para o cientista quanto para o usuário comum manterem-se informados ou atualizados e também fica difícil e caro para os centros de informação manter seu acervo ou coleções atualizados, pois as fontes aumentam na mesma velocidade. A necessidade de se conhecer as fontes e saber identificar e promover o acesso à informação pertinente continua

sendo tão importante atualmente quanto sempre foi para os profissionais que se dedicam ao atendimento dos usuários.

6.3 Tipos de Fontes de Informação

6.3.1 Fontes de Informação Primárias

As fontes primárias, por sua natureza, são dispersas e desorganizadas do ponto de vista da produção, divulgação e controle. Registram informações que estão sendo lançadas, no momento de sua publicação, no corpo do conhecimento científico e tecnológico. Por essa razão as fontes primárias são difíceis de serem identificadas e localizadas por conter trabalhos originais com conhecimento original ou nova interpretação de ideias e / ou fatos acontecidos e publicados pela primeira vez pelos autores. Exemplos de fontes primárias:

- **Congressos** - evento onde vários expositores de diferentes setores da sociedade discutem um mesmo tema abrangendo todos os seus aspectos. Propondo o debate aberto com o público e chegam a conclusões, registradas em documento final com as resoluções.
- **Conferências** - evento onde um especialista desenvolve determinado tema, com tempo previamente estabelecido de duração. Nesse caso os apartes não são permitidos e nem existe debate no final da exposição.
- **Legislação** - originária de processo legislativo que constrói, a partir de uma sucessão de atos, fatos e decisões políticas, econômicas e sociais, um conjunto de leis com valor jurídico, nos planos nacional e internacional, para assegurar estabilidade governamental e segurança jurídica às relações sociais entre cidadãos, instituições e empresas.
- **Nomes Comerciais** - nome ou firma comercial individual, firma ou razão comercial das sociedades comerciais que atuam sob firma e a denominação das sociedades anônimas e limitadas. Ou seja, nome que o comerciante adotou para o comércio e que consta no contrato ou estatuto das sociedades comerciais.

- **Marcas Comerciais** - todo sinal distinto, visualmente e auditivamente, que identifica e distingue produtos e serviços de procedência diversa, bem como certifica a conformidade dos mesmos com determinadas normas e/ou especificações técnicas.
- **Traduções** - atividade que abrange a interpretação do significado de um texto em uma língua e a produção de um novo texto em outra língua, mas que exprima o texto original da forma mais exata possível na língua destino.
- **Projetos em Andamento** - em negócio e ciência é normalmente definido como um empreendimento colaborativo, frequentemente envolvendo pesquisa ou desenho, que é cuidadosamente planejado para alcançar um objetivo particular.
- **Pesquisas em Andamento** - um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente, ou seja, um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve.
- **Patentes** - é uma concessão pública, conferida pelo Estado, garantindo ao seu titular a exclusividade ao explorar comercialmente a sua criação. Entretanto é disponibilizado acesso ao público sobre o conhecimento dos pontos essenciais e as reivindicações que caracterizam a novidade no invento.
- **Periódicos** - uma revista científica de publicação periódica destinada a promover o progresso da ciência, geralmente noticiando novas pesquisas. A maioria das revistas são especializadas, embora algumas dessas publicações mais antigas publiquem artigos e dissertações científicos abrangendo uma vasta gama de campos científicos.

Apresentamos a seguir quadro referente aos principais Periódicos produzidos no Brasil na área da Ciência da Informação e que também abordam a temática Arquivística:

QUADRO 1 - Principais Periódicos na área da Ciência da Informação no Brasil ¹

NOME DO PERIÓDICO	VOLUME E/OU NÚMERO E ANO DE PUBLICAÇÃO	LINK
Revista Acervo	Vol. 26, nº 2, 2013	http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/issue/current
Revista Acesso Livre	Nº 1, jan/jun, 2014	http://revistaacessolivre.blogspot.com.br/p/edicao-atual.html
Revista Ágora	Vol. 24, nº 48, 2014	http://agora.emnuvens.com.br/ra/issue/view/57
Revista Archeion Online	Vol. 1, nº 1, 2013	http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion/issue/current
Revista Arquivística.net ²		http://www.arquivistica.net/
Revista Arquivo & Administração	Vol. 12, nº 2, jul/dez 2013	http://www.aab.org.br/?p=2451

Revista Cenário Arquivístico ³		<u>http://abarq.blogspot.com.br/2012/03/revista-cenario-arquivistico.html</u>
Revista Ciência da Informação	Vol. 41, nº 1, 2013	<u>http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/issue/current</u>
Revista DataGramaZero	Vol. 15, nº 1, 2014	<u>http://www.dgz.org.br/fev14/F I aut.htm</u>
Revista Em Questão	Vol. 19, nº 2, 2013	<u>http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/issue/current</u>
Revista Encontros Bibi	Vol. 19, nº 39, 2014	<u>https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/issue/view/2111</u>
Revista InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	Vol. 5, nº 1, 2014	<u>http://www.revistas.usp.br/incid/issue/view/5051</u>
Revista Informação Arquivística	Vol. 2, nº 1, 2013	<u>http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/issue/current</u>

Revista Informação & Sociedade: Estudos	Vol. 23, nº 3, 2013	<u>http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/issue/current</u>
Revista Liinc em Revista	Vol. 9, nº 2, 2013	<u>http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/issue/current</u>
Revista Perspectivas em Ciência da Informação	Vol. 19, nº 1, 2014	<u>http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/issue/view/118</u>
Revista Ponto de Acesso	Vol. 7, nº 3, 2013	<u>http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/issue/current</u>
Revista Transinformação	Vol. 26, nº 1, 2014	<u>http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/issue/current</u>

FONTE: Dados da Pesquisa da Autora (2014).

¹ Principais revistas e periódicos científicos que abordam a Arquivologia e temas relacionados com a Ciência da Informação, mas que também publicam trabalhos que abordam a temática arquivística.

² Não havia periódico disponível no site no momento do acesso em 09.maio.2014.

³ Não havia periódico disponível no site no momento do acesso em 09.maio.2014.

- **Relatórios Técnicos** - exposição escrita dos fatos observados mediante pesquisas ou experiências quanto à questão visada, com explicações detalhadas que comprovam aquilo que é exposto. Incluindo informação suficiente para que um receptor qualificado possa avaliar e propor modificações às respectivas conclusões ou recomendações.
- **Teses** - uma proposição discutida e defendida por alguém, com base em determinadas hipóteses ou pressupostos. É um trabalho acadêmico onde o autor defende uma ideia e sustenta sua argumentação através dos resultados de uma profunda investigação sobre o tema.
- **Dissertações** - um texto que se caracteriza pela exposição, defesa de uma idéia que será analisada e discutida a partir de um ponto de vista. Para tal defesa o autor do texto dissertativo trabalha com argumentos, com fatos, com dados, os quais utiliza para reforçar ou justificar o desenvolvimento de suas ideias.
- **Normas Técnicas** - norma técnica ou padrão é um documento, normalmente produzido por um órgão oficial acreditado para tal, que estabelece regras, diretrizes, ou características acerca de um material, produto, processo ou serviço.

6.3.2 Fontes de Informação Secundárias

As fontes secundárias surgiram com a função de facilitar o uso do conhecimento disperso existente nas fontes primárias. Pois apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido dependendo de sua finalidade. E ainda contém informações sobre documentos primários. Não são originais e basicamente citam, revisam e interpretam os trabalhos originais. Elas são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles. Exemplos de fontes secundárias:

- **Bases de dados** - ou bancos de dados são coleções organizadas de dados que se relacionam de forma a criar algum sentido para a informação e dar mais eficiência durante uma pesquisa ou estudo.
- **Bibliografias** - uma lista estruturada de referências a livros ou outros documentos, designadamente artigos de periódicos, com características comuns, como por exemplo, o mesmo autor ou o mesmo assunto. Em um texto acadêmico, nenhuma afirmação pode ser feita sem que tenha sido cientificamente comprovada por outros.

- **Índices** - uma referência da informação que é utilizada para fins de otimização, permitindo uma localização mais rápida de um registro quando efetuada uma consulta. Em termos teóricos é uma estrutura que possibilita acesso a um item indexado.
- **Catálogos** - é uma relação ordenada, instrumento biblioteconômico criado para facilitar o acesso às obras de um acervo. Baseado na ordem alfabética funciona como um verdadeiro dicionário.
- **Centros de Pesquisa** - uma concentração de instituições de ensino, incubadoras de negócios, centros de pesquisa e laboratórios que criam um espaço favorável para compartilhar do mesmo ambiente, devido à colaboração entre seus participantes e as instituições parceiras.
- **Laboratórios** - espaço físico devidamente equipado para a realização de experimentos e pesquisas científicas diversas, dependendo do ramo da ciência para o qual foi planejado. Para ser considerado ideal ele precisa contar com os instrumentos e condições adequadas para oferecer segurança ao profissional.
- **Dicionários** - registro das formas faladas da língua que expressa à cultura de uma comunidade e atesta à existência de uma língua nacional, sua função principal é estabelecer definições para esclarecer significados e confirmá-los.
- **Enciclopédias** - sistema ou círculo completo de educação, ou seja, uma formação que abrange todos os ramos do saber. Pode-se definir como uma obra que trata de todas as ciências e artes do conhecimento do homem atual.
- **Feiras** - é uma exposição organizada de forma a que as empresas possam expor e demonstrar os seus novos produtos e serviços. Algumas feiras são abertas ao público, enquanto outras só podem ser frequentadas por profissionais do setor e membros da imprensa.
- **Exposições** - uma apresentação de objetos ao público. Pode ser exposições de arte, gado, cães, computadores ou exposições industriais, pinturas, desenhos, fotografias, esculturas, instalações, trabalhos em vídeo, som ou performances de artistas ou de grupos de artistas, assim como coleções de uma forma específica de arte.
- **Filmes** - é um produto audiovisual finalizado, com certa duração, para ser exibido no cinema, na televisão ou em algum outro veículo. Formado por uma série finita de imagens fixas, registradas sobre um suporte físico, projetadas a uma velocidade maior que a capacidade resolutiva da visão humana, dá ao espectador a sensação de movimento

- **Vídeos** - processamento de sinais eletrônicos, analógicos ou digitais, para capturar, armazenar e transmitir ou apresentar uma sucessão de imagens com impressão de movimento. Principalmente as diversas formas de gravar imagens eletronicamente em fitas analógicas e/ou digitais, ou outras mídias como cartões de memória, discos etc.
- **Fontes Históricas** - é tudo aquilo que é produzido pelo homem ou que traz vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. São fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também os que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante.
- **Livros** - é um volume transportável, composto por páginas encadernadas, contendo texto manuscrito ou impresso e/ou imagens que forma uma publicação unitária ou a parte principal de um trabalho literário, científico ou outro.
- **Internet** - é um conjunto de redes mundial, aonde *inter*, vem de internacional e *net* significa rede, ou seja, rede mundial de computadores. Portanto, *Internet* é uma rede de computadores interligada, que possibilita o acesso a informações em qualquer lugar do mundo.
- **Tabelas** - é um conjunto de dados dispostos em número finito de colunas e número ilimitado de linhas. As colunas são os *campos* da tabela, e caracterizam os tipos de dados que deverão constar na tabela. O número de linhas pode ser interpretado como o número de combinações de valores dos campos da tabela, e pode conter linhas idênticas, dependendo do objetivo.

6.3.3 Fontes de Informação Terciárias

As fontes terciárias têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e nas secundárias. Ou seja, ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo. São sinalizadores de localização ou indicadores de documentos primários ou secundários. Exemplos de fontes terciárias:

- **Bibliografia de Bibliografia** - é uma lista estruturada de referências a livros, documentos, artigos de periódicos, com características comuns, como por exemplo, o mesmo autor ou o mesmo assunto. É constituída por referências bibliográficas, ou seja, pela identificação de cada uma das obras que constitui a bibliografia, através de elementos como o autor, o título, o local de edição, a editora e outros.
- **Bibliotecas** - é todo espaço, seja ele concreto ou virtual que reúne coleção de informações de qualquer tipo, sejam livros, enciclopédias, dicionário, monografias, revista, folhetos etc., ou digitalizadas e armazenadas em CD, DVD e banco de dados.
- **Centros de Documentação** - é uma “memória coletiva”, um “armazém” de informações acumuladas ao longo dos tempos e que nos ajudam a compreender melhor o passado, descobrir o presente e a planejar o futuro. Para que seja considerado válido é necessário que o material existente esteja devidamente classificado, ordenado e arrumado, ou seja, que os exemplares existentes estejam catalogados segundo um sistema previamente estabelecido.
- **Revisões de Literatura** - localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa é um levantamento realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes. As revisões podem ser classificadas quanto ao propósito: analítica, de base; quanto à abrangência: temporais, temáticas; quanto à função: históricas, de atualização; quanto ao tratamento e abordagem: bibliográficas, críticas.
- **Guias Bibliográficos** - obras de referência feitas para ajudar os pesquisadores na busca de fontes de informação sobre um assunto específico. Descrevem também as necessidades de informação dos usuários, suas dificuldades na sua obtenção e as principais instituições de ensino e bibliotecas, dos serviços de indexação e resumo impressos e online, além de indicadores institucionais.

6.4 Outras Fontes de Informação Importantes

- **Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** - remonta do ano de 1990, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES). Foi a partir dessa iniciativa que, cinco anos mais tarde, foi criado o Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos

(PAAP). Oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a serem criadas as bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos.

Com o Portal, a Capes passou a centralizar e aperfeiçoar a aquisição desse tipo de conteúdo, por meio da negociação direta com editores internacionais. O conteúdo inicial do Portal contava com um acervo de 1.419 periódicos e mais nove bases referenciais em todas as áreas do conhecimento. O Portal se consolidou como uma ferramenta fundamental para as atividades de ensino e pesquisa no Brasil. Vantagens que ele oferece ao público usuário:

- ✓ ***Facilidade de acesso à informação científica:*** o Portal de Periódicos reúne em um único espaço virtual as melhores publicações do mundo. Com uma simples consulta feita pelo computador, usando critérios como autor, assunto ou palavra chave, é possível acessar, selecionar e recuperar as informações desejadas.
- ✓ ***Acesso a conhecimento atualizado:*** os artigos, livros e patentes que acabaram de ser publicados nos Estados Unidos, Ásia e Europa podem ser recuperados em tempo real por meio do Portal de Periódicos. São informações confiáveis e de alta qualidade, que permitem que o professor, pesquisador ou aluno fique sempre atualizado e produza trabalhos em sintonia com o melhor da produção científica mundial.
- ✓ ***Democratização do acesso à informação:*** com o Portal de Periódicos, um pesquisador vinculado a uma instituição de ensino superior na Amazônia tem acesso ao mesmo conhecimento que os colegas no Sul e Sudeste do Brasil e também dos concorrentes no exterior.

Trata-se, na verdade, do portal de bibliotecas com a maior capilaridade do mundo, cobrindo todo território brasileiro! Além disso, a centralização das assinaturas pela Capes possibilita economias de escala na negociação dos valores junto aos editores internacionais. Ganha, com isso, a sociedade brasileira, que paga bem menos para financiar a produção científica nacional. ***Inserção internacional do conhecimento científico:*** ao utilizar o Portal, o pesquisador tem acesso direto à produção dos autores, periódicos e sociedades internacionais mais conceituados da sua área. Isso garante densidade à sua produção acadêmica. Conhece ainda o

funcionamento da Ciência Mundial dentro da sua área de atuação. Essas informações são fundamentais para que ele também divulgue melhor a sua produção e passe a ser reconhecido internacionalmente.

- **Scientific Electronic Library Online (SciELO)** - é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A *SciELO* é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, em parceria com a Bireme - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O Projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico. Participam atualmente na rede *SciELO* os seguintes países: África do Sul, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Peru, Portugal, Venezuela; preparam a participação: Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Com o avanço das atividades do projeto, novos títulos de periódicos estão sendo incorporados à coleção da biblioteca. A interface *SciELO* proporciona acesso à sua coleção de periódicos através de uma lista alfabética de títulos, ou por meio de uma lista de assuntos, ou ainda através de um módulo de pesquisa de títulos dos periódicos, por assunto, pelos nomes das instituições publicadoras e pelo local de publicação. Propicia acesso aos textos completos dos artigos através de um índice de autor e um índice de assuntos, ou por meio de um formulário de pesquisa de artigos, buscando os elementos que o compõem, tais como autor, palavras do título, assunto, palavras do texto e ano de publicação.

- **Google** - *Google Inc.* é uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade pelo AdWords. Fundado em 4 de setembro de 1998, Menlo Park, Califórnia, EUA, com sedes em Mountain View, CA, Estados Unidos. Presidente: Larry Page e Fundadores: Larry Page, Sergey Brin
- **Google Acadêmico** - fornece uma maneira simples de pesquisar literatura acadêmica de forma abrangente. Você pode pesquisar várias disciplinas e fontes em um só lugar: artigos revisados por especialistas, teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas de pré-publicações, universidades

e outras entidades acadêmicas. Recursos do Google Acadêmico: Pesquisar diversas fontes em um só lugar; Localizar artigos, resumos e citações; Armazenar o artigo integral em sua biblioteca ou na web; Ficar sabendo sobre os artigos principais de qualquer área de pesquisa.

O Google Acadêmico classifica os resultados de pesquisa segundo a relevância. Contribui enormemente para aumentar a visibilidade do seu conteúdo no mundo todo. Ajuda usuários a utilizar os recursos da sua biblioteca e oferece uma solução que ajuda os usuários a localizar publicações acadêmicas em todos os recursos eletrônicos e impressos da sua biblioteca.

6.5 A Inserção dos Arquivos Como Fonte de Informação

A abordagem dos arquivos como fontes de informação nos leva a um universo singular e particular, embora haja semelhanças imediatas com outros campos da informação como as bibliotecas, os centros de documentação, os museus etc. Ou seja, a busca pela interface entre arquivos, bibliotecas, centros de documentação etc. pressupõe, portanto, que se reconheça suas singularidades. Mesmo tratando-se de um desafio, ainda que diferenciado, para o profissional e o usuário da informação. Ao longo do tempo o conceito de arquivo sofreu transformações, mas manteve inalteradas suas características básicas de conjunto orgânico produzido por uma dada atividade jurídico-administrativa, deixando sempre bem claro o caráter testemunhal do conjunto documental arquivístico e mantendo também a organicidade. Assim sendo, ficam claros dois níveis de informação mais importantes contidos nos arquivos, a informação contida no documento de arquivo isoladamente; e a informação contida no arquivo em si, naquilo que o conjunto, em sua forma, em sua estrutura, revela sobre a instituição ou sobre a pessoa que o criou.

A noção de informação arquivística é recente na literatura da área e ainda carece de verticalização teórica. Na verdade, a Arquivística tende a reconhecer os arquivos como seu objeto e não a informação arquivística. Em torno dessas duas perspectivas situam-se as escolas de pensamento mais conservadoras – ainda predominantes – e as mais renovadoras. De modo geral, a primeira tendência encontra acolhida nos arquivos públicos europeus e a segunda em escolas de Ciência da Informação de universidades dos Estados Unidos e Canadá. (CAMPELLO et al., 2005, p. 123)

A partir das divergências presentes nas diferentes escolas de pensamento da arquivística, é que se reconhece que algumas características mais comuns em qualquer organização como função e organização são a geração, o processamento técnico e a consulta a informações registradas decorrentes das suas atividades.

As organizações que produzem informação arquivística cumprem um ciclo que envolve sua produção, processamento, uso e estocagem levando-se em consideração dois contextos: o ambiente organizacional da sua produção e as instituições arquivísticas, que são responsáveis pela normalização da gestão de documentos nas fases corrente e intermediária. No contexto do ambiente organizacional de produção a informação arquivística passa pela produção, propriamente dita, pelo processo técnico, pelo uso do administrador, cidadão e pesquisador científico, pela estocagem das informações de uso corrente e intermediário, eliminação e transferência e/ou recolhimento para as instituições arquivísticas. Já as instituições arquivísticas seguem as etapas de recolhimento dos documentos de valor permanente, estocagem das informações de valor permanente e em alguns casos também de valor intermediário, processamento técnico e uso pelo cidadão e o pesquisador científico e ocasionalmente também pelo administrador.

Tudo isso é o que se pressupõe que seja o gerenciamento da informação arquivística, ou seja, o controle dessas etapas e a implementação de políticas arquivísticas.

No primeiro cenário, a informação arquivística encontra-se relacionada às demandas do processo decisório governamental (*arquivos correntes*). À medida que esta informação torna-se menos utilizada ao longo do processo decisório, tende-se a eliminá-la ou a conservá-la temporariamente (*arquivos intermediários*) gerenciados pela própria administração produtora ou pelas instituições arquivísticas. (...) Constituindo os arquivos permanentes, estes documentos têm sua guarda e acesso pelas instituições arquivísticas, justificados pelo seu uso para a pesquisa científica ou como fator de testemunho das ações do Estado e garantia de direitos dos cidadãos. (CAMPELLO *et al.*, 2005, p. 124 e 125)

Simultaneamente instrumentos e subprodutos das atividades institucionais e pessoais, os documentos arquivísticos constituem fontes primordiais de informação e prova para as suposições e conclusões relativas a estas atividades, criação, manutenção, eliminação e/ou modificação. De acordo com Duranti (*apud* CAMPELLO, 2005), dois pressupostos básicos determinam a habilitação probatória e informativa dos documentos arquivísticos: “a) que os

registros documentais atestam ações e transações, e b) que sua veracidade depende das circunstâncias de sua criação e preservação.” (1994, p. 51)

Analisando essas afirmativas pode-se chegar à identificação das características gerais dos documentos arquivísticos: a autenticidade ligada ao processo de criação, manutenção e custódia; a naturalidade atesta que os registros arquivísticos não são coletados artificialmente; a organicidade onde os documentos estabelecem relações no decorrer das atividades para as quais foram criados; a unicidade onde cada documento assume um lugar único na estrutura do grupo ao qual pertence. Portanto registros arquivísticos são as provas mais confiáveis das ações as quais se referem e essa confiança se deve às circunstâncias as quais foram criados e à necessidade das organizações de prestar contas.

O surgimento das instituições arquivísticas, como hoje as identificamos, iniciou-se com a criação, em 1789, do Arquivo Nacional da França. Criado inicialmente como arquivo da Assembleia Nacional é transformado, em 24 de junho de 1794, no estabelecimento central dos arquivos do Estado, ao qual foram subordinados os depósitos existentes nas províncias. Para estes depósitos, deveriam ser recolhidos os documentos produzidos pelos diferentes níveis da administração pública. (CAMPELLO *et al.*, 2005, p. 127)

Ao longo do tempo houve muitas transformações no que conhecemos hoje como instituições arquivísticas, isso teve um impacto bem relevante no seu perfil, assim como na Arquivística em si e nos profissionais da área o que nos leva a um estudo mais profundo na gestão da informação produzida pela administração pública. Isso por que a partir dessas transformações as instituições arquivísticas não mais se limitavam a receber, preservar e dar acesso aos documentos produzidos pelo Estado, elas assumiram a liderança e a responsabilidade na execução das políticas públicas relacionadas à gestão de documentos. Para muitos estudiosos, a Arquivística é uma ciência, já para outros trata-se de uma disciplina ainda marcada pelo empirismo e há ainda outros que a consideram uma disciplina científica sob profundas transformações. Estes confrontos de ideias têm se dado nos seguintes aspectos: na gestão da informação; no funcionamento dos serviços de informação arquivística; na identidade do arquivista; na formação profissional do arquivista; na produção de conhecimento arquivístico e nos marcos teóricos da área.

6.6 Arquivo: origem, características, finalidades e definições.

A informação pode ser encontrada através de diversas formas, dentre elas: a escrita, os desenhos, os símbolos, os gestos, os sons, as imagens, seja ela fixa ou em movimento, etc. Atualmente vivemos a realidade do “documento virtual”, um novo recurso bastante utilizado por causa da economia de recursos naturais, principalmente a madeira, que é a matéria prima na fabricação do papel. Tendo em vista essa preocupação mundial com a preservação do meio ambiente, vários órgãos governamentais, aqui no Brasil, colocaram em ambiente virtual os registros processuais, os procedimentos administrativos, as comunicações internas, as contestações, etc., descartando assim o uso indiscriminado de papel. Essa atitude contribuiu para a diminuição de acúmulo de documentos em suporte físico, redução do espaço físico para o armazenamento, além da economia de gastos com pessoal e com o dinheiro público. Porém nem todo documento que é produzido pelas instituições pode ser colocado em ambiente virtual, assim sendo o documento propriamente dito criado e recebido precisa ser guardado em algum lugar, surgindo daí a necessidade do arquivo, como local de guarda, como depósito de documentos.

Segundo os estudiosos, a palavra “arquivo” tem sua origem dividida em duas vertentes: uma diz que ela tem origem do grego, *arché*, que era o palácio dos magistrados, e depois passou a se chamar *archeion*, local de guarda dos documentos. Já a outra vertente diz que sua origem vem do latim *archivum*, que dizer local de guarda dos documentos dentre outros títulos. O termo arquivo tem várias acepções, e também é usado para designar: entidade, mobiliário, setor, repartição, conjunto de documentos, local físico designado para conservar o acervo, órgão do governo, título de periódicos, etc.

Consideram-se arquivos, para os fins desta lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. (BRASIL, 1991, não paginado)

Os documentos que são produzidos e conservados em um arquivo têm objetivos funcionais, são produzidos em um único exemplar ou em número limitado de cópias. Tem sua origem tanto no âmbito das relações internas e externas das instituições e/ou organizações,

públicas e/ou privadas, quanto nas atividades que são desempenhadas por uma pessoa física. Produzido ou recebido para atender a determinada finalidade específica, e futuramente vai servir como elemento probatório, testemunhal e informativo.

Diferentemente da Biblioteca e do Museu, a principal finalidade do Arquivo é servir como fonte de consulta à administração, pois sua essência é constituída de documentos produzidos e/ou recebidos pela entidade mantenedora do acervo, e pode com o passar do tempo, servir de base para o conhecimento da história. Sua função principal é tornar acessível e disponível a informação contida no acervo documental sob sua guarda aos diversos consulentes, e como função básica armazenar, guardar e conservar os documentos.

O Arquivo possui características bem particulares como:

- Ser constituído na maioria das vezes de um único exemplar ou de um número limitado de cópias;
- Seu conteúdo é exclusivamente formado por documentos produzidos e/ou recebidos por uma entidade, família, setor, repartição, pessoa, organismo ou instituição;
- Tem sua origem no desempenho das atividades que o gerou servindo de prova;
- Possui caráter orgânico, ou seja, a relação entre documentos de arquivos pertencentes a um mesmo conjunto.

Todos os documentos produzidos e/ou recebidos por órgãos públicos ou entidades privadas revestidas de caráter público são considerados arquivos públicos, seja qual for a esfera do governo: federal, estadual, do distrito federal e municipal. Segundo a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, Artigo 7º, Capítulo II, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências: “Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do distrito federal e municipal, em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias”.

O arquivo privado tem particularidades a serem observadas, podendo ser: Institucional como igrejas, clubes, associações; Pessoal como fotos de família, cartas, originais de trabalhos; e Comercial como companhias e empresas. Segundo o Artigo 11º, da Lei nº 8.159 de 8 de janeiro de 1991: “Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades”.

Entretanto a administração pública pode submeter-se ao regime jurídico de direito privado ou regime jurídico de direito público, ou seja, há arquivos de pessoas jurídicas de direito privado que são arquivos públicos e não arquivos privados, como é o caso dos arquivos das sociedades de economia mista (Ex. Banco do Brasil), e das empresas públicas (Ex. Caixa Econômica Federal).

6.7 O Curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba

De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP, elaborado pelos professores e consultores Maria Odila Fonseca e José Maria Jardim (Universidade Federal Fluminense - UFF), e a colaboração dos professores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB: Ana Andréia Vieira Castro de Amorim, Cássia Lobão de Assis, Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Jacqueline Echeverría Barrancos, Laura Helena Baracuh Amorim e Silvia Garcia Nogueira, o curso de Bacharelado em Arquivologia tem uma carga horária total de 2.904h (duas mil novecentas e quatro horas). As aulas são ministradas no Regime Escolar Semestral com uma entrada para dois turnos: Diurno e Noturno, e o número total é de 30 vagas para cada turno. Criado através da Resolução UEPB/CONSUNI/010/2006 – 29 de março de 2006, o curso tem duração distinta que é determinada de acordo com cada turno: Turno Diurno a duração mínima é de 4 anos e a máxima é de 6 anos; Turno Noturno a duração mínima é de 4 anos e meio e a máxima é de 7 anos.

O objetivo principal da implantação do curso no Estado da Paraíba é formar profissionais capazes de conhecer, intervir, implementar, desenvolver, inovar e analisar processos arquivísticos, elaborando programas de administração de documentos, de conservação e disseminação, fundamentados na preservação e manuseio da informação, alinhada a concepção de políticas locais, nacionais e internacionais, utilizando os avanços da tecnologia, com um alto sentido ético para servir a sociedade nos âmbitos civis, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos e culturais.

6.8 Profissão Arquivista

Criada e reconhecida através da Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, e regulamentada pelo Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978, como profissão de nível superior, vem se

desenvolvendo e se afirmando cada vez mais como área independente, embora em um ritmo um pouco mais lento do que a Biblioteconomia, com quem ainda disputamos algumas áreas do mercado de trabalho. A história da nossa profissão no Brasil teve influência das teorias europeia e norte-americana, o que contribuiu para o entendimento da parte que lhe cabe na jurisdição e do papel que vem desempenhando como membro do grupo de profissionais da informação. Porém essas teorias foram adotadas de forma distinta em todas as regiões do país, ou seja, há conceitos que diferem de uma região para outra quando se manifestam por meio de correntes que valorizam mais uma escola teórica do que outra.

A formação do profissional arquivista deve priorizar o desenvolvimento da capacidade de questionar, mudar, procurar, descobrir, inventar, modificar, melhorar, sentir, participar, arriscar, inovar e, sobretudo recriar, assim sendo, o arquivista assume ações técnicas e criativas que vão muito além daquelas características relacionadas a um mero guardador de papéis. O arquivista deve ser capaz de desenvolver pesquisas científicas, planejar e coordenar atividades relacionadas à produção, à gestão, à preservação e ao acesso às informações orgânicas, ou seja, produzir conhecimento, planejar e propor alternativas adequadas à realidade na qual vai atuar. Porém isso não significa dizer que o arquivista deva ser consultado cada vez que uma decisão precise ser tomada, porém a demanda contemporânea é de que o arquivista seja atuante no ciclo decisório que envolva os objetivos institucionais arquivísticos. Afinal atuar de forma pró-ativa significa antecipar as demandas e elaborar de forma eficiente os instrumentos que vão permitir aos clientes da informação o sucesso e a satisfação no que procura.

Segundo o Artigo 2º da Lei 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências:

São atribuições do Arquivista:

I – planejamento, organização e direção de serviços de Arquivos;

II – planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;

III – planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;

IV – planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;

V – planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;

VI – orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;

VII – orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;

VIII – orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;

IX – promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;

X – elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;

XI – assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;

XII – desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

(BRASIL, 1978, não paginado)

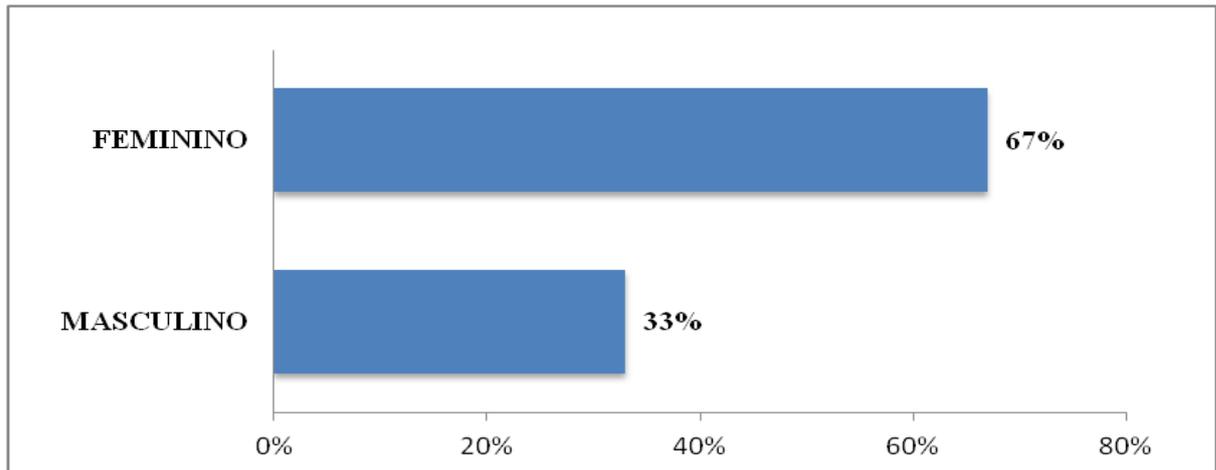
O campo de atuação dedicado ao arquivista é quase inesgotável, se considerarmos as necessidades de informação decorrente e da demanda cada vez maiores das complexas relações organizacionais tanto no âmbito público quanto no privado. Na administração pública é onde o arquivista encontra espaço bem mais amplo e privilegiado, tanto nas três esferas da federação quanto nos três poderes da República. Dessa forma, esse fato abre não só para o arquivista formado como também para o estudante de Arquivologia espaços profissionais e de treinamento, através dos estágios, e em serviços e instituições arquivísticas no âmbito dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na administração pública federal, estadual e municipal.

Na esfera privada as possibilidades de trabalho também são amplas, incluindo empresas em todas as áreas do comércio e da indústria; universidades e escolas privadas; associações profissionais e sindicatos; associações recreativas e clubes; associações esportivas; partidos políticos; entidades religiosas; escritórios de advocacia; escritórios de arquitetura e engenharia; hospitais, clínicas e consultórios médicos. Por outro lado temos ainda, os centros de documentação, os centros de memória e os centros de informação também oferecem campo de trabalho para o profissional arquivista. E além desses espaços que são classicamente associados à prática arquivística, hoje é possível encontrar arquivistas associados a projetos de pesquisa nas mais diversas áreas. É muito importante observar que a atuação profissional do arquivista vai ainda muito além de tudo isso, sob a forma de consultoria e assessoria técnica.

7 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

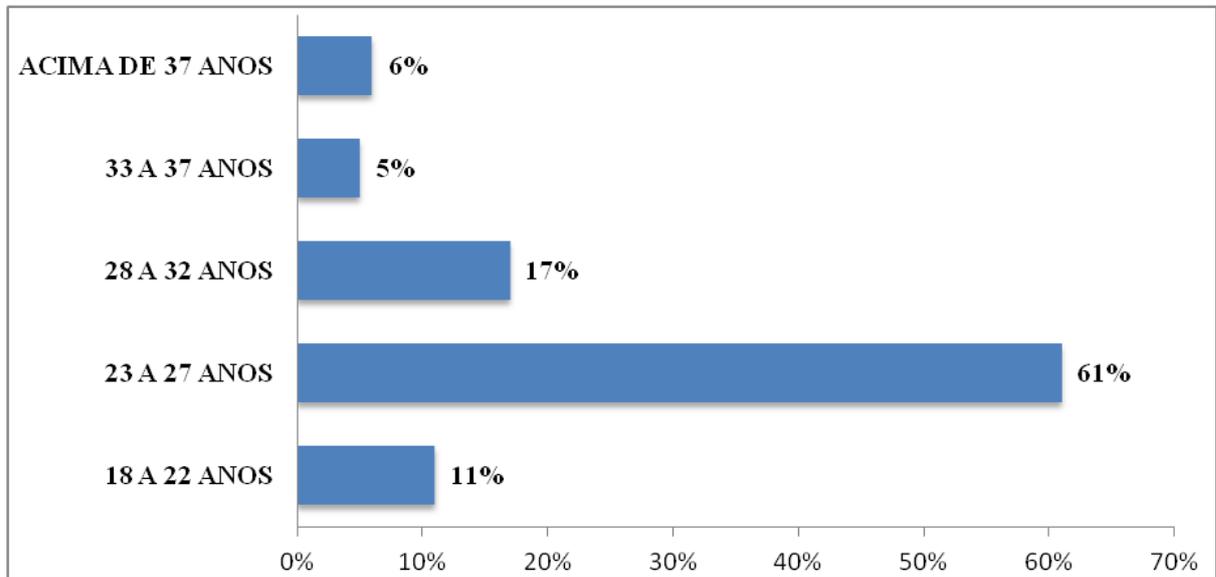
7.1 Identificação do Perfil dos Discentes Pesquisados

GRÁFICO 1: Gênero



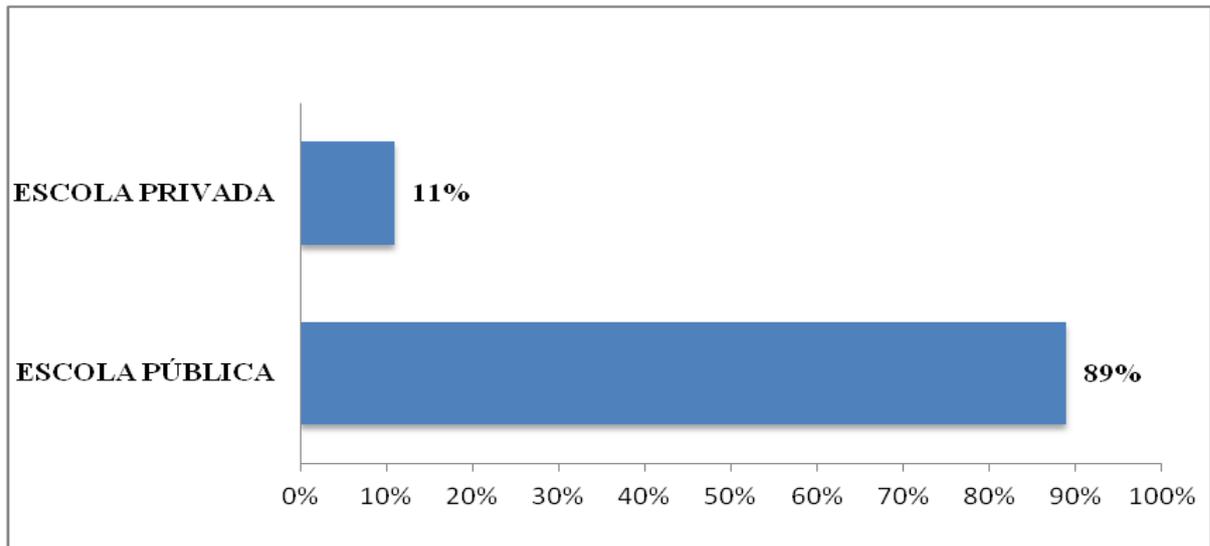
FONTE: Dados da pesquisa (2014)

Em observação ao gráfico 1, foi possível perceber que do total de 18 discentes do Curso de Bacharelado em Arquivologia, regularmente matriculados no 9º período do semestre letivo 2014.1, respondentes da pesquisa, 67% são do gênero feminino e 33% são do gênero masculino. Esse resultado mostra que a maioria dos discentes que estão na fase de conclusão do curso é composta por mulheres, confirmando assim as conquistas das mulheres em vários setores e segmentos da sociedade ao longo do tempo.

GRÁFICO 2: Faixa Etária

FONTE: Dados da pesquisa (2014)

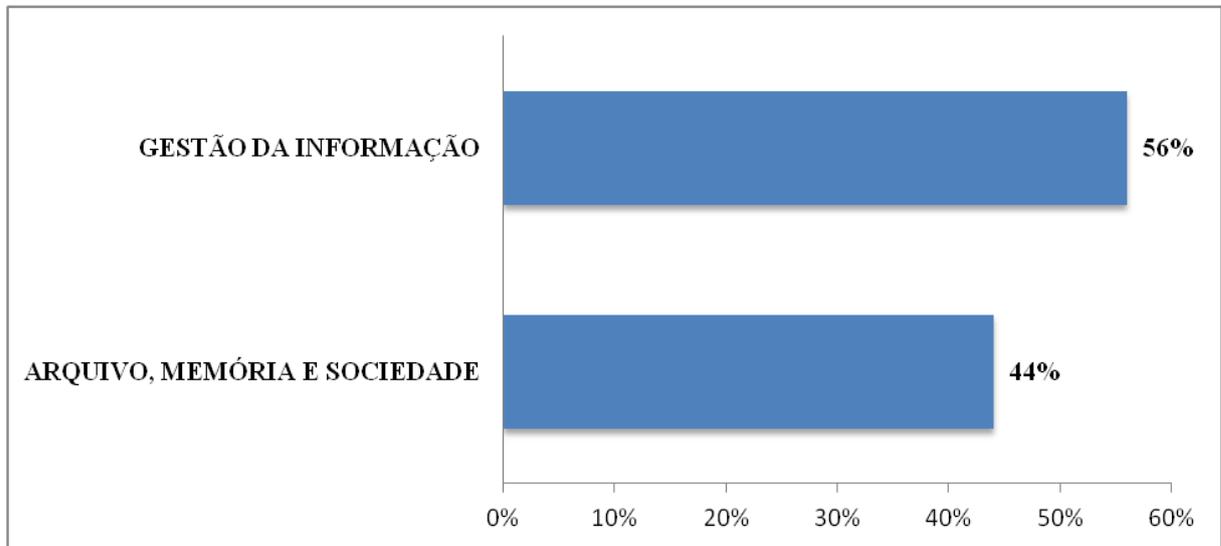
Em relação à faixa etária, no gráfico 2, é mostrado que 6% dos discentes estão acima dos 37 anos, 5% têm entre 33 a 37 anos, 17% têm entre 28 a 32 anos, 61% têm entre 23 a 27 anos e 11% 18 a 22 anos. Nessa situação constatamos que a maioria dos indivíduos pesquisados que estão regularmente matriculados no 9º período do semestre 2014.1, tem entre 23 a 27 anos. De acordo com este resultado chegamos à conclusão de que pelo menos no Curso de Bacharelado em Arquivologia os discentes pesquisados entraram na universidade um bom tempo depois de concluir o ensino médio, que normalmente acontece por volta dos 16 aos 18 anos.

GRÁFICO 3: Escola que concluiu o ensino médio.

FONTE: Dados da pesquisa (2014)

Em relação ao tipo de escola na qual os discentes pesquisados concluíram o ensino médio, 11% concluíram em escola privada e 89% em escola pública. O resultado mostrado no gráfico 3, confirma que a maioria dos discentes do Curso de Bacharelado em Arquivologia é proveniente das escolas públicas e em consequência disso procuram também as universidades públicas para concluírem o ensino superior.

GRÁFICO 4: Linha de pesquisa na qual o trabalho de conclusão de curso está vinculado.

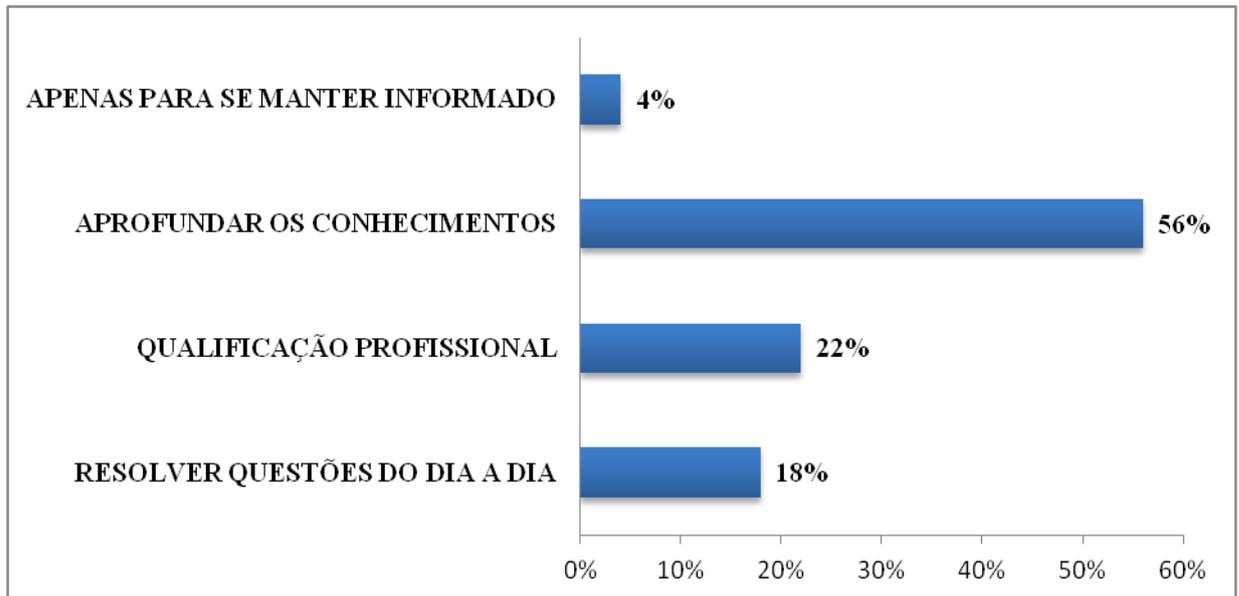


FONTE: Dados da pesquisa (2014)

Com relação à linha de pesquisa do Projeto Político Pedagógico - PPP do Curso de Graduação na qual o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC está vinculado, o gráfico acima nos mostrou que 56% seguem a linha da gestão da informação e 44% seguem a linha de arquivo, memória e sociedade. Um resultado equilibrado entre as linhas de pesquisas, a gestão da informação que está concentrada em temáticas relacionadas à gestão da informação em si e do conhecimento em contextos organizacionais, dando ênfase a questões como o acesso a informação, preservação da informação, políticas de informação, serviços de informação arquivísticos, tecnologias para gestão do conhecimento e avaliação de sistemas de informações organizacionais. Já a linha arquivo, memória e sociedade está essencialmente concentrada na gestão de arquivos: temporários, correntes e permanentes que visam representar as práticas nas organizações públicas e privadas, mediante a preservação e conservação de documentos. E também tem sua contribuição nos trabalhos de resgate e recuperação de memória de biografias, aspectos sócias, culturais, políticos e econômicos.

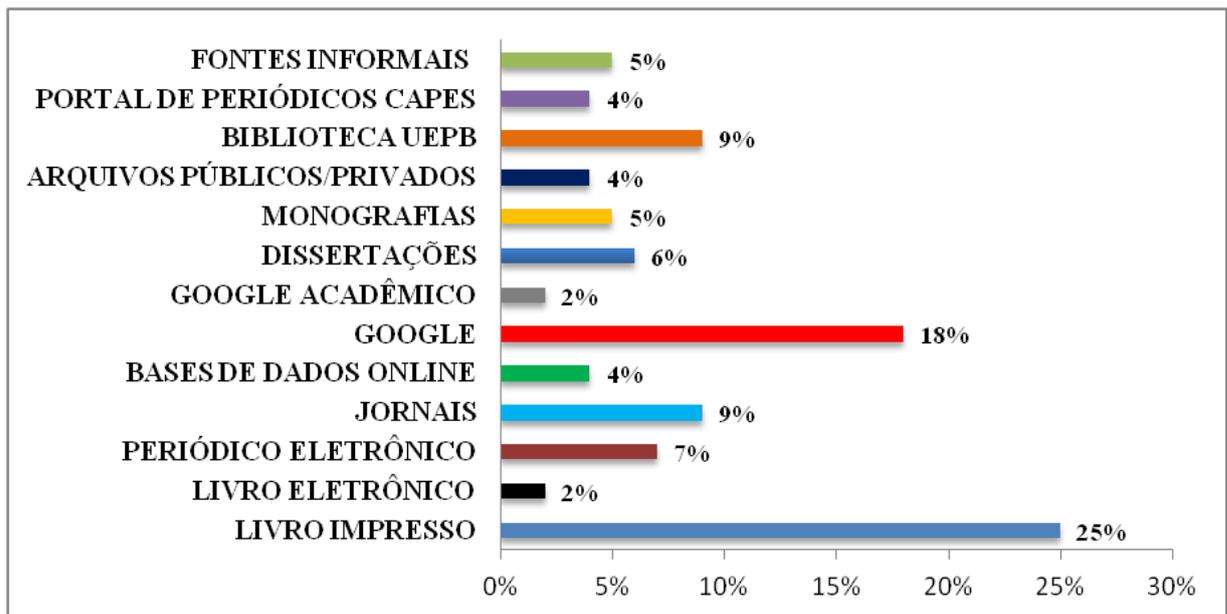
7.2 Análise do Uso das Fontes de Informação pelos Discentes de Arquivologia da UEPB

GRÁFICO 5: Intuito no qual os discentes pesquisados buscam informação.



FONTE: Dados da pesquisa (2014)

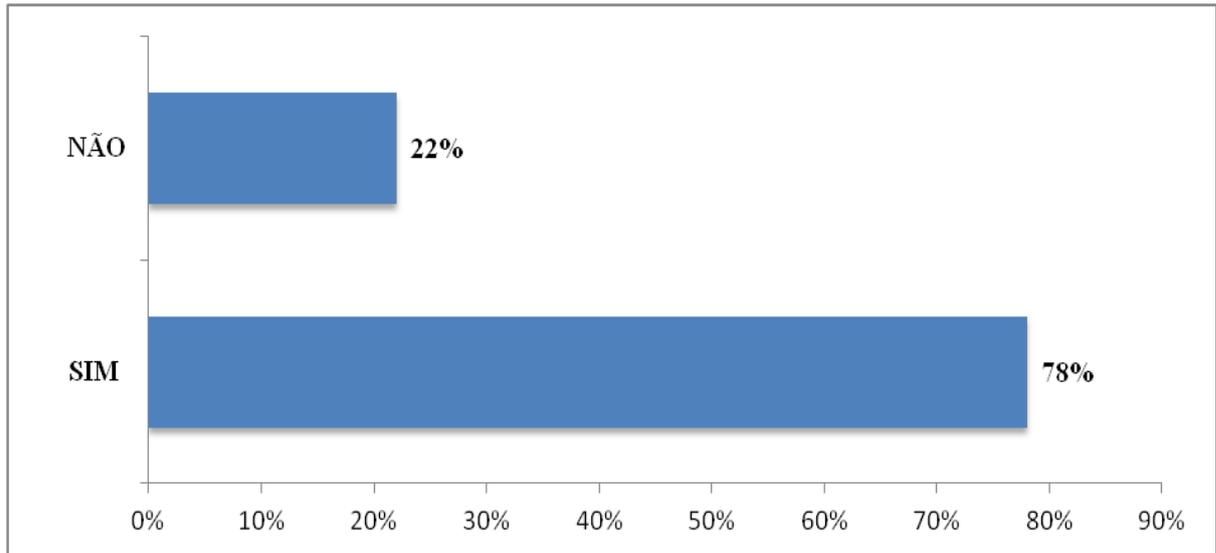
No gráfico 5, é mostrado o intuito no qual os discentes pesquisados buscam informação, 4% responderam que buscam informação apenas para se manterem informados, 56% para aprofundar os conhecimentos, 22% para a qualificação profissional e 18% para resolver questões do dia a dia. Dessa forma a maioria dos indivíduos, 56%, busca a informação com objetivo de aprofundar os conhecimentos, isso se deu pelo fato de nós enquanto sociedade ter a sede de saber, de procurar, de conhecer o desconhecido, ou seja, de se manter cada vez mais informada e participativa não só numa determinada área do conhecimento, mas em todas as áreas que forem possíveis alcançar.

GRÁFICO 6: Fontes preferidas pelos discentes pesquisados.

FONTE: Dados da pesquisa (2014)

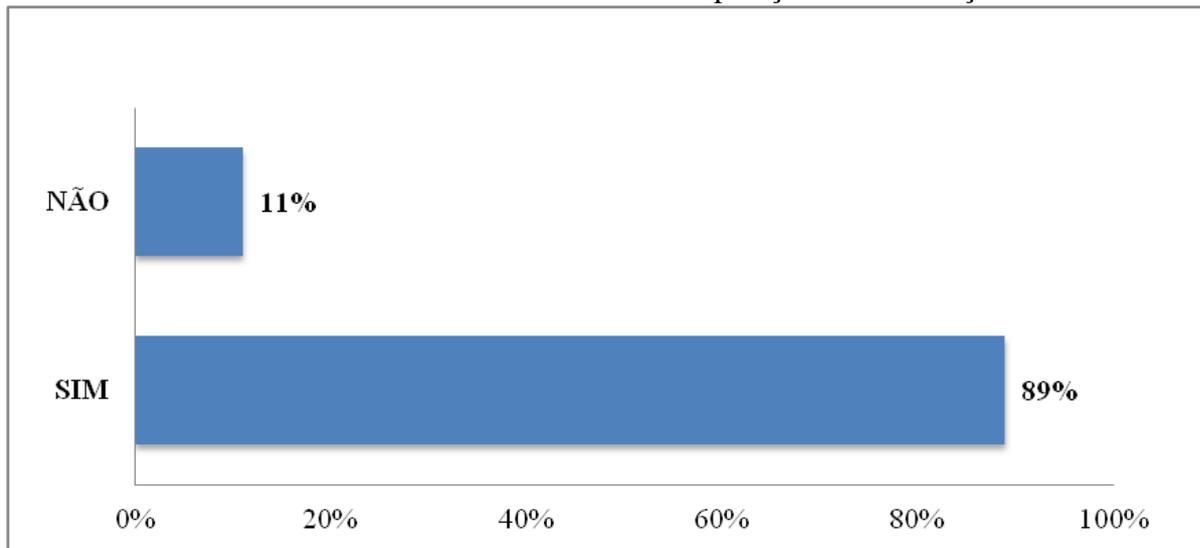
Em relação às fontes preferidas, os discentes pesquisados tiveram a opção de escolher de 1 a 3 fontes que mais costumam consultar. Assim sendo no gráfico 6, é mostrado que 5% preferem as fontes informais, 4% Portal de Periódicos CAPES, 9% Biblioteca da UEPB, 4% arquivos públicos e/ou privados, 5% monografias, 6% dissertações, 2% Google acadêmico, 18% Google, 4% base de dados online, 9% jornais, 7% periódico eletrônico, 2% livro eletrônico e a maioria surpreendente nessa pesquisa, 25% ainda preferem o livro impresso. Mesmo com o advento da *Internet*, que abre um mundo de possibilidades, em relação à busca da informação, em poucos segundos com apenas um *click* na tela do computador, surpreende saber que o livro impresso ainda é a fonte de informação preferida e mais consultada pelos discentes pesquisados.

GRÁFICO 7: Informação que já precisou acessar em Arquivo público, privado e outros.



FONTE: Dados da pesquisa (2014)

Com relação a informações que os discentes pesquisados já tiveram a necessidade de acessar em arquivos públicos, privados e outros, o gráfico acima nos mostra que 22% disseram não que precisaram acessar informação em arquivos e 78% afirmaram que acessaram e acessam informação em arquivos. Justificando o acesso à informação em arquivos, dos 18 discentes pesquisados, 1 afirmou que nunca precisou acessar para fins acadêmicos, 9 afirmaram que acessaram para fins acadêmicos para elaborar trabalhos dos componentes curriculares, 3 para elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, 2 afirmaram que acessam o arquivo da instituição onde trabalha, 1 afirmou que acessou na instituição onde fez estágio, 1 acessou para o elaborar projeto de pesquisa e 1 acessou por curiosidade. Esse resultado deixou evidente que o acesso à informação em arquivos seja ele público ou privado é constante mesmo que seja apenas por curiosidade, porém a maioria consulta essa informação em virtude dos trabalhos acadêmicos, isso se deu pelo fato do curso de Arquivologia está sendo bem mais divulgado atualmente, até mesmo pelo fato de ter duas universidades no Estado da Paraíba que oferecem o curso, fazendo com que as instituições abram suas portas para nós profissionais com menos receio.

GRÁFICO 8: Êxito na busca e/ou recuperação da informação.

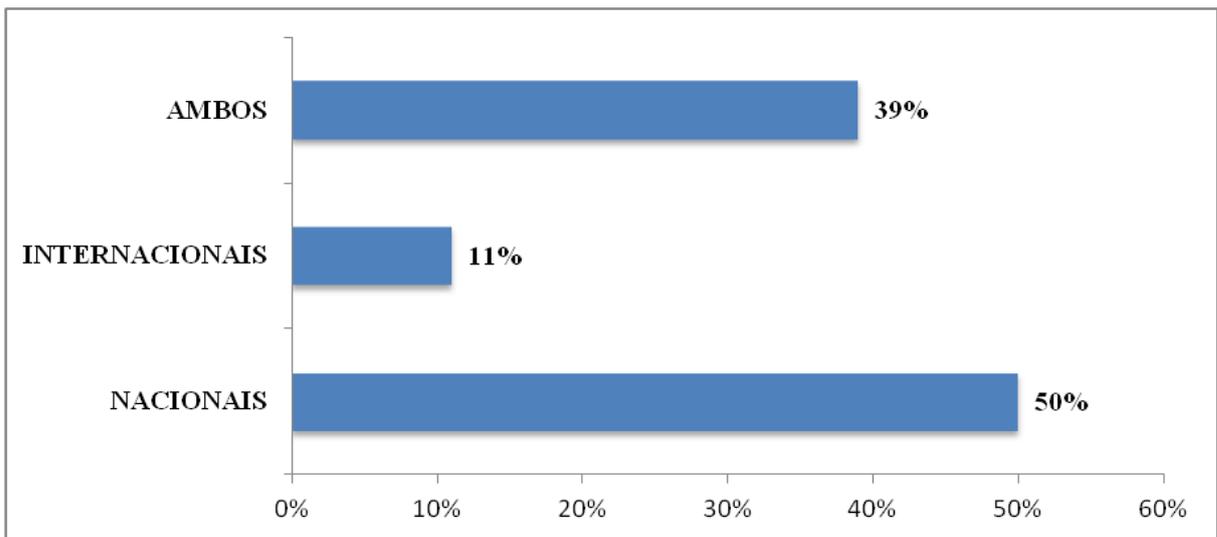
FONTE: Dados da pesquisa (2014)

No gráfico 7, procuramos saber dos discentes pesquisados se já tiveram a necessidade de acessar informação em arquivos públicos e privados, já no gráfico acima procuramos saber se tinham êxito na busca e/ou recuperação dessa informação. Assim sendo 11% afirmaram que não tiveram êxito e 89% afirmaram que tiveram êxito. A razão pela qual 11% dos discentes pesquisados não terem êxito na busca e/ou recuperação da informação em arquivos deve-se ao fato de muitas instituições ainda terem certa reserva em abrir seus arquivos, de divulgarem informações consideradas sigilosas para nós arquivistas. Já no caso dos 89% deve-se a divulgação do curso, do que faz e como trabalha o profissional arquivista, que existem leis que regulamenta a profissão, que resguarda o sigilo da informação que vamos manusear etc.

Continuando com os resultados e a análise de dados, procuramos saber numa pergunta fechada de número 9 do questionário o seguinte: “Em sua opinião, é importante ter material de apoio de várias fontes de informação que sirvam como guia durante as aulas e como material de consulta pós-aula, para estudar para provas e complementar trabalhos?”, com duas opções de resposta: sim ou não. Nesse caso 100% dos discentes pesquisados afirmaram que sim. Ou seja, só o que é exposto em sala de aula não é suficiente para satisfazer a necessidade informacional dos discentes pesquisados, sendo necessário recorrer a várias outras fontes de informação que estejam disponíveis e que também foram citadas nas perguntas seguintes do mesmo questionário.

Seguindo, procuramos saber também na pergunta fechada de múltipla escolha de número 10 do questionário, o seguinte: “Quanto à disponibilidade de um material de apoio de fontes de informação facilita a sua vida acadêmica?”, com três opções de resposta: 1. Facilita bastante; 2. Facilita um pouco; 3. Não facilita, pois procuro outras fontes. Nessa pergunta, dos 18 discentes pesquisados, 17 responderam que “facilita bastante”, 1 respondeu que “facilita pouco” e ninguém optou pela terceira opção de resposta.

GRÁFICO 9: Periódicos mais pesquisados na área da Ciência da Informação.



FONTE: Dados da pesquisa (2014)

No gráfico acima podemos ver quais periódicos são mais consultados pelos discentes pesquisados, 39% afirmaram que consultam tanto periódicos nacionais quanto internacionais, 11% afirmaram que consultam os periódicos internacionais e 50% afirmaram que consultam periódicos nacionais. Finalizando o questionário pedimos para que os discentes pesquisados citassem os títulos dos periódicos que mais consultavam. Dentre os 18 discentes pesquisados, os títulos foram citados da seguinte forma: 5 citaram o Portal de Periódicos CAPES, 3 a Revista Ponto de Acesso, 3 a Revista Ciência da Informação, 2 a Revista Arquivo e Administração, 1 a Revista DataGramZero, 1 a Revista Informação Arquivística, 1 a Revista Informação e Sociedade, 1 a Revista Arquivística.net e 1 a Revista Acervo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos sempre aprendendo algo na nossa vida, aprendemos sobre nós mesmos e sobre o mundo de várias maneiras: observamos, ouvimos, lemos e experimentamos, e assim aumentamos nosso conhecimento. A busca da informação é o processo pelo qual o indivíduo procura informação de modo que seu estado de conhecimento venha mudar sempre para melhor, ou seja, é um processo humano e social por meio do qual a informação se torna útil para o indivíduo. Por essa razão usamos o sistema de comunicação que compreende os canais formais e informais, usados para comunicar resultados e informar sobre outros resultados já obtidos e alcançados por outros pesquisadores. A informação é a base da decisão, é com ela que aprendemos e podemos questionar e elaborar novas hipóteses e possibilidades, e assim diminuir a margem de erro e ampliar os acertos.

Porém para que a busca da informação tenha êxito dependemos de nosso conhecimento das fontes de informação de experiências passadas, ou seja, fontes de informação que já foram muito usadas antes ou fontes de informação menos conhecidas que podem se revelar capazes de fornecer informações relevantes. Todavia, a fonte de informação a ser selecionada depende da acessibilidade, que implica a quantidade de esforço e tempo necessários para encontrar e usar uma fonte, e da qualidade da informação que ela possa oferecer.

De forma geral a busca da informação através das fontes que temos disponíveis está sendo alcançada de maneira satisfatória. Porém isso não quer dizer que não existe dificuldades e lacunas informacionais nas fontes consultadas pelos alunos. Ainda é preciso melhorar muito no que diz respeito à bibliografia na nossa área. Isso por que a informação sofre transformações, tanto na produção, quanto no uso e conservação, surgindo assim à necessidade de gerenciá-la e organizá-la para que possa ser buscada de maneira eficiente e eficaz, e, fazer disso um recurso imprescindível para desenvolver as funções sociais, científicas e tecnológicas da Sociedade.

Entretanto a explosão da informação através de vários meios de comunicação apontou também a ausência e a necessidade de profissionais qualificados para manusear a informação de maneira correta. Profissionais capazes de conhecer, intervir, inovar e enfrentar com competência e criatividade o processo de tratamento da informação. É ai que entra o profissional Arquivista com suas atribuições regulamentadas em lei, e com o campo de

atuação inesgotável, tanto âmbito público quanto no privado. Com a missão de gerenciar a informação decorrente e da demanda cada vez maiores das complexas relações organizacionais. Já que cada organização ou instituição tem um arquivo com suas particularidades. Dessa forma, a criação do Curso de Bacharelado em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba dentro da perspectiva do crescimento e expansão da política de Educação do Governo do Estado deu origem a uma vertente contemporânea que acabou refletindo a necessidade de se manter uma relação entre a Sociedade e a Arquivologia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (AAERJ). Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/a-profissao/links/periodicos-cientificos/>> . Acesso em: 09 maio 2014

BRASIL. **Lei n. 8.159, de 08 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jan. 1991. Não paginado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8159.htm>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BRASIL. **Lei n. 6.546, de 4 de julho de 1978.** Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 jul. 1978. Não paginado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6546.htm>. Acesso em: 20 Jun. 2014.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 319p.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **Introdução às fontes de informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo - um modelo de uso da informação. In: _____ **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimentos e tomar decisões. Tradução Eliana Rocha. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Histórico.** Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=historico&mn=69&smn=87>. Acesso em: 27 maio 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2010. 182 p.

DURANTI, Luciana. **Registros documentais contemporâneos como provas de ação**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, jan/jun. 1994.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários da informação. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.southernct.edu/~brownm/eCV/ISI/Sueli.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2010.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **Estudos de necessidades de informação: dos paradigmas tradicionais à abordagem do sense-making**. 1997. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/sense/textos/sumar.htm>>. Acesso em: 06 nov.2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOOGLE. Disponível em: <<https://www.google.com.br/>>. Acesso em: 27 maio 2014.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: < <http://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/about.html>> Acesso em: 27 maio 2014.

JARDIM, José Maria. FONSECA, Maria Odila. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 06 nov.2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2011.

RODRIGUES, George Melo. **Arquivologia: coleção tribunais**. 2. ed. revista, ampliada e atualizada. Salvador: Editora JusPodivm, 2012.

SANTOS, Vanderlei Batista dos *et al.* **Arquivística temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. 2 ed: Brasília: SENAC, 2008.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SCIELO). Disponível em:

<<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=en>>. Acesso em 27 maio 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquivologia**. João Pessoa, 2006.

APÊNDICE

Apêndice A: Instrumento de Coleta de Dados

Questionário

Você está convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **AS FONTES DE INFORMAÇÃO E PESQUISA NO CONTEXTO DO USO E USUÁRIO NO ÂMBITO DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA DO CAMPUS V DA UEPB.**

Os dados aqui fornecidos só serão utilizados para fins de trabalho acadêmico. Esta pesquisa tem a orientação da **Prof^ª Ma. Esmeralda Porfírio de Sales**, e como orientanda a graduanda **Aline dos Santos Monteiro**.

PARTE I – DADOS DOS DISCENTES

1 – Gênero

Masculino

Feminino

2 – Faixa Etária

18 a 22 anos 23 a 27 anos 28 a 32 anos 33 a 37 anos Acima de 37 anos

3 – Em qual escola concluiu o Ensino Médio?

Escola Pública

Escola Privada

4 - Em qual linha de pesquisa do Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso está vinculado?

Arquivo, Memória e Sociedade

Gestão da Informação

PARTE II - USO DE FONTES DE INFORMAÇÃO

5 – Você busca informação com qual intuito?

Resolver questões do dia a dia

- Qualificação profissional
- Aprofundar os conhecimentos
- Apenas para se manter informado

6- Conforme as convenções abaixo selecione de 1 a 3 fontes na ordem de sua preferência:

- Livro Impresso
- Livro Eletrônico
- Periódico Impresso
- Periódico Eletrônico
- Dicionários
- Jornais
- Bases de Dados Online
- Google
- Google Acadêmico
- Dissertações
- Monografias
- Arquivos Públicos/Privados
- Bibliotecas da UEPB
- Portal de Periódicos da CAPES
- Fontes Informais (Ex. conversas com colegas, e-mail, redes sociais)
- Outros.

Especifique: _____

7 – Você já acessou alguma informação em que precisou pesquisar em um arquivo, seja ele público, privado ou outros?

- Sim Não

Justifique: _____

8 – Você costuma ter êxito na busca e/ou recuperação da informação que necessita, ou seja, consegue encontrar o que procura?

Sim

Não

9 – Em sua opinião, é importante ter material de apoio de várias fontes de informação que sirvam como guia durante as aulas e como material de consulta pós-aula, para estudar para provas e complementar trabalhos?

Sim

Não

10 - Quanto à disponibilidade de um material de apoio de fontes de informação facilita a sua vida acadêmica?

Facilita bastante

Facilita um pouco

Não facilita, pois consulto outras fontes

11 - Quais Periódicos na área da Ciência da Informação costuma pesquisar?

Nacionais

Internacionais

Ambos.

Cite os títulos: _____

ANEXOS

Anexo A

Projeto Político Pedagógico

PPP

Curso de Bacharelado em

Arquivologia da

Universidade Estadual da Paraíba

UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS V
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - ARQUIVOLOGIA

1 IDENTIFICAÇÃO

Nome do Curso: Arquivologia

Código do Curso: 53

Titulação: Arquivista

Modalidade: Bacharel

Carga horária total: 2.904h

Regime Escolar: Semestral com uma entrada para os turnos: Diurno e Noturno

Nº de Vagas: 30 para cada turno

Criação: Resolução UEPB/CONSUNI/010/2006 – 29 de março de 2006

Duração do Curso: Turno Diurno

-Duração mínima do curso: 4 anos.

-Duração máxima do curso: 6 anos.

Turno Noturno

-Duração mínima do curso: 4 anos e meio.

-Duração máxima do curso: 7 anos.

Regulamentação Profissional

A profissão do arquivista foi criada pela Lei 6.546, de 4 de julho de 1978, regulamentada pelo decreto nº 82.590, de 06 de novembro de 1978.

2 COMISSÃO DA ELABORAÇÃO DO PROJETO

Este projeto político-pedagógico foi elaborado pelos professores e consultores Maria Odila Fonseca (UFF) e José Maria Jardim (UFF), com a colaboração dos professores da Universidade Estadual da Paraíba:

- Ana Andréia Vieira Castro de Amorim
- Cássia Lobão de Assis
- Irene Rodrigues da Silva Fernandes

- Jacqueline Echeverría Barrancos
- Laura Helena Baracuh Amorim
- Silvia Garcia Nogueira

3 HISTÓRICO DO CURSO

Numa perspectiva de crescimento e expansão da política de Educação do Governo Estadual, definida no Plano Educacional, a Universidade Estadual da Paraíba criou o Curso de Bacharelado em Arquivologia em 29 de março de 2006 pela Resolução UEPB/CONSUNI/010/2006.

No processo histórico, verifica-se que o Curso de Arquivologia, nasce de uma vertente contemporânea que reflete a real necessidade de manter um vínculo mais estreito com a sociedade, mediante a oferta de vagas públicas e gratuitas num momento decisivo em que o Governo do Estado da Paraíba aposta como meta prioritária na Educação.

A esse respeito, o novo curso de Arquivologia pressuposto do gerenciamento da informação documental e eletrônica como recurso essencial para o desenvolvimento científico, tecnológico e social, busca fundamentar-se nas diretrizes curriculares do Conselho Federal de educação e da Resolução/UEPB/CONSEPE/13 /2005.

Para tal, constatou-se que a Resolução nº 28/74 do Conselho Federal de Educação fixa as matérias do currículo mínimo do Curso de Graduação em Arquivologia, a saber Introdução ao Estudo do Direito, Introdução ao Estudo da História, Noções de Contabilidade, Noções de Estatística, Arquivo I – IV Documentação, Introdução à Administração, História Administrativa, Econômica e Social do Brasil, Paleografia e Diplomática, Introdução à Comunicação, Notariado. Uma língua estrangeira moderna. A Resolução fixa, ainda, que o curso será ministrado com um mínimo de 2.160 horas-aula, distribuídas entre 3 e 5 anos, incluindo-se o estágio supervisionado em instituição especializada, com 10% do total das horas previstas.

Em termos históricos nesses últimos 34 anos, verifica-se que já foram criados 10 cursos regulares de formação arquivista e em nível de graduação, a saber:

- Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO (1977)
- Universidade Federal de Santa Maria (1977)
- Universidade Federal Fluminense (1978).
- Universidade de Brasília (1991)
- Universidade Federal da Bahia (1998)
- Universidade Federal do Espírito Santo (1998)
- Universidade Estadual de Londrina (1998)
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999)
- Universidade do Estado de São Paulo (2003)
- Universidade do Estado da Paraíba (2006)

Por outro lado, a Resolução/UEPB/CONSEPE/13/2005, de acordo com o Art. 2º e inciso I, define que o projeto pedagógico deverá refletir a dimensão política que deve orientar a formação profissional.

Sendo assim, é importante acrescentar, no âmbito deste Projeto Político Pedagógico, o fato de que a profissão do arquivista é regulamentada pela Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, a qual estabelece, no seu artigo primeiro, que o exercício da profissão de Arquivista só será permitido aos diplomados no Brasil por curso superior de Arquivologia, reconhecido na forma da lei.

4 JUSTIFICATIVA

No plano nacional e internacional, o cenário informacional contemporâneo, mesmo considerando suas desigualdades, pressupõe o gerenciamento da informação arquivística como recurso essencial para o desenvolvimento científico e tecnológico. Paralelamente, emergem novas possibilidades de políticas e práticas arquivísticas associadas aos direitos à informação e à memória social.

As diversas transformações nos modos de produção, uso e conservação da informação têm redefinido as funções sociais, científicas e econômicas do arquivista. Nesse contexto, a criação do curso de Arquivologia na Universidade Estadual da Paraíba poderá contribuir diretamente não apenas para a adequada inserção do arquivista no mercado de trabalho estadual, mas também regional, preenchendo uma lacuna cuja existência compromete o desempenho de organizações públicas e privadas da Paraíba e região nordeste.

Assim, justifica-se a criação de um Curso de Arquivologia pela necessidade de aumentar a oferta de profissionais devidamente habilitados ao exercício profissional em todos os seus âmbitos, inclusive o legal.

Por outro lado, o curso possibilitará ampliar a produção de conhecimento científico em Arquivologia, além de favorecer o debate sobre as políticas públicas de informação e seu entrecruzamento com as políticas públicas de cultura e de ciência e tecnologia na Paraíba.

Dessa forma, atender-se-á às disposições presentes na Resolução UEPB/CONSEPE/13/2005, no que se refere à conexão com a conjuntura regional/nacional, em íntima relação com as mudanças em ocorrência na sociedade, em seus diferentes níveis e as necessidades do mercado de trabalho.

Ao criar o curso de Arquivologia, a UEPB favorece as iniciativas nas quais os arquivistas desempenham um papel fundamental de assegurar ao cidadão o direito à informação.

5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Como forma de desenvolver um projeto pedagógico que contemple as diretrizes curriculares nacionais sem perder de vista os princípios orientadores da linha de formação específica que contemplam as particularidades da região do Nordeste e a filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, este projeto político-pedagógico encontra-se norteado por três eixos fundamentais a saber:

De um lado, os princípios norteadores das **Diretrizes Curriculares** para o Curso de Arquivologia; como base de conhecimento; de outro, as principais **características do arquivista contemporâneo**, levando-se em conta as tendências no contexto nacional e internacional calcadas na moral e na ética e o terceiro eixo, **a concepção filosófica** estabelecida pela UEPB na já citada Resolução, que disciplina a elaboração dos seus currículos, que considera o caráter interdisciplinar do currículo, a refletir a dimensão política embasada no paradigma sistêmico da formação profissional; a indissociabilidade do ensino da pesquisa e da extensão; o trabalho como princípio educativo gerador de uma formação técnico-profissional eficiente, apoiada em suas relações sociopolíticas e culturais.

Assim se tem como horizonte de formação, um profissional com domínio do conteúdo e prática de seu objeto de trabalho, devidamente cômico e comprometido, como cidadão, agente de transformação da sociedade e da história do campo do conhecimento.

Esses eixos entrecruzam-se, demarcando um campo conceitual e prático no qual se assenta este projeto.

Conforme as Diretrizes Curriculares para o Curso de Arquivologia, o arquivista deve “ter o domínio dos conteúdos da Arquivologia e estar preparado para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, particularmente as que demandem intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural.” (Parecer CNE/CES 492/2001).

Dessa forma, a Arquivologia tem sido modificada em diversos níveis, especialmente a partir dos anos 90, com a ampliação do uso de tecnologias da comunicação e informação e a emergência de novas formas de produção, uso e transferência da informação arquivística. Esse novo quadro histórico, provocou impactos:

- no funcionamento dos serviços de informação arquivística;
- na identidade profissional do arquivista;
- na sua formação profissional;
- na produção de conhecimento arquivístico.

Como mencionado por Jardim (2006),

“... não é possível analisar a dimensão educativa da Arquivologia sem considerarmos o percurso, dentro e fora do Brasil, da Arquivologia como campo do conhecimento. Essa dimensão educativa em seus diversos níveis de formação -na graduação ou na pós-graduação - é historicamente parte da Arquivologia. Pensarmos a Arquivologia como área científica significa também pensarmos como essa área forma os membros que a produzem e a reproduzem como campo do conhecimento, ou dito de outra maneira, como são formados os membros dessa comunidade profissional. Neste sentido, é importante levarmos em conta que não existe um padrão universal de formação de arquivista, tanto quanto não existe uma definição universal do que é um arquivista. Se pretendemos refletir sobre a formação dos arquivistas hoje, a dimensão educativa da Arquivologia merece ser analisada historicamente e à luz das transformações que a área vivencia atualmente. Não é possível desassociar a história da Arquivologia da maneira pela qual ela forma os seus profissionais. Não é possível desassociar esse aspecto educativo da forma pela qual a formação profissional do arquivista se insere no conjunto das atuais transformações da Arquivologia. Essas transformações são de uma velocidade muito maior que as alterações anteriores da Arquivologia. ... O grande desafio hoje, ao tentarmos educar alguém para exercer qualquer área do conhecimento -não apenas na Arquivologia -é o de formarmos profissionais disponíveis intelectualmente para manterem-se constantemente atualizados. Por isso, mais do que nunca, o projeto pedagógico tem que estar direcionado para a formação de um profissional com senso crítico, com capacidade de aprender constantemente. Eu incluiria neste processo a pós-graduação. As “novas” exigências de formação de arquivistas são distintas de um padrão que esteve em vigor até muito recentemente, um padrão relacionado sobretudo a uma Arquivologia de manuais. Ou seja, as perguntas estavam, de certa forma, prontas e mapeadas e as respostas, de maneira geral, também. A transição para um novo padrão de formação de arquivistas ainda não está consolidada. Por isso mesmo, mais do que nunca o ensino na área necessita aproximar-se e vem se aproximando aos poucos -da pesquisa “.

No âmbito desse conjunto de transformações, rupturas e emergência de novas formas de educação do arquivista, insere-se o atual o projeto político-pedagógico.

6 METODOLOGIA

Três tópicos antecederam o processo de implantação e implementação do projeto pedagógico: a historicidade do curso, o diagnóstico estratégico e a sensibilização e negociação coletiva para dar sustentação ao curso. A saber:

- **Historicidade.** O resgate da historicidade do curso, da instituição e do mercado, assim como as tendências do ensino em arquivologia será constantemente acompanhado pelos responsáveis do projeto pedagógico do curso. Tomar conhecimento dos principais eventos que marcaram e legitimaram a existência no transcorrer da história do curso possibilitara a verificação de seu ciclo de vida desde sua fundação até os dias atuais para torna-lo mais efetivo bem como para implementar diferenciais competitivos para assegurar sua sobrevivência e crescimento.

- **Diagnóstico estratégico do curso.** Fazer uma análise constante da realidade atual do curso em relação ao contexto interno e externo como a da instituição e do mercado. Acompanhamento do corpo discente (indicativos de entrada, processo e resultados) Desempenho no ensino médio, procedência, candidatos inscritos no vestibular, nota de aprovação, vagas oferecidas, relação candidato/vaga, transferências recebidas, entre outros. Acompanhamento do corpo docente Entrada. Docentes efetivos, docentes colaboradores, titulação docente, tempo de magistério superior, tempo de exercício profissional fora do magistério, docentes com formação adequada às disciplinas que ministram, regime de trabalho, professores graduados em arquivologia. Análise das condições de infra-estrutura (locais de ensino, laboratórios, recursos bibliográficos, etc) ; análise dos recursos arquivísticos (na própria UEPB, setor público e setor privado) da Paraíba com potencial para acolher variados patamares de integração entre ensino, a pesquisa e a extensão, além de garantir as co-relações teórica-práticas; análise das atuais configurações da Arquivologia e seu impacto na formação de arquivistas; análise das experiências e estruturas brasileiras de formação de arquivistas.
- **Sensibilização e negociação coletiva.** As dimensões e o modo de operacionalização precisam ser sempre conhecidos por todos os envolvidos no processo para que se consiga um compromisso comum, valorizando o diálogo, a participação e a mudança com vistas a buscar um aprendizado contínuo.

7 OBJETIVOS DO CURSO

Considerando-se as definições das Diretrizes Curriculares estabelecidas para os cursos de Arquivologia, no âmbito da LDB, e as disposições da RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/13/2005, que determina, em seu artigo 2º, inciso III, que “ a dimensão política expressar-se-á nos objetivos do Curso, o curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba é criado com vistas ao cumprimento dos seguintes objetivos:

7.1 Gerais

Formar profissionais capazes de conhecer, intervir, implementar, desenvolver, inovar e analisar processos arquivísticos, elaborando programas de administração de documentos, de conservação e disseminação, fundamentados na preservação e manuseio da informação, alinhada a concepção de políticas locais, nacionais e internacionais, utilizando os avanços da tecnologia, com um alto sentido ético para servir a sociedade nos âmbitos civis, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos e culturais.

7.2 Específicos

- Formar profissionais que produzam e disseminem conhecimentos a partir de uma reflexão crítica sobre a aplicação e apoio aos processos arquivísticos manuais e automatizados;

- Incentivar os participantes do curso a adotar novas atitudes e a prática de novos comportamentos gerenciais para dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
- Possibilitar o conhecimento, a compreensão e as formas de utilização, no dia-a-dia, dos instrumentos e das técnicas modernas produzidas pelas transformações tecnológicas;
- Despertar nos participantes a importância da migração e agregação de valor nos processos de geração, transferência e uso da informação arquivística;
- Proporcionar conhecimentos que contribuam ao desenvolvimento de capacidades, habilidades e atitudes para o processamento da informação documental a fim de atender e solucionar os problemas inerentes a seu campo de trabalho;
- Motivar a adoção de uma atitude pessoal de autocrítica permanente ante os novos campos de conhecimento na área de arquivologia.

8 PERFIL DO PROFISSIONAL

Conforme a legislação pertinente, tanto aquela que regulamenta a profissão de arquivista quanto aquela que estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de Arquivologia, o perfil do profissional formado pelo curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba deve contemplar um rol de competências, atitudes e habilidades capazes de garantir alguns pressupostos básicos, quais sejam:

- capacidade de enfrentar com competência e criatividade as questões relativas a sua prática profissional, produzindo e difundindo conhecimentos que possam refletir, de maneira crítica, a realidade onde se insere;
- capacidade de exercer sua profissão em consonância com os princípios éticos que a norteiam;
- capacidade de conceber, desenvolver e gerenciar processos de tratamento de documentos e informações em instituições e serviços arquivísticos.

8.1 Competências, Atitudes e Habilidades

Dentre as competências e habilidades esperadas dos graduados em Arquivologia pelo Curso da Universidade do Estado da Paraíba podemos enumerar, dentre outras, aquelas que indicam um profissional capaz de:

- Identificar os processos de produção e tramitação da informação arquivística no ambiente organizacional;
- Planejar e elaborar instrumentos de recuperação das informações arquivísticas que permitam sua utilização na tomada de decisões e na pesquisa científica;
- Identificar os valores das informações arquivísticas e planejar e elaborar instrumentos que permitam a gestão racional dos documentos arquivísticos, garantindo a redução das massas documentais e a preservação dos documentos de valor para a pesquisa e a defesa de direitos coletivos e individuais;

- Planejar e supervisionar a implantação de processos de reprodução de documentos arquivísticos, tendo em vista a preservação de informações e o acesso às mesmas;
- Planejar e supervisionar a utilização das tecnologias da informação na agilização e racionalização dos processos arquivísticos;
- Utilizar as metodologias da pesquisa científica para o conhecimento das organizações públicas e privadas cujos arquivos estejam sob sua responsabilidade;
- Utilizar as metodologias da pesquisa científica e as tecnologias da informação para a construção de instrumentos de trabalho que permitam a recuperação e a racionalização na estocagem da informação arquivística e a preservação e o acesso aos documentos.
- Conhecer as especificidades dos diferentes suportes da informação arquivística, especialmente aqueles produzidos por meios eletrônicos;

Conforme disposto no **Art. 2º** do Decreto nº 82.590, de 06 de novembro de 1978 , são atribuições dos Arquivistas:

- planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
- planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
- planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
- planejamento, organização e direção de serviços ou centros de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
- planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos; orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
- orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
- orientação da avaliação e seleção de documentos, par fins de preservação;
- promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
- elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos; assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
- desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

9 CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O campo de atuação aberto ao arquivista, é praticamente inesgotável, se considerar as necessidades de informação decorrente cada vez mais das complexas relações organizacionais no âmbito público e privado.

Em princípio o arquivista encontra espaço privilegiado na administração pública, nas três esferas da federação e nos três poderes da República. Assim, abrem-se ao arquivista e ao estudante de Arquivologia espaços profissionais e de treinamento em serviços e instituições arquivísticas no âmbito dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na administração pública federal, estadual e municipal.

Na esfera privada estas possibilidades de trabalho são muito amplas, incluindo empresas em todas as áreas do comércio e da indústria; universidades e escolas privadas; associações profissionais e sindicatos; associações recreativas e clubes; associações esportivas; partidos políticos; entidades religiosas; escritórios de advocacia; escritórios de arquitetura e engenharia; hospitais, clínicas e consultórios médicos.

Por outro lado, centros de documentação, centros de memória, centros de informação também oferecem campo de trabalho ao arquivista. Além desses espaços mais classicamente associados à prática arquivística, hoje é possível encontrar arquivistas associados a projetos de pesquisa nas mais diversas áreas.

É importante observar que a atuação profissional do arquivista pode dar-se, também, e de forma bastante profícua, sob a forma de consultoria e assessoria técnica.

10 LINHAS DE PESQUISA

10.1. Arquivo, memória, e sociedade.

Esta linha assenta-se essencialmente na gestão de arquivos: temporários, correntes e permanentes que visam representar as práticas nas organizações públicas e privadas, mediante a preservação e conservação de documentos. A linha também é ampliada a trabalhos de resgate e recuperação de memória de biografias, aspectos sócias, culturais, políticos e econômicos.

10.2. Gestão da Informação.

As atividades de investigação científica nesta linha concentram-se em temáticas relacionadas à gestão da informação e do conhecimento em contextos organizacionais. Tais temas focalizam as seguintes questões: Acesso a Informação, Preservação da Informação, Políticas de informação (nacionais e transnacionais) serviços de informação arquivísticos tecnologias para gestão do conhecimento e avaliação de sistemas de informações organizacionais.

11 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A organização curricular tem como base, os blocos de atividades básicas complementares e eletivas. O bloco de atividades básicas, compreende a Instrumental e a Profissional que configura-se no eixo temático de Gestão da Informação Arquivística, correspondente a 1.782 horas. O bloco de atividades complementares expressa o eixo temático de Recursos Interdisciplinares para a Gestão da Informação Arquivística, num total de 957 horas. As atividades eletivas formam o terceiro bloco, tendo como eixo temático Conhecimentos Adicionais para a Gestão da Informação Arquivística que somam 165 horas. Veja Quadros 1, 2, 3, 4 e 5 a seguir:

Quadro 1

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

ATIVIDADES CARGA HORÁRIA PERCENTUAL

BÁSICAS 1.782 61,3%

COMPLEMENTARES 957 33%

ELETIVAS 165 5,7%

TOTAL 2.904 100%

Quadro 2

Atividades Básicas – Instrumentais: Gestão da Informação Arquivística

Componentes Curriculares Carga Horária

Análise Documentária I 66 h

Análise Documentária II 66 h

Avaliação e Seleção de Documentos 66 h

Diplomática 66 h

Documentos Digitais 66 h

Fundamentos Arquivísticos 66 h

Gestão de Documentos I 66 h

Gestão de Documentos II 66 h

Informação e Sociedade 66 h

Representação da Informação 66 h

Usos e Usuários da Informação Arquivística 66 h

TOTAL A 726 H

Quadro 3

Atividades Básicas - Profissionais: Gestão da Informação Arquivística

Componentes Curriculares Carga Horária

Arquivos permanentes 66 h

Aspectos éticos e legais dos processos informacionais 33 h

Estágio Supervisionado 165 h

Fontes de Informação Gerais e Especializadas 66 h

Gestão de Instituições Arquivísticas 99 h

Gestão de Serviços Arquivísticos 99 h

Paleografia 33 h

Políticas Arquivísticas 66 h

Políticas de Preservação e Conservação de Acervos Documentais 66 h

Preservação e Conservação de Acervos Documentais 66 h

Projeto de Pesquisa em Arquivologia 66 h

Reprodução de Documentos 66 h

Seminário de Pesquisa em Arquivologia 66 h

Trabalho Acadêmico Orientado 99 h

TOTAL B 1056 h

Total A + B = 726 + 1056 = 1782 horas de atividades básicas instrumentais e profissionais.

Quadro 4

Atividades Complementares – Gestão da Informação Arquivística

Interdisciplinar

Componentes Curriculares Carga Horária

Administração de Recursos Humanos 66 h

Direito Administrativo 66 h

Direito Comercial e Tributário 66 h

Estatística 33 h

Formação da Sociedade Brasileira 66 h

História da Paraíba 33 h

História do Brasil Republicano 66 h

História do Pensamento Filosófico e Científico 66 h

Inglês Instrumental 66 h

Introdução a Administração 66 h

Metodologia Científica 66 h

Oficina de Textos I 66 h

Oficina de Textos II 33 h

Tecnologias da Informação I 66 h

Tecnologias da Informação II 66 h

Teoria das Organizações 66 h

TOTAL 957 h

Quadro 5

Atividades Eletivas – Gestão da Informação Arquivística -Adicional

Componentes Curriculares Carga Horária

Administração Pública 66 h

Organização no enfoque sociológico e psicológico 66 h

Organização, Métodos e Sistemas de Informação 66 h

Teoria da Informação 33 h

Introdução ao Estudo da História 66 h

Métodos e Técnicas da Pesquisa em História 33 h

A História Recente do Brasil 66 h

Memória e Patrimônio Cultural 66 h

Construção da História Regional 66 h

Construção da História local 66 h

História do Mundo Atual 66 h

Antropologia 66 h

Gestão da Qualidade e Produtividade 66 h

Cultura Organizacional 66 h

Relações Públicas e Humanas 33 h

Gerência de Marketing 66 h

Contabilidade 66 h

Estágio Curricular Eletivo 66 h

MINIMO A CURSAR 165h

ESTRUTURA CURRICULAR

TURNO – DIURNO

1º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Fundamentos Arquivísticos 66 04

Informação e Sociedade 66 04

História do Pensamento Filosófico e Científico 66 04

Inglês Instrumental 66 04

Introdução à Administração 66 04

Oficina de Textos I 66 04

TOTAL 396 h 24 h

2º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Gestão de Documentos I 66 04

Representação da Informação 66 04

Metodologia Científica 66 04

Oficina de Textos II 33 02

Tecnologias da Informação I 66 04

Teoria das Organizações 66 04

TOTAL 363 h 22 h

3º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Análise Documentária I 66 04

Gestão de Documentos II 66 04

Direito Administrativo 66 04

Estatística 33 02

Formação da Sociedade Brasileira 66 04

Tecnologias da Informação II 66 04

TOTAL 363 h 22h

4º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Análise Documentária II 66 04

Avaliação e seleção de documentos 66 04

Diplomática 66 04

Usos e Usuários da Informação Arquivística 66 04

Direito Comercial e Tributário 66 04

História do Brasil Republicano 66 04

TOTAL 396 h 24h

5º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Arquivos Permanentes 66 04

Paleografia 33 04

Preservação e Conservação de Acervos

Documentais

66 04

Documentos Digitais 66 04

Administração de Recursos Humanos 66 04

História da Paraíba 33 02

TOTAL 330 h 22 h

6º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Aspectos éticos e legais dos processos informacionais 33 02

Gestão de Serviços Arquivísticos 99 06

Políticas de Preservação e Conservação de Acervos Documentais 66 04

Estágio Supervisionado 165 10 h

TOTAL 363 h 22 h

7º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Fontes de Informação Gerais e Especializadas 66 04

Gestão de Instituições Arquivísticas 99 06

Projeto de Pesquisa em Arquivologia 66 04

Políticas Arquivísticas 66 04

Reprodução de Documentos 66 04

TOTAL 363 h 22 h

8º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Seminário de Pesquisa em Arquivologia 66 04

Trabalho Acadêmico Orientado 99 06

Eletiva 66 04

Eletiva 66 04

Eletiva 33 02

TOTAL 330h 20h

TURNO – NOTURNO

1º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Fundamentos Arquivísticos 66 04

Informação e Sociedade 66 04

História do Pensamento Filosófico e Científico 66 04

Introdução à Administração 66 04

Oficina de Textos I 66 04

TOTAL 330 h 20 h

2º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Gestão de Documentos I 66 04

Representação da Informação 66 04

Metodologia Científica 66 04

Oficina de Textos II 33 02

Teoria das Organizações 66 04

TOTAL 297 h 18 h

3º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Análise Documentária I 66 04

Gestão de Documentos II 66 04

Inglês Instrumental 66 04

Formação da Sociedade Brasileira 66 04

Tecnologias da Informação I 66 04

TOTAL 330 h 20 h

4º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Análise Documentária II 66 04

Avaliação e seleção de documentos 66 04

História do Brasil Republicano 66 04

Direito Administrativo 66 04

Tecnologias da Informação II 66 04

TOTAL 330 h 20 h

5° SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Arquivos Permanentes 66 04

Gestão de Serviços Arquivísticos 99 06

Diplomática 66 04

Direito Comercial e Tributário 66 04

História da Paraíba 33 02

TOTAL 330 h 20 h

6° SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Documentos Digitais 66 04

Gestão de Instituições Arquivísticas 99 06

Paleografia 33 02

Uso e Usuários da Informação Arquivística 66 04

Estatística 33 02

Eletiva 33 02

TOTAL 330 h 20 h

7º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Preservação e Conservação de Acervos

Documentais

66 04

Aspectos Éticos e Legais dos Processos Informacionais 33 02

Estágio Supervisionado 165 10

Administração de Recursos Humanos 66 04

TOTAL 330 h 20 h

8º SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Políticas de Preservação e Conservação de Acervos

Documentais

66 04

Políticas Arquivísticas 66 04

Fontes de Informação Gerais e Especializadas 66 04

Projeto de Pesquisa em Arquivologia 66 04

Eletiva 66 04

TOTAL 330 h 20 h

9 SEMESTRE

Componente Curricular Carga Horária

Total

Carga Horária

Semanal

Reprodução de Documentos 66 04

Seminário de Pesquisa em Arquivologia 66 04

Trabalho Acadêmico Orientado 99 06

Eletiva 66 04

TOTAL 297 h 18 h

12. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

12.1 Do Projeto Político-Pedagógico

O estabelecimento de uma sistemática de avaliação se constitui em uma necessidade e um elemento de garantia de efetivação do PPP. O processo deve acompanhar os diversos momentos de construção do próprio PPP, no sentido da percepção da sua eficácia na consecução dos objetivos e metas e da sua viabilidade.

A proposição do processo se arrima em pressupostos de duas ordens:

Político – filosófica

Caráter de indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, atendendo as características de globalidade, essenciais à formação do profissional em Arquivologia, bem como a efetiva participação da totalidade dos membros do Curso.

- Caráter contínuo e sistemático, apoiado em uma eficiente estrutura para execução.
- Técnico-científica.
- Metodologia quantitativa/qualitativa que possibilite o levantamento de dados para diagnóstico e controle das informações, de forma a proporcionar a análise e explicações favorecedoras da compreensão dos fenômenos acadêmico-pedagógicos.

Desse modo, se intentará a superação dos obstáculos enfrentados no sentido da consecução dos objetivos pretendidos.

Da mesma forma que a avaliação discente, o processo avaliativo do PPP deverá se desenvolver de forma contínua. Assim, ao tempo de sua implementação e consolidação, se faz necessário o acompanhamento, a crítica e o aperfeiçoamento. Para tanto, estão previstas as etapas:

- preparação;
- auto-avaliação;
- avaliação externa;
- reavaliação;
- realimentação/reformulação.

Eixos da avaliação

1. A compatibilidade entre as ações pedagógicas, o perfil do profissional e as diretrizes do PPP.
 - Instrumentos de avaliação: análise das ementas e planos de curso, tendo como horizonte o perfil do profissional.
 - Cronograma – durante o período letivo.
2. A eficácia das ações educativas e eficiência do processo ensino-aprendizagem.
 - Instrumentos de avaliação: aplicação e análise de questionários e entrevistas, envolvendo os corpos docente, discente e administrativo; análise de relatórios dos professores, orientadores, coordenadores de projeto, supervisores de empresa e centro acadêmico; realização de debate e seminário com participação de alunos, professores, pessoal administrativo, especialistas, coordenadores de projeto, representantes dos campos de estágio.
 - Cronograma - final do período letivo.
3. A relação ensino, pesquisa e extensão.
 - Instrumentos de avaliação: análise dos planos de ensino, projetos de pesquisa e de extensão, examinando o nível de articulação e retroalimentação; análise dos questionários e entrevistas aplicados aos corpos docente, discente, administrativo; exame dos relatórios emitidos pelos alunos-pesquisadores, professores-orientadores e coordenadores de projeto.
 - Cronograma – final do período letivo.
4. Condições de aplicação do PPP
 - Instrumentos de avaliação: observação dos recursos disponíveis e regularidade do seu uso; levantamento dos recursos materiais disponíveis, da potencialidade e nível de racionalidade do uso; análise dos questionários e entrevistas aplicados a professores, alunos, pessoal de apoio e dirigentes; análise de relatórios acadêmico-administrativos e didático-pedagógicos.
 - Cronograma – durante o período letivo.
5. Processo de aprendizagem e desempenho discente

- Instrumentos de avaliação: análise do histórico escolar dos alunos; levantamento e apreciação da participação discente em ensino, pesquisa e extensão; aplicação de questionários e entrevistas ao alunado.
 - Cronograma – final do período letivo.
6. Atuação do corpo docente
- Instrumentos de avaliação: Levantamento e exame do desempenho docente em termos de ensino, pesquisa e extensão demais atividades acadêmicas; análise dos questionários e entrevistas aplicados aos professores.
 - Cronograma – final do período letivo.
7. Inserção e desempenho do arquivista egresso no mercado de trabalho
- Instrumentos de avaliação: aplicação de questionários e entrevistas a egressos e empregadores; realização de evento envolvendo egressos, empregadores, sindicatos afins, especialistas e representantes do Curso.
 - Cronograma - bianual
 - Os resultados dos trabalhos de avaliação deverão ser submetidos à análise e deliberação do Colegiado de Curso e Departamentais, Conselho de Centro e de outras instâncias acadêmicas cabíveis.

12.2. Avaliação Discente

De acordo com os pressupostos teóricos e os princípios norteadores deste PPP, que fundamentam a realidade do curso da UEPB e do mercado, a avaliação do discente deverá levar em consideração a concepção do conhecimento, ciência e educação, o perfil desejado de formando baseado no desenvolvimento de competências, os objetivos do curso, os conteúdos curriculares, as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes, reiterando que ela deve ser contínua, formativa e personalizada, concebendo-a como mais um elemento do processo de ensino/aprendizagem, que permita conhecer os resultados de nossas ações didáticas e por conseguinte sempre melhorá-las.

Sendo assim, no plano de ensino de cada semestre, o docente deve estabelecer em seu planejamento pedagógico definições claras que dêem segurança ao aluno sobre como o conteúdo da disciplina será desenvolvido e como será avaliado o seu conhecimento visando ao desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, assim como atendera ao contido na Resolução/UEPB/CONSEPE/03/2005

13 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS

1º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão da Informação Arquivística e Complementar)

FUNDAMENTOS ARQUIVÍSTICOS – 66 H

Histórico da construção do saber arquivístico; as características da informação arquivística; principais conceitos; terminologia; Legislação arquivística; a organização das instituições

arquivísticas no Brasil; organizações internacionais na área arquivística; o estado da arte da pesquisa em Arquivologia.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1975.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v.10-14, n.1, p.14-33, abr.1982/ago.1986.

DURANTI, Luciana. Registros Documentais Contemporâneos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, jan.-jun., 1994

FONSECA, Maria Odila; JARDIM, José Maria. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41-50, 1995.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

FONSECA, Maria Odila; JARDIM, José Maria. A produção e difusão do conhecimento arquivístico no Brasil 1996-1999. Departamento de Ciência da Informação/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Informação -NEINFO, UFF. Relatório de pesquisa. 1999.

FONSECA, Maria Odila; JARDIM, José Maria.. Arquivos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. (Org.). **Formas e Expressões do Conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte, 1998, p. 367-390.

JARDIM, José Maria. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990 -1995). Brasília: **Ciência da Informação**. v. 27, n.3, 1998.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1997. (cap. 2, 4 e 5)

ROUSSEAU,J.Y.,COUTURE,C. **Os Fundamentos da Disciplina Arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SCHELEMBERG,T.R. **Arquivos Modernos**. Rio de Janeiro : FGV, 1973.

SILVA, A.M et.al. **Arquivística: Teoria e Prática de uma Ciência da Informação**. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

INFORMAÇÃO E SOCIEDADE – 66 H

Memória, cultura e sociedade. História social das instituições de memória. Políticas de memória. Estatuto de seus profissionais. Informação, condições históricas de produção da atual noção. Teorias da informação: impactos no conhecimento e nas práticas da Biblioteconomia e da Arquivologia. Origens da Documentação, da Ciência da Informação e da Gestão de Documentos. Instituições de documentação e informação da Paraíba.

Referências

ACCIOLI, Vera Lucia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**. Recife: Massangana, 1994.

BELLOTO, H.L. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A Queiroz, Editor. 1991.

BERWANGUER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 1991.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

COHEN, Marcel. **A escrita**. Lisboa: Europa-América, 1961.

COSTA, Avelino de Jesus, padre. **Álbum de paleografia e diplomática portuguesa**. 3. ed. Coimbra: DGAC, 1975. RGPL

_____. **Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos**. Coimbra: Faculdade de Letras, 1993.

DIAS, J.; MARQUES, Oliveira; RODRIGUES, T. **Álbum de paleografia**. Lisboa: Estampa, 1987.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI a XIX**. São Paulo: Divisão do Arquivo do Estado, 1979.

_____. **Noções de paleografia**. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1970. (Publicação do Centro de Estudos Bahianos, nº66)

LEAL, João E.Franklin. **Espírito Santo: documentos administrativos**. Vitória: FJSN, 1979.

LEAL, João Eurípedes Franklin. **Espírito Santo: documentos coloniais**. Vitória: FJSN, 1978.

_____. **Glossário de paleografia**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros-AAB, 1994.

_____. **Normas para transcrição paleográfica da documentação brasileira**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1990.

_____. **Paleografia: fontes primárias e normatização das transcrições.** S.l.: s.ed. 5 p. Datilo. Apresentado ao 5º congresso Brasileiro de Arquivologia, Rio de Janeiro, 1982.

MACEDO, Deoclésio Leite de. **Notariado.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1974.

MATTOS E SILVA, Rosa. **O português arcaico: fonologia.** São Paulo: Contexto, 1991.

NUNES, Borges. **Abreviaturas paleográficas portuguesas.** Lisboa: ABRE, 1980

NUNES, Eduardo. **Vária paleográfica.** Lisboa: Barbosa e Xavier, 1973.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1987.

ROMÁN BLANCO, Ricardo. **Estudios paleográficos.** São Paulo: Laserprint, 1987.

ZAMBEL, Miriam Mani. **Breve história da escrita.** São Carlos, SP: Universidade, 1984.

HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO E CIENTÍFICO – 66 H

Conhecimento científico e Filosofia. Abordagem histórica do problema, tomando por base a relação sociedade, conhecimento científico, a produção de documentos e a cultura material. Instituição do campo científico que adota aportes teórico-metodológicos nos seus procedimentos analíticos, Análise, a partir de processos históricos, desde a Grécia clássica, da questão do documento, suas condições de produção e interesses visando a sensibilização para a descoberta do significado da relação história e documento.

Referências

BARRÓN, Juan Carlos G. **La Filosofía y las ciencias. Métodos y procederes.** [Trad. portuguesa. Lisboa, Teorema, 1988].

CHAUÍ, Marilena. **Unidade 7: “A atitude científica”. “A ciência na História”. “As ciências da Natureza”. “As ciências Humanas”. “O ideal científico e a razão instrumental”. In: _____. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 3ª ed., 1995, pp. 247-286.**

CROMBIE, A. C. **Historia de la ciencias: de san Augustín a Galileo.** [Trad]. Madri, Gredos, 2 vols., 1983.

FARRINGTON, B. **Ciencia y Filosofia en la Antigüidad.** [Trad]. Barceloma Ariel, 1972.

HOBSBAWM, E. “Ciência, Religião, Ideologia”; “Certezas Solapadas: as Ciências” e “Razão e Sociedade”; “A ciência” e “Feiticeiros e Aprendizes. As Ciências naturais”. In:

_____. **A Era do Capital – 1848-1875; A Era dos Impérios – 1875-1914; A Era das Revoluções – 1789-1848; A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991.** [Trads]. Rio de Janeiro e São Paulo; Paz e Terra e Cia. das Letras, pp. 261-285, 339-362 e 363-381,301320 e 504-536, respectivamente.

JAEGER, W. Paidéia. **A formação do povo grego.** [Trad]. São Paulo, M. Fontes, 4ª ed.,1998.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** [Trad]. São Paulo. Ed. Perspectiva, 6ª ed., 2006.

MARTINS, R. A. **Universo, teorias sobre sua origem e evolução.** São Paulo, Moderna, 1996.

POPPER, K. R. **La lógica de la investigación científica.** [Trad]. Madri, Tecnos, 1967.

KOYRÉ, A. **Estudos de historia del pensamiento científico.** [Trad]. Madri, Siglo XXI, 1997.

INGLÊS INSTRUMENTAL – 66 H

Estudo dos fundamentos básicos. Introdução das estratégias de leitura. Compreensão e interpretação de textos direcionados aos contextos da licenciatura.

Referências

GRELLETT, Françoise. **Developing Reading Skills.** Cambridge: CUP, 1995.

KATO, Mary. **O aprendizado da Leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: cortez, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro, 2002.

FÁVERO, Leonor. 9. ed. **Coesão e coerência textuais.** São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz e PLATÃO, Francisco. 16. ed. **Para entender o texto: leitura e redação.** São Paulo: Ática, 2003.

INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO – 66 H

Administração: definição e visão geral. A administração e suas perspectivas. Habilidades da administração. Administração: História e Conceitos. Funções da Administração: planejamento, organização, comando, coordenação e controle. Influências comportamentais nas organizações. A administração e os ambientes de negócios. Áreas funcionais da Administração: Administração de Recursos Humanos, Marketing, Finanças, Material, Logística, e Produção. Tendências e mudanças na administração.

Referências

BERNARDES, Cyro.; MARCONDES, Reinaldo C. **Teoria geral da administração: gerenciando organizações.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

ACKOFF, R. L. **Gerência em pequenas doses.** Rio de Janeiro: Campus, 1996.

ADIZES, I. **Os ciclos de vida das organizações:** como e porque as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito. São Paulo: Pioneira, 1990.

ALBRECHT, K. **Agregando valor à negociação.** São Paulo: Makron Books, 1995.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 3. ed.. Riode Janeiro: Campos, 2000.

DRUCKER, Peter F. **Prática de Administração de empresas.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1999.

HAMPTON, D.R. **Administração: processos administrativos.** São Paulo: Makron Books, 1990.

HANDY, C. B. **Deuses da Administração:** como enfrentar as constantes mudanças da cultura empresa. Rio de Janeiro: Saraiva, 1994.

HANDY, C. **A era do paradoxo.** São Paulo: Makron Books, 1995.

MAXIMINIANO, B. **Teoria geral da Administração.** São Paulo: Atlas, 2000.

MINTZBERG, Henry. **Criando organizações eficazes.** São Paulo: Atlas, 1999.

MONTALBÁN, Eduardo. **Guia prático de administração para empresários e gerentes.** Campinas – SP: Lucre, 1996.

MOTTA, F. C. P. **Teoria geral da Administração.** São Paulo: Pioneira, 1995.

STONER, J. A. F. **Administração.** Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1995.

OFICINA DE TEXTOS I – 66 H

Leitura e suas estratégias. Análises das especificidades dos textos orais e dos textos escritos, compreendendo-os enquanto continuum. Critérios de textualidade. Diferentes linguagens. Produção de texto.

Referências

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?:** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2004.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita.** São Paulo: Ática, 1994.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

2º SEMESTRE

(Eixo temático: Gestão da Informação Arquivística e Complementar)

GESTÃO DE DOCUMENTOS I – 66 H

Contexto de surgimento da noção de gestão de documentos; a teoria das 3 idades e a evolução do conceito de gestão de documentos; os programas de gestão de documentos em nível internacional; a gestão de documentos no Brasil.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Gestão de documentos:** conceitos e procedimentos básicos. Rio de Janeiro: 1995. (Publicações técnicas, 47).

BLAQUIÈRE, H, FAVREAU, PEROTIN, Y. Les dépôts intermediaires on le "préarchivage". In: ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS. **Manuel d'archivistique**. Paris: 1970. p.118-126.

BRICHFORD, Maynard. Records Management: a general introduction for archivists. **New England Archivists**, v.6, n.3, july 1979, p.1-17.

HEREDIA HERRERA, Antonia. "Gestión de documentos". In: **Archivística General:** teoría y práctica. 5 ed. act. y aum. Sevilla: Diputación Provincial, 1991. p.171-195. (1 ed.: 1986)

JARDIM, José Maria. O conceito e a prática da gestão de documentos. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, jul-dez.1987, p.35-42.

LOPES, Luís Carlos. **A gestão da informação:** as organizações, os arquivos e a informática aplicada. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

RICKS, Artel. La administración de documentos como función archivística (Informe al 8o. Congreso Internacional de Archivos, Washington, 1976). **Boletín Interamericano de Archivos**, n.3, 1976, p.23-24.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol et al. La place de l'archivistique dans la gestion de l'information. **Les fondements de la discipline archivistique**. Sante-Foy (Québec): Presses de l'Université du Québec, 1994. p.41-57. [tradução portuguesa: **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998]

TERRIEN, Jean-Paul. L'information de gestion et la gestion des documents. *Archives: revue de l'Association des Archivistes du Quebec*, v.10, n.4, mars 1979, p.3-10.

REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO – 66 H

Fundamentos teóricos ligados à representação da informação. As teorias que fundamentam a construção de Sistemas de Conceitos: Teoria da Classificação; Teoria do Conceito e Teoria da Terminologia. Linguagens de indexação nos Sistemas de recuperação da informação. Instrumentos, processos e produtos da representação temática e descritiva da informação.

Referências

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaços digitais. Disponível em: www.encontros-bibli.ufcs.br

_____. A teoria do conceito revisada em conexões com ontologia e metadados no contexto de bibliotecas tradicionais e digitais. *Data grama zero*, v.2, N.6, dez. 2001. Artigo 05. www.dgz.org.br

ARAÚJO, V.M.R.H. de. **Sistemas de recuperação da informação**: Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

BARDAN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CAMPOS, M. L. A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=77&layout=html>

_____. **Organização de domínios de conhecimento e os princípios ranganathianos**. Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, UFMG, v.8, n.2, jul./dez. 2003.

_____. **A linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: Ed. UFF, 2001.

DAHLBERG, I. A Referent-oriented analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, Frankfurt, v.5, n.3, p.142-150, 1978.

DAHLBERG, Ingetraud. Fundamentos teóricos conceituais da classificação. **Rev. Bibliotecon**. Brasília, Brasília, v.6, n.1, p.9-21, jan./jun. 1978.

DUCHEIN, M. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro, v.10-14, n.1, p. 14-33, abr. 1982/ago.1996.

FOSKETT, A. C. **The subject approach to information**. 5.ed. London: C. Blingley, 1996.

FROHMAN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information Retrievel theory. *Journal of Documentation*, London, v.46, n.2, p.81-101, June 1990.

INGWERSEN, P. **Information retrieval interaction**. London: Taylor Graham, 1992.

JESUS, J. B. M. De. **Tesouro**: um instrumento de representação do conhecimento em sistemas de recuperação da informação. Acesso em 20/08/2004 em: http://www.ndc.uff.br/textos/jerocir_tesauros.pdf.

KUMAR, K. Theory of classification. 2.ed. New Delhi: Vikas Publishing House, 1981.
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO. Brasília: IBICT, 1996
NAVES, Madalena Martins Lopes. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspct. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.189-203, jul./dez. 2001.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993.

LUCAS, C. R. A organização do conhecimento e tecnologias da informação. *Transinformação*, v. 8, p. 59-65, set./dez., 1996.

_____. **Leitura e interpretação em Biblioteconomia**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

MEADOW, Charles T. **Text information retrieval systems**. San Diego: Academic Press, 1992.

PIEIDADE, M. A. Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro : Interciência, 1983.

RIBEIRO, Fernanda. A classificação em arquivos: processo natural ou arranjo a posterior? **Leituras** Revista Bibli. Nac. Lisboa, vol. 3, n. 2, 1998.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. *Data grama zero*, n. zero, dez. 1999. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm

SILVA, Armando B. Malheiro da et al. **A gestão da informação arquivística e suas repercursões na produção do conhecimento científico**. Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica. Rio de Janeiro, 1, 1999. Comunicação ... Rio de Janeiro: BNDES; Arquivo Nacional, 1999.

PINTO, Virgínia Bentes. **Indexação documentária**: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.223-234, jul./dez. 2001.

RODRIGUES, Gorgete Medleg; LOPES, Ilza Leite. **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

METODOLOGIA CIENTÍFICA – 66 H

Características do campo científico. A pesquisa como produto político. A relação sujeito-objeto na pesquisa científica. Comunicação científica e padrões de redação, citação e referências. A elaboração de monografias; aspectos formais (o texto e sua carpintaria, a utilização do editor de texto). O processo da elaboração da pesquisa.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. [Trad]. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion. et VAINFAS, Ronaldo. [Orgs]. **Domínios da História**. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro : Campus, 6. reimp., 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. et MALERBA, Jurandir. [Orgs]. **Representações**. Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

CERVO, A. Luiz e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**: para uso de estudantes universitários. 3. ed. São Paulo:Mc Graw -Hill, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Unidade 7: “A atitude científica”. “A ciência na História”. “As ciências da Natureza”. “As ciências Humanas”. “O ideal científico e a razão instrumental”. In: _____. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Ática, 3. ed., 1995, pp. 247-286.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995

GARDINER, Patrick. [Org]. **Teorias da História**. [Trad]. 5. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. [Trad]. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. [Trad]. 6.ed., São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MARTINS, R. A. **Universo, teorias sobre sua origem e evolução**. São Paulo: Moderna, 1996.

POPPER, K. R. **La lógica de la investigación científica**. [Trad]. Madri: Tecnos, 1967.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, A. Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

OFICINA DE TEXTOS II – 33 H

A construção dos sentidos no texto. Níveis de formalidade. Estratégias de clareza, precisão, progressão e concisão. O ensaio e suas modalidades. O texto crítico. O texto acadêmico e suas convenções. Organização de Bibliografia. Procedimentos de busca e síntese de informações. Produção e discussão de textos originais. Produção, análise e discussão de textos técnicos, com ênfase em manuais, relatórios, projetos, textos institucionais. Especificidades da linguagem de computadores. Análise e discussão de textos voltados para o universo informático.

Referências

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 14. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. Teoria e Prática. Campinas: Pontes, 1993.

SOARES, Magda. **Técnica de Redação**. São Paulo: Ao livro Técnico, 1998 .

KOCH, Ingedore Villaça. **Texto e a Construção dos Sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

PLATÃO & FIORIM. **Para entender o texto**. São Paulo: Ática, 1995.

TACHIZAWA, Takeshy e MENDES, Gildásio. **Como fazer monografia na prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem: problemas e técnicas de produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO I – 66 H

Introdução às tecnologias da informação associadas à representação, armazenamento, recuperação e distribuição de informação. Histórico das tecnologias eletrônicas Componentes do computador: hardware, software e dados. Suportes de registro da informação A informática na produção do conhecimento: editores de texto, planilhas, software de bancos de dados.

Referências

BROOKSHEAR, J. G. **Ciência da Computação: Uma Visão Abrangente**. São Paulo: Bookman Companhia Editora, 2000.

CAPRON, H.L., JOHNSON, J.A. **Introdução à Informática**. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2004.

ELLOSO, F. de C. **Informática: conceitos básicos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997

FONSECA Filho, Cléuzio. **História da Computação: Teoria e Tecnologia**. São Paulo: LTr, 1999.

MAGALHÃES, K.V., LAENDER, A.H.F., Silva, A.S. **Uma Abordagem para Armazenamento de Dados Semi-Estruturados em Bancos de Dados Relacionais**. SBBD 2001, pp. 140-154.

MARILYN M.; ROBERTA B. & PFAFFENBERGER, B. **Nosso Futuro e o Computador**. São Paulo: Bookman, 2000.

NORTON, Peter. **Introdução à Informática**. São Paulo: Editora Makron Books, 1997.

TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES – 66 H

Conceitos básicos da Teoria das Organizações. A organização como campo de estudo. O surgimento das organizações. Visão Geral sobre os processos organizacionais. A contribuição dos economistas liberais, dos filósofos, das organizações seculares e da revolução industrial para o desenvolvimento das organizações. A organização como sistema racional, visão

comportamental, natural, aberto e agente de mudanças. A natureza e os tipos de organizações. A organização resultante do ambiente onde opera. Complexidade, formalização, comunicação centralização, poder e conflito dos aspectos da cultura da organização e liderança.

Referências

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 3 ed. . Rio de Janeiro: Campos, 2000.

BERNARDES, Cyro.; MARCONDES, Reinaldo C. **Teoria geral da administração: gerenciando organizações**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2004

DUBRIN, Andrew J. **Princípios de administração**. Rio de Janeiro: LTC, 1998

DRUCKER, Peter F. **Prática de Administração de empresas**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1989.

FERNANDES, Almir. **Administração inteligente: novos caminhos para as organizações do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Futura, 2002

HAMPTON, D.R. **Administração: processos administrativos**. São Paulo: Makron Books, 1990.

KWASNICKA, Eunice L. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Atlas, 1999.

LACOMBE, Francisco J.M.; HEILBORN, Gilberto Luiz J. **Administração: princípios e tendências**. São Paulo: Saraiva, 2006.

LONGENECKER, Justin G.; MOORE, Carlos W. ; PETTY J. William. **Administração de pequenas empresas**. São Paulo: Makron Books, 2004.

MAXIMANO Antônio C. **Introdução à Administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

MINTZBERG, Henry ; QUINN, James Brian. **O processo da estratégia**. 3.ed. Porto Alegre Bookman, 2001

_____; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2000

MONTANA, Patrick J. ; CHARNOV, Bruce H. **Administração**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003

MORGAN, Gareth, **Imagens das organizações**. Paulo: Atlas, 1996.

3º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão da Informação Arquivística e Complementar)

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA I – 66 H

Introdução às correntes ligadas à análise de documentos textuais e especiais: noções de semiótica, semântica, análise documentária e análise do discurso.

Referências

ABARANOW, U. G. **Perspectivas na contribuição e de áreas afins à Ciência da Informação. Ciência e Informação.** Brasília 12(1):22-35. 1983.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagens documentárias: teorias que fundamentam sua elaboração.** Niterói, EdUFF, 2001.

CINTRA, A. M. M. **Elementos de lingüística para estudos de indexação.** Ciência e informação. Brasília, 12(1):5-22, 1983.

ECO, V. **Semiótica e lingüística.** São Paulo: Ótica, 1989.

GUARCIA GUTIERREZ, A. **Estrutura lingüística de la documentation: teoria y método.** Serviço de Publicaciones de la Universidad de Murcia, 1990.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. **A semântica na lingüística moderna.** O léxico. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

SMIT, J. (coord). **Análise Documentária: a análise da síntese.** 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

GESTÃO DE DOCUMENTOS II – 66 H

Organização de arquivos correntes; elaboração de planos de classificação; administração de unidades de arquivos correntes; serviços de protocolo; administração de depósitos de arquivo intermediário.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Identificação de documentos em arquivos públicos.** Rio de Janeiro, 1985.

ARQUIVO NACIONAL. **Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos.** Rio de Janeiro: 1985. (Publicações técnicas, 40).

ARQUIVO NACIONAL. **Manual de levantamento da produção documental.** Rio de Janeiro, 1985.

ARQUIVO NACIONAL. **A seleção dos arquivos e a transferência dos documentos.** Rio de Janeiro: Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1959.

ARQUIVO PÚBLICO DO CANADÁ. **Arquivos correntes: organização e funcionamento.** Trad. Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1975.

BRICHFORD, Maynard. Records Management: a general introduction for archivists. **New England Archivists**, v.6, n.3, july 1979, p.1-17.

CONDE VILLAVERDE, Maria Luisa. **Manual de tratamento de arquivos administrativos**. Madrid: Dirección de Archivos Estatales, 1992.

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. Disponível em: <http://www.saesp.sp.gov.br/cf1.html> Acessado em: 25 de agosto de 2006

LOPES, Luís Carlos. **A gestão da informação: as organizações, os arquivos e a informática aplicada**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

THERRIEN, Jean-Paul. L'information de gestion et la gestion des documents. **Archives: revue de l'Association des Archivistes du Quebec**, v.10, n.4, mars 1979, p.3-10.

DIREITO ADMINISTRATIVO – 66 H

Noções Preliminares do Direito Administrativo. Administração Pública. Poderes Administrativos. Atos Administrativos. Contratos Administrativos. Licitações. Serviços Públicos. Servidores Públicos. Responsabilidade Civil da Administração. Controle da Administração. Organização Administrativa Brasileira. Do Poder de Polícia. O Processo Administrativo. Reforma Administrativa

Referências

AZAMBUJA, Darci. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo: Globo, 1997.

BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. **Curso de Direito Administrativo**. São Paulo:Malheiros, 1999

DIPIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito Administrativo**. São Paulo: Ed. Atlas, 2001.

FIGUEIREDO, Lúcia Valle. **Curso de Direito Administrativo**. 4.ed. São Paulo: Malheiros, 1999

LHERING, Rudolf Von. **A luta pelo Direito**. 19. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MACHIAVELLI, Niccoló. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEDAUAR, Odete. **Direito Administrativo Moderno**. 4. ed São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2000.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Administrativo Brasileiro**. 26. ed. São Paulo:Malheiros, 2001.

MUKAI, Toshio. **Direito Administrativo Sistematização**. São Paulo: Saraiva, 1999.

NOGUEIRA DA SILVA, Paulo Napoleão. **Elementos de Direito Público**. São Paulo: Atlas, 2001

ESTATÍSTICA – 33 H

Introdução à Estatística. Evolução da Estatística como campo de conhecimento. Coleta de dados. Síntese tabular, gráfica e numérica de dados. Medidas de posição e dispersão. Assimetria e Curtose; Ramos e Folhas; Box plot; Correlação parcial; Probabilidade; Variáveis Aleatórias Discretas, Distribuições de probabilidade discretas; Valor esperado e variância de variáveis aleatórias discretas. Variáveis Aleatórias Contínuas

Referências

BUSSAB, Wilton O. **Estatística básica**. São Paulo: Atual, 1987.

CUNHA, F. et. al. **Matemática aplicada**. São Paulo: Atlas, 1990.

FONSECA, Jairo Simon et alii. **Estatística aplicada**. São Paulo: Atlas, 1976.

KAZMIER, Leonard J. **Estatística aplicada à economia e administração**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

MARTINS, G. de A., DONAIRE, D. **Princípios de estatística**. São Paulo: Atlas, 1995.

MEYER, P. I. **Probabilidade: aplicações à estatística**. Livro Técnico, Rio de Janeiro.

ROCHA, L. M. **Cálculo I**. São Paulo: Atlas, 1996.

SPIEGEL, M. R. **Estatística**. São Paulo: McGraw-Hill, 1984.

SILVA, S. M. de, et. al. **Matemática para os curso de economia e administração e ciências contábeis**. São Paulo: Atlas, 1997.

STEVENSON, William J. **Estatística aplicada à administração**/William J. Stevenson São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. **Estatística básica**. São Paulo: Atlas, 1995.

VIEIRA, S.; HOFFMANN, R. **Elementos de estatística**. São Paulo: Atlas, 1995.

FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA – 66 H

Tendências da historiografia e periodização. Os primeiros habitantes da terra brasileira: unidade e diversidade. O processo de acumulação primitiva de capital e a conquista colonial. O sistema colonial: estrutura e dinâmica. A crise do sistema colonial lusitano e a formação do Estado Nacional. A reiteração da dependência. A reorganização do trabalho: crise do escravismo e formação do mercado do trabalho livre. A cultura colonial e imperial e os aspectos da vida cotidiana.

Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global, [Nova edição nos anos 2000].

GORENDER, Jacob. **Escravidão Colonial**. São Paulo: Ática, 1978 [Há várias edições]

_____. **A Escravidão Reabilitada**. São Paulo: Ática, 1990 [Há diversas edições].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006 [Edição comemorativa dos 70 anos da obra].

_____. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia. das Letras, [Edições a partir de meados dos anos 1990].

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajatória Política do Brasil**. 1500-1964. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo** [Colônia]. São Paulo: Brasiliense, [Diversas edições].

NOVAIS, Fernando. [Dir]. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, [diversas edições a partir de 1998]. Vols: I [Período Colonial/América Portuguesa]; II [Brasil Império]; III [Brasil Republicano ou a Era do Rádio] e IV [Brasil Contemporâneo].

RIBEIRO, Darci. **Formação do Povo Brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, [Edições a partir de meados dos anos 1990].

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. [Trad]. São Paulo: M. Fontes, 1991.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO II – 66 H

A Internet: ferramentas para a busca de informação para a comunicação, metadados, interoperabilidade, produção de serviços eletrônicos de informação: bases de dados, bibliotecas virtuais, sites de unidades de informação, intranet. Redes locais, topologias. Introdução às linguagens SGML, HTML e XML.

Referências

BAX, Marcelo Dias. **Introdução às linguagens de marcas**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n.1,p. 32-37, jan./abr. 2001.

LAUNDON, K.C., LAUDON, J.P. **Sistemas de Informação com Internet**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

O'BRIEN, J. A. **Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Saraiva, 2001.

SOUZA, Renato Rocha, ALVARENGA, Lídia. **A Web Semântica e suas contribuições para a Ciência da Informação**. Ciência da Informação, Brasília, v.33, n.1., 2004. Disponível

em <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=71&layout=html>>. Acesso em 15 out..2004.

SOUZA, R.R., ALVARENGA, L. **A web semântica e suas contribuições para a ciência da informação.** Ciência da Informação, v.33, num.1, 2004. p.132-141.

SOUZA, T.B., CATARINO, M.E. SANTOS, P.C. **Metadados: catalogando dados na Internet. Transinformação,** v.9., num.2, 1997, p.93-105.

STAIR, R.M. **Princípios de Sistemas de Informação: uma abordagem gerencial.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998. Cap.15.

TAIT, T.C. PACHECO, C.S.R., ABREU, A.F. **Arquiteturas de Sistemas de Informação.** Produção, v.9, num.1, 1999. p.55-61.

WHITE, R., **Como Funciona o Computador.** São Paulo: Editora QUARK, 1998.

4º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão Arquivística e complementar)

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA II – 66 H

Processo de análise e síntese de documentos visando a recuperação da informação. Indexação atributiva e derivativa e a influência das TIs. Resumo e elaboração de índices. As linguagens documentárias.

Referências

CAMPOS, Astério Tavares. **A indexação.** R. Bibliotecon., Brasília, v.15, n.1, p.69-72, jan./jun. 1987.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagens documentárias: teorias que fundamentam sua elaboração.** Niterói: EdUFF, 2001.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. **Análise de assunto.** R. Bibliotecon., Brasília, v.8, n.1, jan./jun. 1980.

CHAUMIER, Jacques. Indexação : conceito, etapas e instrumentos. **Rev. Bras. Bibliotecon. e Doc.,** São Paulo, v.21, n.1/2, jan./jun. 1988.

CIANCONI, Regina de Barros. **Requisitos mínimos para gerenciamento e recuperação de textos e imagens.** Ci. Inf., Brasília, v.23, n.2, p.249-253, maio/ago. 1994.

COLLISON, Robert L. **Índices e indexação.** São Paulo: Polígono, 1972. p.143-147.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes; MOURA, Maria Aparecida. **O usuário-pesquisador e a análise de assunto.** Perspect. Ciênc. Inf., Belo Horizonte, v.6, n.2, p.205-221, jul./dez. 2001.

GOMES, Hagar E. & CAMPOS, Maria Luiza de A. Especificidades do ensino de tratamento da informação. **In: Estudos & Pesquisas**. Niterói, EDUFF, 1998. p. 39-61.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Recuperação temática da informação. **R. Bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v.23, n.1/4, p.112-130, jan./dez. 1990.

HAGEN, Acácia M. M. **Algumas considerações a partir de padronização da descrição arquivística**. Ci. Inf., vol. 27, n. 3, Brasília, 1998.

HALLER, Johan. **Indexação automática de textos**. R. Bibliotecon., Brasília, v.13, n.1, p.27-32, jan./jun. 1985.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: Teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói: EDUFF, 1996.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Biblioteconomia: produção e administração da interpretação**. Ci. Inf., Brasília, v.26, n.1, p.46-53, jan./abr. 1997.

MENDES, Maria Teresa Pinto & SIMÕES, Maria da Graça. **Indexação por Assuntos: princípios gerais e normas**. Lisboa: Gabinete de Estudos, 2002..

NAVES, Madalena Martins Lopes. **Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto**. Perspect. Ciênc. Inf., Belo Horizonte, v.5, n.2, p.189-203, jul./dez. 2001.

PIEIDADE, M. A. Requião. **Introdução a teoria da classificação**. 2. ed. Ver. Aum. Rio de Janeiro : Interciência, 1983.

PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. Análise e representação de assuntos em sistemas de recuperação da informação; linguagens de indexação. **R. Esc. Bibliotecon.** UFMG, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.169-186, set. 1985.

PINTO, Virgínia Bentes. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.223-234, jul./dez. 2001.

RIBEIRO, Fernanda. A classificação em arquivos: processo natural ou arranjo a posterior? Leituras **Revista Bibli. Nac. Lisboa**, vol. 3, n. 2, 1998.

RIBEIRO, Fernanda. **Indexação e Controlo de Autoridade em Arquivos**. Lisboa: Câmara Municipal do Porto, 1996.

ROBREDO, Jaime; FERREIRA, José Adalberto de Paula. Conceituação de um programa para indexação automática de textos. **R. Bibliotecon.**, Brasília, v.8, n.2, jul./dez. 1980.

ROBREDO, Jaime. Indexação automática de textos: uma abordagem otimizada e simples. **Ci. Inf.**, Brasília, v.20, n.2, p.130-136, jul./dez. 1991.

ROBREDO, Jaime. Otimização dos processos de indexação dos documentos e de recuperação da informação mediante o uso de instrumentos de controle terminológico. **Ci. Inf.**, Brasília, v.11, n.1, p.3-18. 1982.

VICKERY, B. C. **Classificação e indexação nas ciências**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980.

AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DE DOCUMENTOS – 66 H

Princípios teóricos da avaliação de documentos. Identificação e atribuição de valores aos documentos arquivísticos. A avaliação de documentos no âmbito de uma política arquivística. Requisitos para o estabelecimento de um Programa de Destinação de Documentos. Metodologias de avaliação e seleção documentos. Principais atores do processo de avaliação. Instrumentos legais e técnico-científicos da avaliação. Modelos de Tabelas de Temporalidade. Aplicação e revisão da Tabela de Temporalidade. Estudos de caso.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. Conselho Nacional de Arquivos. **Classificação, temporalidade e destinação de documentos de arquivo relativos às atividades-meio da administração pública**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2001. 156p.

_____. **Dicionário brasileiro de terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2005. 232p. (Publicações técnicas nº 51)

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **A seleção dos arquivos e a transferência dos documentos**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1959. 21p.

_____. **Critérios de avaliação de documentos de arquivo**. Mensário do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v.12, n.9, p.21-28, set.1981.

_____. **Gestão de documentos: conceitos e procedimentos básicos**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 1995. (Publicações técnicas nº 47).

_____. **Guarda e eliminação de documentos**. Mensário do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.7, n.11, p.27-31, nov.1976.

_____. **Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 1985. (Publicações técnicas nº 40).

_____. **Manual de levantamento da produção documental**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 1985. 35p. (Publicações técnicas nº 44).

_____. **Orientação para avaliação e arquivamento intermediário em arquivos públicos**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 1985. (Publicações técnicas nº 41).

_____. Conselho Nacional de Arquivos. **Classificação, temporalidade e destinação de documentos de arquivo relativos às atividades-meio da administração pública.** Rio de Janeiro: O Arquivo, 2001.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Tabela de temporalidade e destinação de documentos de arquivo para as atividades mantenedoras da Administração Pública do Estado de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1997. (Instrumentos de trabalho; 3).

BERNARDES, Ieda Pimenta. **Como avaliar documentos de arquivo.** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 1998. (Como fazer, 1)

CAMPOS, Ana Maria V.C e INDOLFO, Ana Celeste. **Proposta metodológica para avaliação de grandes volumes documentais acumulados.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1990. 19f. dat.

CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). **A sistematização de arquivos públicos.** Campinas: UNICAMP, 1991.

CRITERIA Consultoria. **Temporalis: banco de dados de temporalidade de documentos.** Belo Horizonte, 2002. Disponível em: < <http://www.todeska.hpg.ig.com.br/ttd.htm>>. Acesso em: 21/08/2006.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros -Núcleo Regional de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DURANTI, Luciana. **The Concept of Appraisal and Archival Theory.** *American Archivist* 57, No. 2 (1994): 328-344.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Temporalidade de documentos: critérios e tabela.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

INOJOSA, Rose Marie. Tabelas de temporalidade. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). **A sistematização de arquivos públicos.** Campinas: UNICAMP, 1991. p. 87-97.

_____. **Gerenciamento de documentos: avaliação.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS, 1, 1992. Campinas. Atas do... Campinas: UNICAMP, 1992.

LLANSÓ I SANJUAN, Joaquin – **Gestión de documentos: definición y analisis de modelos.** Bergara, IRARGI, Centro de Patrimônio de Euskadi, 1993.

MACHADO, Helena Corrêa. **Avaliação de documentos: principais critérios.** *Arquivo Rio Claro, Rio Claro (SP)*, v. 5, n. 2, p. 33-41, jul.1986.

MENNE-HARITZ, Angelika. Appraisal or documentation: can we appraise archives by selecting content? **The American Archivist**, Chicago, v. 57, n. 3, Summer 1994. p. 528-542

OLIVEIRA, Daíse Aparecida. **Arquivos intermediários: funções, operacionalização e procedimentos técnicos relativos à destinação dos documentos.** In: SEMINÁRIO

NACIONAL DE ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS, 1, 1992. Campinas. Atas do... Campinas: UNICAMP, 1992. p. 189-204.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

_____. **Arquivos correntes, o calcanhar de Aquiles da Arquivologia**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 17-21, jan-jun. 1987.

PAULA, Rosália Paraíso Matta de. **Como elaborar a tabela de temporalidade documental: racionalização dos custos de armazenagem e administração de arquivos empresariais**. São Paulo: CENADEM, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol et al. Le cycle de vie des documents d'archives. **Les fondements de la discipline archivistique**. Sante-Foy (Québec): Presses de l'Université du Québec, 1994. p.95-114. [tradução portuguesa: **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998]

SILVA, Armando Malheiro da, RIBEIRO, Fernanda. **A avaliação em arquivística: reformulação teórico-prática de uma operação metodológica**. Páginas A&B, Lisboa, n.5, 2000.

DIPLOMÁTICA – 66 H

Princípios básicos da disciplina Diplomática; as questões de análise dos documentos; a autenticação e a autenticidade. A Diplomática e os documentos contemporâneos; tipos documentais e suas características; os documentos eletrônicos.

Referências

ACCIOLI, Vera Lucia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**. Recife: Massangana, 1994.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

_____. **Tipologia documental em arquivos: novas abordagens**. Arquivo Rio Claro. Rio Claro: ano 9, n. 1, p. 4-15, jan. 1990. NA

BERWANGUER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 1991.

LEAL, João Eurípedes Franklin. Espírito Santo: documentos administrativos. Vitória: FJSN, 1979.

LEAL, João Eurípedes Franklin. **Espírito Santo: documentos coloniais**. Vitória: FJSN, 1978.

MACNEIL, Heather. **Trusting records: legal, historical and diplomatic perspectives**. Dordrecht: Kluwer Academic, 2000.

USOS E USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA – 66 H

Estudo de usos e usuários da informação e sua aplicabilidade nos arquivos. Avaliação dos serviços de referência arquivísticos. “Marketing” em serviços de informação; orientação ao usuário, serviços de extensão cultural, serviços e produtos de referência e informação.

Referências

ALBERCH FUGUERAS, Ramón. **Los archivos, entre la memoria histórica y la sociedad del conocimiento**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

BLAIS, Gabrielle, ENNS, David. **Intensificando o ‘nobre sonho’**: programação pública nos arquivos canadenses. *Acervo*. Rio de Janeiro, v.4 e 5, n.1 e 2, jul-dez 1989/jan.-jun. 1990.

BONILLA, D. Navarro. **El servicio de referencia archivístico: retos y oportunidades**. *Documentación Científica*. V.24, n.2, 2001.

CHARTIER, R. Morte ou transfiguração do leitor? In: _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CROSS, J. E. **Archival reference: state of the art**. *Reference-librarian*, 1997, v.56.

CRUZ MUNDET, José Ramón. **Manual de Archivística**. Madrid: Fundación Sanchez Ruipérez, Pirámide, 1996.

DERSTYNE, Bruce W. What is "use" of archives? A challenge for the profession. **The American Archivist**. v.50, n1, winter 1987

DEVADASON, F.J., LINGAN, P. Pratap. **A methodology for the identification of information needs of users**. IN: IFLA GENERAL CONFERENCE, 62, 1996. Beijing. *Proceedings*. <http://ifla.inist.fr/IV/ifla63/63cp.htm>

DOWLE, Lawrence. **Agenda de investigación sobre la disponibilidad y uso de los archivos**. *Foro Archivístico*., Mexico, n.4. jul.dec. 1992.

GUIMARÃES E SILVA, Júnia. **Socialização da Informação Arquivística: a viabilidade de enfoque participativo na transferência da informação**. Rio de Janeiro. 1996. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GUIMARÃES E SILVA, Júnia, MARINHO JR., Inaldo. **Arquivos e Informação: uma parceira promissora**. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, v.1, jan/jun, 1998.

JARDIM, J. M., FONSECA, M.^ªO. **Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte**. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação* – v.5, n.5, out/04. <http://www.dgzero.org>

JARDIM, José Maria. **O acesso à informação arquivística no Brasil**: problemas de acessibilidade e disseminação. *Caderno de Textos*. Mesa Redonda Nacional de Arquivos, 1999. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

KURTZ, Clara Marli Scherer. **O usuário do Arquivo Nacional e o seu relacionamento com os serviços oferecidos para a satisfação de suas necessidades de informação.** 1990. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LAUFER, Roger. Novas ferramentas, novos problemas. In: BARATIN, M, JACOB, C. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

LE COADIC, Yves. **Usages et usagers de l' information.** Paris : ADBS, 1997.

PUGH, Mary Jo. **The illusion of omniscience: subject access and the reference archivist.** In: Modern Archives Reader: basic readings on archival theory and practice. Washington: National Archives and Records Service, 1984.

TÁLAMO, Maria de Fátima. **Informação: organização e comunicação.** IN: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE INFORMAÇÃO, 1, 1996. Anais... Niterói: Eduff, 1996.

TAYLOR. Hugh. **Los servicios de archivo s y el concepto de usuario: estudio del RAMP.** Paris: Unesco, 1984 .

WILSON, Ian. **Strategies for communication.** Janus. International Council on Archives. Paris, 1, 1995.

DIREITO COMERCIAL E TRIBUTÁRIO – 66 H

Direito Comercial - Histórico – Conceito. Do Comerciante e dos Atos de Comércio. Principais Direitos e Obrigações do Comerciante. Sociedades Comerciais: Conceito; Personalidade Jurídica; Tipos; Atos Constitutivos; Registro do Comércio; Contratos Mercantis. Tipos de Créditos: Conceito e Espécies. Noções Básicas sobre Falência e Concordata. Direito Tributário. Sistema Tributário Nacional. Competência Tributária. O Tributo e suas Espécies. Fontes do Direito Tributário. Vigência, Aplicação, Interpretação e Integração da Legislação Tributária. Créditos Tributários. Lançamentos, Suspensão, Extinção e Exclusão do Crédito Tributário. Administração Tributária. O Contencioso Tributário.

Referências

- Direito Comercial

BRASIL. Código Comercial Brasileiro.

EQUIPE DA FEAUSP. **Lei das S/A – Manual de Legislação.** São Paulo: Atlas

FUHER, Maximilianus Cláudio Américo. **Direito Comercial.** São Paulo : Malheiros

MARTINS, Fran. **Curso de Direito Comercial.** São Paulo: Forense

REQUIÃO, Rubens. **Curso de Direito Comercial.** São Paulo: Saraiva

VIEIRA, Dejair. **Direito Comercial.** Resumo para Concurso. São Paulo. Edipro

- Direito Tributário

AMARO, Luciano. **Direito Tributário Brasileiro**. São Paulo: Saraiva

CARVALHO, Paulo de Barros. **Curso de Direito Tributário**. São Paulo: Saraiva

ICHIHARA, Yoshiaki. **Direito Tributário**. São Paulo : Atlas

FABRETTI, Lúdio Camargo. **Contabilidade, Tributária**. São Paulo: Atlas

JR. RESA, Luiz Emygdio F. da. **Manual de Direito Financeiro e Direito Tributário**.
Biblioteca Jurídica Freitas Bastos

NOGUEIRA, Rui Barbosa. **Curso de Direito Tributário** . São Paulo: Saraiva

- LEGISLAÇÃO
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL
- CÓDIGO TRIBUTÁRIO NACIONAL

HISTÓRIA DO BRASIL REPUBLICANO – 66 H

Tendências da historiografia e periodização. A implantação, estrutura, dinâmica e crise da República Oligárquica. Populismo Nacional – desenvolvimento e democracia. O período autoritário, reintegração regional e transnacionalização. A cultura e os aspectos da vida cotidiana.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. [A Construção do Imaginário Republicano]. São Paulo: Cia. das Letras, [Há diversas Edições].

_____. **Os Bestializados da República**. Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, [Diversas Edições a partir de 1987].

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena**. Propaganda Política nos regimes de Vargas e Perón. Campinas/São Paulo: Papirus/Fapesp, 1998.

PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a política no Brasil**. Entre o povo e a nação. [Trad]. São Paulo: Ática. 1990.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. das Letras, [Edições novas a partir dos anos 2000].

_____. **Orfeu Estático**. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

5º SEMESTRE

(EIXO TEMÁTICO: GESTÃO ARQUIVÍSTICA E COMPLEMENTAR)

ARQUIVOS PERMANENTES – 66 H

O princípio da proveniência; a identificação e avaliação de "massas documentais acumuladas"; planejamento de programas de arranjo e descrição de documentos; elaboração de instrumentos de pesquisa; a norma ISAD e a NOBRADE.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Manual de identificação de acervos documentais para transferência e recolhimento aos arquivos públicos**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1988.

ARQUIVO NACIONAL. **Proposta para um programa de modernização dos sistemas arquivísticos dos países latino-americanos**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1988.

ARQUIVO NACIONAL. NOBRADE 1. **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Versão Preliminar. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2005.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1975.

BELLOTO, H.L. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. São Paulo : T. A Queiroz, Editor. 1991.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. (Org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CPDOC.FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Procedimentos técnicos em arquivos privados**. Rio de Janeiro : FGV. 1986.

DIRECTION DES ARCHIVES DE FRANCE, ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANCAIS. **Manuel d'Archivistique**. Paris : Imprimerie Nationale, 1970.

DUCHEIN, Michel. **Los obstaculos que se oponen al acceso a la utilización y a la transferencia de la informacion conservada en los archivos: un estudio del RAMP**. Paris: UNESCO, 1983.

FONSECA, Vitor M., GOUGET, Alba G. **Documentos do período colonial: considerações para tratamento técnico**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1985.

ISAD(g): norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Norma e descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA -Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

ISAAR(CPF): norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias / tradução de Vitor Manuel Marques da Fonseca.2. ed, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

JARDIM, J. MARIA. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói : EDUFF, 1995.

JARDIM, J. MARIA. **Transparência e Opacidade do Estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói: EDUFF, 1999.

ROUSSEAU, J.Y., COUTURE, C.. **Os Fundamentos da Disciplina Arquivística**. Publicações Dom Quixote : Lisboa, 1998.

SCHELEMBERG, T.R. **Arquivos Modernos**. Rio de Janeiro: FGV, 1973.

SCHELEMBERG, T.R.. **Documentos Públicos e Privados: arranjo e descrição**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1963.

SILVA, A.M et.al. **Arquivística: Teoria e Prática de uma Ciência da Informação**. Edições Afrontamento: Porto. 1999.

PALEOGRAFIA – 33 H

A escrita e o seu desenvolvimento histórico. As superfícies, tintas e instrumentos. A tipologia das escritas. A escrita latina e o sistema braquigráfico. O sistema de numeração romano-lusitano e indu-arábico. Sinais estignológicos. Os manuscritos lusos e brasileiros: formalidade, diversidade, finalidade. Seleção e normas para as transcrições. Leitura documental dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Referências

ACCIOLI, Vera Lucia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**. Recife: Massangana, 1994.

BELLOTO, H.L. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. São Paulo : T. A Queiroz, Editor. 1991.

BERWANGUER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 1991.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

COHEN, Marcel. **A escrita**. Lisboa: Europa-América, 1961.

COSTA, Avelino de Jesus, padre. **Álbum de paleografia e diplomática portuguesa**. 3. ed. Coimbra: DGAC, 1975. RGPL

_____. **Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos**. Coimbra: Faculdade de Letras, 1993.

DIAS, J.; MARQUES, Oliveira; RODRIGUES, T. **Álbum de paleografia**. Lisboa: Estampa, 1987.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI a XIX**. São Paulo: Divisão do Arquivo do Estado, 1979.

_____. **Noções de paleografia.** Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1970. (Publicação do Centro de Estudos Bahianos, nº66)

LEAL, João E. Franklin. **Espírito Santo: documentos administrativos.** Vitória: FJSN, 1979.

LEAL, João Eurípedes Franklin. **Espírito Santo: documentos coloniais.** Vitória: FJSN, 1978.

_____. **Glossário de paleografia.** Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros-AAB, 1994.

_____. **Normas para transcrição paleográfica da documentação brasileira.** Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1990.

_____. **Paleografia: fontes primárias e normatização das transcrições.** S.l.: s.ed. 5 p. Datilo. Apresentado ao 5º congresso Brasileiro de Arquivologia, Rio de Janeiro, 1982.

MACEDO, Deoclésio Leite de. **Notariado.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1974.

MATTOS E SILVA, Rosa. **O português arcaico: fonologia.** São Paulo: Contexto, 1991.

NUNES, Borges. **Abreviaturas paleográficas portuguesas.** Lisboa: ABRE, 1980

NUNES, Eduardo. **Vária paleográfica.** Lisboa: Barbosa e Xavier, 1973.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1987.

ROMÁN BLANCO, Ricardo. **Estudos paleográficos.** São Paulo: Laserprint, 1987.

ZAMBEL, Miriam Mani. **Breve história da escrita.** São Carlos, SP: Universidade, 1984.

PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS DOCUMENTAIS – 66 H

Noções teóricas da composição dos agentes agressores e dos princípios gerais da preservação de documentos. Atitudes de conservação preventiva e prática de conservação reparadora.

Referências

BANKS, Paul et al. **Preservation Issues and planning.** Chicago and London: American Library Association, 2000.

CONWAY, Paul. Archival Preservation Practice in a Nationwide Context. In: **The American Archivist – Special Preservation issue.** USA: The Society of American Archivists, 1990, vol. 53 n.2

HARVEY, Ross. Preservation. In: **Keeping Archives.** Austrália: The Australian Society of Archivists, 1997. 2nd ed.

HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: _____. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MATELLART, Armand. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002

NORA, Pierre. Missions et enjeux des archives dans les sociétés contemporaines In: ____ **Revista Internacional de Archivos**. COMMA 2003.2-Paris: Conceil International des Archives.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la Restauración**. Madrid: Ed. Síntesis, 2003

DOCUMENTOS DIGITAIS – 66 H

Conceitos: informação, arquivo, documento, documento eletrônico e documento digital. Características dos documentos digitais. Gestão arquivística de documentos digitais. Validade legal de documentos digitais. Preservação de documentos digitais: estratégias, diretrizes, metadados e custódia.

Referências

BEARMAN, David. **Record-keeping systems**. *Archivaria*. Ottawa, n. 36, p. 16-36, 1993.

BEARMAN, David. **Diplomatics, weberian burocracy, and the management of electronic records in Europe and America**. *The American Archivist*, Chicago, v. 55, n. 1 p.168-181, 1992.

BEARMAN, David. **Item level control and electronic recordkeeping**. 1996. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~nhprc/item-lvl.html>> Acesso em: 22 jul. 2001.

BEARMAN, David. **Metadata requirements for evidence**. [1996?]. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~nhprc/BACartc.html>> Acesso em: 13 jul. 2001.

BEARMAN, David; SOCHATS, Ken. **Formalizing functional requirements for recordkeeping**. 1996. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~nhprc/pub4.html>> Acesso em: 14 ago. 2001.

BRASIL. **Decreto nº 3.505, de 13 de junho de 2000**. Institui a Política de Segurança da Informação nos órgãos e entidades da Administração Pública Federal. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 14 jun. 2000a.

BRASIL. **Decreto nº 3.587, de 5 de setembro de 2000**. Estabelece normas para a Infraestrutura de Chaves Públicas do Poder Executivo Federal – ICP-GOV, e dá outras providências. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 6 set. 2000c.

BRASIL. **Decreto nº 3.714, de 3 de janeiro de 2001**. Dispõe sobre a remessa, por meio eletrônico, de documentos a que se refere o art. 57-A do decreto nº 2.954, de 29 de janeiro de 1999, e dá outras providências. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 23 de mar. 2001a.

BRASIL. **Decreto nº 3.779, de 23 de março de 2001.** Acresce dispositivo ao art. 1º do decreto nº 3.714, de 3 de janeiro de 2001, que dispõe sobre a remessa, por meio eletrônico, de documentos. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 4 jan. 2001b.

BRASIL. **Decreto nº 3.996, de 31 de outubro de 2001.** Dispõe sobre a prestação de serviço de certificação digital no âmbito da Administração Pública Federal. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 5 nov. 2001c.

BRASIL. **Decreto s/nº, de 18 de outubro 2000.** Cria, no âmbito do Conselho de Governo, o Comitê Executivo do Governo Eletrônico e dá outras providências. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 19 out. 2000d.

BRASIL. **Decreto s/nº, de 3 de abril de 2000.** Institui o Grupo de trabalho Ministerial para examinar e propor políticas, diretrizes e normas relacionadas com as novas formas eletrônicas de interação. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 4 abr. 2000e.

BRASIL. **Governo Eletrônico.** Disponível em <<http://www.governoeletronico.gov.br>> Acesso em 20 out. 2001.

BRASIL. **Medida Provisória nº 2.200, de 28 de junho de 2001d.** Institui a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira-ICP-Brasil, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 15 ago. 2001e.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Programa Sociedade da Informação.** Disponível em <<http://www.mct.gov.br/Temas/Socinfo/Default.htm>> Acesso em 17 Mai. 2002.

BRASIL. Presidência da República. **ICP-Brasil: infra-estrutura de chaves públicas brasileira.** Disponível em <<http://www.icpbrasil.gov.br>> Acesso em 14 mai. 2002.

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Comité de l'informatique.** Enquête internationale sur les documents informatiques dans les archives des pays en développement. Paris : CIA/ICA, 1987.

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Comité sur les Documents Électroniques.** Guide pour la gestion archivistique des documents électroniques. Paris : CIA/ICA, 1997. nº 8. (Disponível também em inglês).

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Committee on Electronic Records.** Electronic records programs: report on the 1994/95 Survey. Paris: International Council on Archives, 1996. Localização: AN

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Committee on Electronic Records.** Guide for managing electronic records from an archival perspective. Paris: International Council on Archives, 1997.

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. **Committee on Electronic Records.** Electronic records programs: report on the 1994/95 Survey. Paris: International Council on Archives, 1996.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. Comitê de Arquivos correntes em ambiente Electrónico. **Documentos de arquivo electrónicos: manual para arquivistas.** Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo. 2005. 74p. (Estudo n. 16).

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital.** Tradução de: Rubens Ribeiro. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1997. 24 p. II (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).

COX, Richard J. **Variables in the satisfaction of recordkeeping requirements for electronic records management.** 1996. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~n/Proposal.html>> Acesso em: 2 jul. 2001.

DHÉRENT, Catherine. **Les archives électroniques.** Manuel pratique. Paris : Direction des Archives de France, 2002. 104 p. Disponível em : <<http://www.archivesdefrance.culture.gouv.fr/fr/publications/index.html>> Acesso em: 15 out. 2001.

DINIZ, Davi Monteiro. **Documentos eletrônicos, assinaturas digitais:** da qualificação jurídica dos arquivos digitais como documentos. São Paulo: Ltr., 1999.

DOLLAR, Charles M. **O impacto das tecnologias da informação sobre princípios e práticas de arquivos:** algumas considerações. Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, p.3-38, jan./dez.1994. Localização: NA

DOLLAR, Charles M. **Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas:** o papel da arquivologia. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p.65-79, jan./jun. 1994. Localização: FGV

DUFF, Wendy. **Defining transactions: to identify records and assess risk.** 1996a. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~nhprc/prog5.html>>. Acesso em: 14 ago. 2001.

DURANTI, Luciana. **Permanently authentic electronic:** an international call to action. In: DLM – Forum, 1999: Bruxelas. European citizens and electronic information: the memory of the Information Society. Bruxelas: [s.n.], 2000. p.158-161.

DURANTI, Luciana. (Coord.). **INTERPARES project.** International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems. Disponível em: <<http://www.interpares.org.index.html>>. Acesso em: 22 mar. 2000

DURANTI, Luciana. **Merging the old with the new:** the management of electronic records in Canada in theory and practice, 2002. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/not_eve/seminario/sessão1/Id.html>

DURANTI, Luciana; EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather. **The protection of the integrity of electronic records**. [1997?]. Disponível em: <<http://www.interpares.org>> Acesso em: 16 mar. 2000.

FILLION, Chantale. **Os tipos e os suportes de arquivo**. In: ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa : Dom Quixote, 1998. p.227-253.

FLORES, Daniel. **Gestão de Documentos Eletrônicos -GDE**. Universidade Federal de Santa Maria/RS, 1998. Disponível em: <<http://www.arquivologia.ufsm.br/daniel/artigos.html>> Acesso em: 25 jul. 1999.

JARDIM, José Maria. **A arquivologia e as novas tecnologias da informação**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 251-260, 1992. Localização: FGV

JARDIM, José Maria. **A arquivologia, os arquivistas e a sociedade da informação no Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://infocafe.cjb.net>>. Acesso em: 25 out. 2000.

LODOLINE, Elio. **Il principio di provenienza per e documenti nati su supporto elettronico: l' archivistica alle sogli del 2000**. Rasegna degli Archivi di Stato, Roma, v. 53, n. 2-3, p. 378387, 1993.

LOPES, Luís Carlos. **A gestão da informação: as organizações, os arquivos e a informática aplicada**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

MACNEIL, Heather et al. **INTERPARES project: authenticity task force final report**. 2001. Disponível em: <<http://www.interpares.org>> Acesso em: 30 out. 2001.

MACNEIL, Heather. **Providing grounds for trust II: The findings of the Authenticity task force of Interpares**. Archivaria, Ottawa, n. 54, p. 24-59, outono 2002.

MACNEIL, Heather. **Providing grounds for trust: developing conceptual requirements for the long-term preservation of authentic electronic records**. Archivaria, Ottawa, n. 50, p. 52-79, outono 2000.

MARCONDES, Carlos Henrique de. **Informação arquivística, estrutura e representação computacional**. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 17-32, 1998. Localização: AN

MARIZ, Anna Carla Almeida. **O correio eletrônico e seu impacto na formação dos arquivos empresariais: estudo dos casos da Shell e do club Mediterranée**. 1997, 100f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documentação). Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Orientadores: Icléia T. M. Costa e José Pedro P. Esposel.

MARSDEN, Paul. **When is the Future?: comparative notes on the electronic record-keeping projects of the University of Pittsburgh and the University of British Columbia**. Archivaria, Ottawa, v. 43, p. 158-173, primavera 1997.

MCDONALD, John. **Managing. Records in the Modern Office: taming the wild frontier.** Archivaria, Ottawa, v. 39, p. 70-79, primavera 1995.

MINC, Alain; NORA, Simon. **A informatização da sociedade.** Tradução de: Luísa Ribeiro. Rio de Janeiro : FGV, Instituto de Documentação, 1980. 17 p.

NACIONAL ARCHIVES (Cnada). **Electronic archives preservation.** Disponível em <http://www.archives.ca/13/130103_e.html>> Acesso em 01 set. 2001.

PAES, Marilena Leite. **Os arquivos e as novas tecnologias.** Boletim da Associação dos Arquivistas Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 4, 1994.

PETERSON, Trudy. **Archival principles and records of the new technology.** The American Archivist, v. 47, n. 4, p. 382-392, 1984.

PETERSON, Trudy. **Machine-readable records as archival materials.** Archivun, Paris, p. 83-88, 1989. (International Congress on Archives, 11, 1988, Paris).

PORTUGAL. Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo; PORTUGAL. Ministério das Finanças. Instituto de Informática. **Recomendações para a gestão de documentos de arquivo eletrônicos.** 1ª ed . -Lisboa : Inst. Arq. Nac./Torre do Tombo, 2000-. -v. : 30 cm . 1º v.: Contexto de suporte. -51 p.

PROKOPETZ, Klaus. **Watermark em documentos eletrônicos para proteção de direitos de autor.** Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/~klaus/TI.htm>>Acesso em: 13 mar. 2000.

RONDINELLI, Rosely Curi. **A gestão dos documentos eletrônicos: o desafio do século XX.** Boletim da Associação dos Arquivistas Brasileiros, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, maio -ago, 1998. Localização: NA

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea.** Rio de Janeiro : Editora FGV, 2002. 160 p. Localização: FGV

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gestão arquivística de documentos eletrônicos: iniciativas brasileiras,** 2002. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/not_eve/seminario/sessão2/rcr_w.html>

SANTOS, N. P. T. dos. **Documentos eletrônicos: utilização e valor legal.** Arquivo e história. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado, 1997.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **Gestão de documentos eletrônicos: uma visão arquivística.** Brasília: ABARQ, 2002. 140p. Il. Localização: AN

TRUJILLO, Elcio. **O MERCOSUL e a documentação eletrônica.** Jurídica/INFOJUR, 1997. Disponível em: <<http://www.datavenia.com/mercosul.htm>> Acesso em: 20 jun. 1999.

VOLPI NETO, Angelo. O comércio eletrônico. In: **Documentos eletrônicos e simpósios notariais e registrais**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Paris/2009/eleto.htm>> Acesso em: 25 jul. 1999.

ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS – 66 H

A Importância do estudo de recursos humanos nas organizações. Funções da Administração de recursos humanos. Análise, descrição, especificação e avaliação de cargo. Pesquisa alaral. Tipologia de remuneração. Administração de carreiras. Saúde e segurança no trabalho. Recrutamento e seleção. Treinamento e desenvolvimento. Avaliação de desempenho. O Controle do Sistema de Recursos Humanos. Relações Trabalhistas e Sindicais. Tendências e Perspectivas da Administração de Recursos Humanos. A formação do administrador. Interdisciplinaridade. Organizações e Comportamento. O indivíduo -variáveis intrínsecas e extrínsecas determinantes do comportamento. Atitude, percepção, aprendizagem, motivação Os grupos na organização. Hierarquia, normas, papéis, coesão, objetivos Conflitos intra e inter-grupais

Referências

BERNAL, Eliete. **As Pessoas na organização**. São Paulo. Editora Gente, 2002.

DAYRELL, Marcio. **Recursos humanos 100%**. Rio de Janeiro. Editora Qualitymark. 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. “**Gestão de pessoas**”. São Paulo: Campus. 1999.

FLEURY, Maria Tereza (coord.). **As Pessoas na organização**. São Paulo: Gente, 2002.

GAETANI, Francisco. **Capacitação de recursos humanos no Serviço Público: Problemas e impasses**. Brasília, ENAP, 1998.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Maximizando criatividade e racionalidade: uma política de recursos humanos a partir da teoria de Habermas**. São Paulo: Qualitymark, 1999.

MAYO, Andrew. **O valor humano da empresa: valorização das pessoas como ativos**. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

NUNBERG, Bárbara. **Gerência de Recursos Humanos no setor público: lições da reforma em países desenvolvidos**. Brasília: ENAP, 1998.

OLIVEIRA, Aristeu. **Manual de descrição de cargos**. São Paulo: Atlas, 2001.

SOUZA, Joel. **Gestão de Pessoas: Modelo, Processos, tendências e perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2002.

VROOM, Victor H. ; RODRIGUES, Ana Beatriz; CELEST, Priscilla Martins. **Gestão de Pessoas não de Pessoal: Os melhores métodos de motivação e a avaliação de desempenho** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PIERRE, Jean. **Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico**. 6. ed. Rio de Janeiro, Futura, 2002.

VERGARA, Constant Sylvia. **Gestão de pessoas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

HISTÓRIA DA PARAÍBA – 33 H

A historiografia paraibana: fontes, condições de investigação e tendências. A Paraíba, sua inserção no sistema colonial, bases de ocupação do espaço e processo de desagregação colonial. A Paraíba na formação do Estado Nacional: centralização x descentralização, autonomia x dependência A estrutura de poder, os mecanismos da dominação do Estado Oligárquico, a crise e a Revolução de 30. A Paraíba no processo de formação e integração do mercado nacional. A vida cotidiana e a cultura paraibana: tendências e identidade.

Referências

ALMEIDA, E. de. **História de Campina Grande**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1978.

ALMEIDA, J. A. de. **A Paraíba e seus problemas**. 3. ed. João Pessoa: A União, 1980.

AMORIM, L.H.B. **Aspectos Históricos das Relações Sócio-Econômicas da Paraíba (1970/1990)**. Debates Regionais: História -Pesquisa e Ensino, João Pessoa, n.1, p. 85/104,

_____. **O Comércio Paraibano no Processo de Formação do Mercado Nacional 1930/1939**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, 1987.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no / do Mundo**. São Paulo: HICITEC, 1996.

COELHO, Cleodon. **Guarabira através dos tempos**. Guarabira: Tip. Nordeste, 1955.

FERNANDES, Irene Rodrigues da Silva. **Comércio e subordinação: a Associação Comercial da Paraíba no processo histórico regional -1889/1930**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

FERNANDES, Irene Rodrigues e AMORIM, Laura Helena Baracuhy. **Atividades produtivas na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999 (Coleção História Temática da Paraíba; v. 2) .

GONÇALVES, R. C; et ali. **A questão urbana na Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999 (Coleção História Temática da Paraíba; v. 3)

GUIMARÃES NETO, Leonardo. **Introdução à Formação Econômica do Nordeste**. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1989.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Morte e Vida das Oligarquias. Paraíba (1889 –1945)**. João Pessoa, 1994.

HOFFNAGEL, M. J. **O homem livre, marginalização e manifestações política: o homem livre pobre na sociedade paraibana**. In **CIÊNCIA HISTÓRICA** - Revista do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. N.º 03 out./1990.

JOFFILY, G. I. **O quebra-quilo: a revolta dos matutos contra os doutores-1874**. Brasília: Ed. Thesourus, 1977.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MEDEIROS, Maria do Céu e SÁ, Ariane Norma de Menezes. **O Trabalho na Paraíba**. Das Origens à Transição para o Trabalho Livre. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999 (Coleção História Temática da Paraíba., v. 1)

MELLO, Evaldo Cabral de. **A Ferida de Narciso**. Ensaios de História Regional. São Paulo, Ed. Senac, 2002.

MOREIRA, Emília & TARGINO, Ivan. **Capítulos da geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

MOREIRA, Emilia de Rodat F. **Processo de ocupação do espaço agrário paraibano**. João Pessoa:UFPB/NDIHR, 1990 (Textos NDIHR, n. 24).

_____. **Messorregiões e microrregiões da Paraíba: delimitação e caracterização**. João Pessoa: Gabinete do Planejamento e Ação Governamental, 1989.

REVEL, Jacques. **A Invenção da Sociedade**. [Trad]. Lisboa, Bertand, 1990.

SÁ, A. N. de M. **Escravos, libertos e livres: a Paraíba na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História Social) . Departamento de História da Universidade de São Paulo, 1994.

SANTANA, Martha M. Falcão de C. e M. Santana. **Nordeste Açúcar e poder**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB,1990.

SILVA, Marcos A. [Org]. **República em Migalhas**. São Paulo, Marco Zero/Anpuh, 1990.

SILVEIRA, R. M. G. **O regionalismo nordestino**. São Paulo: Moderna, 1984.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. **Estrutura de Poder na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999 (Coleção História Temática da Paraíba, v. 4).

6º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão Arquivística)

ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DOS PROCESSOS INFORMACIONAIS – 33 H

Ética, moral e deontologia. Normatividade moral e relatividade de valores. Problemas e crises da ética na sociedade contemporânea. Questões éticas na produção, gerenciamento e transferência da informação. Normas e princípios deontológicos no Brasil e em outros países; Direito à Informação. Valor legal da informação. Direito do autor. Direito informático.

Referências

ALMINO, João. **O Segredo e a informação: ética e política no espaço público**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AMARAL, Antônio Carlos R. do. **Ética social e governamental: advocacy e lobby uma proposta para o exercício da cidadania na democracia contemporânea**. São Paulo: Hottopos, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética e Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulus, 1997.

DUCHEIN, Michel. **Los obstaculos que se oponen al acceso, a la utilización y a la transferencia de la información conservada en los archivos: un estudio del RAMP**. Paris: Unesco, 1983.

FONSECA, Maria Odila. **Informação e direitos humanos: acesso às informações arquivísticas**. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019651999000200007>

Acessado em 25 agosto 2006.

GALLO, Silvio (Coord.). **Ética e cidadania: caminhos da Filosofia (elementos para o ensino de Filosofia)**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

JARDIM, José Maria. **Transparência e Opacidade do Estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói: EDUFF, 1999. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, Jose Maria. **O inferno das boas intenções: legislação e políticas arquivísticas**. Acesso à informação e política de arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. p. 36.

NOVAES, Adauto (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

ROITMAN, Ari (org.). **O Desafio Ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SECLAENDER, Airton L. **O direito de ser informado**. Base do paradigma moderno do direito de informação. Estudos e Comentários. RDP v. 99. 1991

SINGER, Peter. **Ética Prática**. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUZA, Hebert de. **Ética e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1996.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

GESTÃO DE SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS – 99 H

As funções arquivísticas como atividades - meio nas organizações. Modelos de serviços arquivísticos. Interface com outros serviços da organização. Metodologias de diagnóstico arquivístico. Planejamento e implantação de serviços arquivísticos, políticas arquivísticas e sistemas de arquivos Recursos humanos, tecnológicos e orçamentários. Marketing do serviço de arquivos. Mecanismos e agentes da avaliação de serviços arquivísticos.

Referências

AZAMBUJA, T. **Documentação de sistemas de qualidade**. São Paulo: Campus, 1996.

CARDOSO, Júlio César , LUZ; André, Ricardo. **Os arquivos e os sistemas de gestão da qualidade**. Arquivística.net-www.arquivistica.net, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.51-64, jan./jun. 2005. <http://www.arquivistica.net>

CSILLAG, J. **Análise do valor**. São Paulo: Atlas, 1995.

CORREA, H. L.; CAON, M. **Gestão de serviços**: lucratividade por meio de operações e de satisfação dos clientes. São Paulo: Atlas, 2002.

GIANESI, I.; CORRÊA, H. **Administração estratégica de Serviços**. São Paulo: Atlas, 1994.

GRÖNROOS, C. **Marketing**: gerenciamento e serviços: a competição por serviços na hora da verdade. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

GUIMARÃES, Eliane Marina Palhares. **Sistema de informação**: instrumento para tomada de decisão no exercício da gerência. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=83&layout=html>. Acesso em 12 jun. 2005

JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995. 196p. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria. **Transparência e Opacidade do Estado no Brasil**: usos e desusos da informação governamental. Niterói: EDUFF, 1999. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995. 196p. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JOHNSTON, R.; CLARK, G. **Administração de operações de serviço**. São Paulo: Atlas, 2002.

KOTLER, P. **Administração de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LOVELOCK, C. H.; WRIGHT, L. **Serviços: marketing e gestão**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MCGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. **Delineando o valor do sistema de informação de uma organização**. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2000.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **O usuário como agente no processo de transferência dos conteúdos informacionais arquivísticos**. Orientador: José Maria Jardim. Rio de Janeiro, UFF/IBICT, 2006. Dissertação (Ciência da Informação)

RAMOS, Paulo Baltazar. **A gestão na organização de unidades de informação**. Ciência da Informação . Vol 25, número 1, 1995

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SÁ, Ivone Pereira de, SANTOS, Paula Xavier dos. **A face oculta da interface: Serviços de Informação Arquivística na Web Centrados no Usuário**. <<http://www.coc.fiocruz.br/producao/arquivos/TrabABARQ.pdf>>

SANTOS, Vanderlei Batista. **Arquivos institucionais como unidade de informação: uma questão de marketing**. Cenário Arquivístico. Brasília, v.2, n.2, jul/dez 2003.

SIMONETTI, Célia Regina. **Gestão pela qualidade: referencial teórico**. Disponível em <http://www.voy.com/19210/1/450.html> . Acesso em: 07 jan. 2003

SCHELEMBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

ZEITHAML, V. A. **Marketing de serviços: a empresa com foco no cliente**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ACERVOS DOCUMENTAIS – 66 H

Conceitos básicos que norteiam uma política de preservação. Categorias de Preservação. Componentes básicos do planejamento para preservação. Coleta de dados. Recursos disponíveis. Questões políticas

Referências

ALBITE, Sergio Conde. **Algumas reflexões sobre preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.19 p. <Disponível em: www.cpba.net>. Acesso em: 10 fevereiro 2006.

CHILD, Margareth. Planejamento para Preservação. In: **Planejamento e Prioridades**. Tradução Elizabeth Larkin Nascimento. 2. ed. [30-32], p. 6-14, Rio de Janeiro: Projeto

Conservação Preventiva em Biblioteca e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. 30 p. Disponível em: <www.cpba.net>. Acesso em: 12 janeiro 2006.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Tradução de: Rubens Ribeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. 24 p. II (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).

COX, Richard J. **Variables in the satisfaction of recordkeeping requirements for electronic records management**. 1996. Disponível em: <<http://www.sis.pitt.edu/~n/Proposal.html>> Acesso em: 2 jul. 2001.

FORDE, Helen. **Preservation as a strategic function and an integrated component of archives management: or, can we cope without it?** In: International Council on Archives :CITRA Proceedings, 1999. Disponível em: <www.ica.org/citra/citra.budapest.1999.eng/forde.pdf>. Acesso em: 05 outubro 2005.

GARLICK, Karen. Planejamento de um programa eficaz de manutenção de acervos. In: **Planejamento e Prioridades**, pp. 21 a 30. Rio de Janeiro.

GOMES, Neide Aparecida. **O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil**. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação), Brasília:Universidade de Brasília, 2000. 98 p.

GUICHEN, Gaël de. **La conservation préventive: un changement profond de mentalité. Study series, Bruxelas**: ICOM-CC/ULB, v.1, n 1, p. 4-5, 1995. Disponível em: <http://icom.museum/study_series_pdf/1_ICOM-CC.pdf>. Acesso em: 5 setembro 2005.

HAZEN, Dan C. **Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções**. Tradução José Luiz Pedersoli Junior In: **Planejamento de preservação e gerenciamento de programas**. [1997 1. ed.; 2001, 2. ed.] 2. ed., 33-36, Rio de Janeiro : Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional,

HEDSTROM, Margaret. **Digital preservation: a time bomb for digital**. HEDSTROM, Margareth. Building record-keeping systems: archivists are not alone on the wild frontier. Archivaria. Ottawa, n.44, p. 44-71, outono 1997.

INTO the future: on the preservation of knowledge in the electronic age / a film by Terry Sanders; narrated by Robert Macneil. -[S.l.]: American Film Foundation: Sanders & MACNEIL, Heather et al. **INTERPARES project: authenticity task force final report**. 2001. Disponível em: <<http://www.interpares.org>> Acesso em: 30 out. 2001.

JONES Lee. **Microfilme para preservação: plataforma para sistemas digitais de acesso**. In: Reformatação [44-47]. Tradução José Luis Pedersoli Júnior, 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. 46 p. Disponível em: <www.cpba.net>. Acesso em 12 janeiro 2006.

LYALL, Jan. **The role of counter disaster planning in establishing national and international preservation information networks.** IFLA/PAC ASIA CONFERENCE, 2000. Disponível em ><http://www.ndl.go.jp/en/iflapac/lyall.html><Acesso em 11/10/ 2005.

MACNEIL, Heather. **Providing grounds for trust II:** The findings of the Authenticity task force of Interpares. *Archivaria*, Ottawa, n. 54, p. 24-59, outono 2002.

MACNEIL, Heather. **Providing grounds for trust:** developing conceptual requirements for the long-term preservation of authentic electronic records. *Archivaria*, Ottawa, n. 50, p. 52-79, outono 2000.

MARCUM, Deanna. **Prefácio.** The State of Preservation Programs in American College and Research Libraries: Building a Common Understanding and Action Agenda. CLIR, 2002. 24 p. Disponível em: <www.clir.org> Acesso em 13/11/2005.

MEMÓRIA DO MUNDO: **Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental mundial.** Paris: UNESCO, 2002. 71 p. Disponível em: <www.unesco.org/uy/informatica/mdm.pdf>. Acesso em: 13 novembro 2005.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias:** métodos básicos para salvar suas coleções . Tradução de Olga de Souza

NATIONAL LIBRARY (Austrália). **Directrices para la preservación del patrimonio digital.** [S.l.] mar. 2003. Documento elaborado com o apoio da UNESCO.

PEREIRA, Roberto Souto. **Arquivo de filmes:** preparação para a automação e criação de uma base de dados nacional. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 47-61, 1986.

Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos. *Arquivo Nacional*, 2ª. ed. 2001. Disponível em: >www.cpba.net< Acesso em 13/10/2005. Disponível em: <www.cpba.net>. Acesso em 12 janeiro 2006.

SILVA, Rubens Ribeiro. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais:** Tecnologia e consciência no universo digital. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2002.

SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY (SRLF). **Microfilm:** a brief history. Berkeley: UC, 2005. Disponível em: <<http://www.srlf.ucla.edu/exhibit/text/BriefHistory.htm>>. Acesso em: 10 outubro 2005.

ST. LAURENT, Gilles. **Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro.** Tradução de José Luiz Pedersoli Júnior 2. ed., n 43, Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: *Arquivo Nacional*, 2001.

VAN BOGART, John W. C. **Armazenamento e manuseio de fitas magnéticas:** um guia para bibliotecas e arquivos. Tradução de José Luiz

WATERS, Donald J.. **Do microfilme à imagem digital**: como executar um projeto para estudo dos meios, custos e benefícios de conversão para imagens digitais de grandes quantidades de documentos preservados em microfilme. Tradução José Luiz Pedersoli Júnior – 2. ed., n 49, Rio de Janeiro : Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. 43 p. Disponível em: <www.cpba.net>. Acesso em 12 janeiro 2006.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO – 165 H

Desenvolvimento de práticas arquivísticas em instituições e serviços arquivísticos, públicos e privados. Atividade individual orientada por um docente, de acordo com o Plano de Atividades, elaborado pelo aluno e aprovado pela Coordenação do Curso.. Apresentação e defesa presencial do relatório de estágio na forma de uma monografia

7º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão Arquivística)

FONTES DE INFORMAÇÃO GERAIS E ESPECIALIZADAS – 66 H

Estudo de fontes gerais e especializadas impressas e eletrônicas. O papel das instituições na sua organização. Tipologia, finalidades, classificação e localização.

Referências

BUCKLAND, M. Bibliographic access reconsidered. In: _____. **Redesigning library services**: a manifesto. Disponível em: <http://sunsite.berkeley.edu/Literature/Library/Redesigning/bibaccess.html>. 2.04.2004. Acesso em CAMPELLO, Bernadete Santos at all. Fontes profissionais. Belo Horizonte:UFMG, 2000. de informação para pesquisadores e

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. Ed. Brasília: UNB, 1998. 111p.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998. 159p.

GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michel. **As bibliografias e as obras de referência**: a literatura secundária. In: _____. Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação. Brasília: IBICT, 1994. p. 65-81.

MEADOWS, A J. **A Comunicação Científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MUELLER, Suzana P. M. et al. **Disseminação da pesquisa em Ciência da Informação**. Revista Ciência da Informação, v.25, n.3, 1996. <<http://www.ibict.br/cionline/250396/25039609.pdf>> . Acesso em 08.05.2002

RUIZ FELIPE, J. A. **Fuentes para la selección de monografias en Internet**. Sociedad de la información, v. 5, mar. 2002. Disponível em: <http://www.sociedadelainformacion.com/>. Acesso em 08.05.2002.

SABBATINI, Renato M.E. **Pesquisa Bibliográfica**, 12 abr.1998 <URL: <http://nib.unicamp.br/~sabbatin>> citado em 30 mar. 2000.

GESTÃO DE INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS – 99 H

As funções das instituições arquivísticas: histórico e configurações contemporâneas. Modelos nacionais e internacionais de instituições arquivísticas. Interface com outras instituições das áreas de patrimônio histórico-cultural. Metodologias de diagnóstico arquivístico. Planejamento e implantação de instituições arquivísticas, políticas arquivísticas e sistemas de arquivos. Recursos humanos, tecnológicos. Recursos orçamentários e extra orçamentários programas de trabalho. Mecanismos e agentes da avaliação de instituições arquivísticas.

Referências

CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MACHADO, Helena Correia. **Como implantar arquivos municipais**. Arquivo do Estado: São Paulo, 2000.

JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995. 196p. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria. **Transparência e Opacidade do Estado no Brasil**: usos e desusos da informação governamental. Niterói: EDUFF, 1999. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995. 196p. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

_____. **O acesso à informação arquivística no Brasil**: problemas de acessibilidade e disseminação. Caderno de Textos. Mesa Redonda Nacional de Arquivos, 1999. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

MARIZ, Ana Carla Almeida. **Arquivos públicos brasileiros**: a transferência da informação na Internet. Orientadores: Maria Nélide González de Gómez e José Maria Jardim. Tese de doutorado em Ciência da Informação. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **O usuário como agente no processo de transferência dos conteúdos informacionais arquivísticos**. Orientador: José Maria Jardim. Rio de Janeiro, UFF/IBICT, 2006. Dissertação (Ciência da Informação)

PEREIRA, Edmeire Cristina. **Metodologias para gestão da informação**. Transinformação. Campinas, set./dez., p.303-318. 2003.

RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SÁ, Ivone Pereira de, SANTOS, Paula Xavier dos. **A face oculta da interface: Serviços de Informação Arquivística na Web Centrados no Usuário.** <http://www.coc.fiocruz.br/producao/arquivos/TrabABARQ.pdf>

SANTOS, Vanderlei Batista. **Arquivos institucionais como unidade de informação: uma questão de marketing.** Cenário Arquivístico. Brasília, v.2, n.2, jul/dez 2003.

SCHELEMBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas.** Rio de Janeiro: FGV, 1994.

POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS – 66 H

Informação e política. Interface das políticas informacionais com outras políticas. Políticas de informação no setor público e privado. Formulação e implementação de políticas informacionais. Infra-estruturas legal, humana, tecnológica.

Referências

AMARAL, Ana Maria Barros Maia do. **O cenário da política nacional de informação no Brasil.** Sociedade & Informação. UFPB. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/pdf/IS119106.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2005.

ANDRADE, Maria Eugênia; RIBEIRO, Carla Andréa. **Governança informacional e políticas públicas de informação: pressupostos teóricos e inter-relações.** In: Encontro Nacional da ANCIB, 5, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANCIB, 2003.

ARAÚJO, Wagner Frederico Gomes de, GOMES, Marco Paulo Soares. **Governança Eletrônica na América Latina: podemos esperar uma democracia eletrônica?** Disponível em: <http://neic.iuperj.br/GovernancaEletronicaNaAmericaLatina_Final.doc>. Acesso em: 20 ago. 2005.

BRASIL. **Lei No 8159, de 09 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. 29, n.6, p.455, jan.1991.Seção I.

CEPIK, Marco; EISEMBERG, José. Internet e as instituições políticas semiperiféricas. In: _____. **Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica.** Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 293-314.

CUBILLO, Julio. **Políticas públicas de información en América Latina: ¿cuánto nos hemos renovado?** DataGramaZero, v.4 n.4 ago. 2003 Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago03/Art_03.htm>. Acesso em: 06 mai. 2004.

FREITAS, Lídia Silva de. **A memória polêmica da noção de Sociedade da Informação e sua relação com a área de informação.** Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa,

v.12, n. 2, p.175-209, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2006.

GONTIJO, Miriam. **Análise da proposta brasileira de e-governo como expressão de uma política de informação a partir do conceito de regime de informação**. *Perspect. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 179-188, jul./dez. 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. **Novos cenários políticos para a informação**. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

JARDIM, José Maria. **Capacidade governativa, informação e governo eletrônico**. *DataGramZero*. Rio de Janeiro, v. 1, n.5, out. 2000.

JARDIM, José Maria; MARCONDES, Carlos Henrique. **Políticas de Informação Governamental: a construção de Governo Eletrônico na Administração Federal do Brasil**. *DataGramZero -Revista de Ciência da Informação -v.4 n.2 abr/03*. Disponível em <http://www.dgzero.org/out00/Art_02.html>. Acesso em: 30 mar. 2006.

JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995. 196p. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria. **Transparência e Opacidade do Estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói: EDUFF, 1999. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/ppgci_livros.htm. Acessado em 25 de agosto de 2006.

JARDIM, José Maria. **O inferno das boas intenções: legislação e políticas arquivísticas**. Acesso à informação e política de arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. p. 3646

MONTVILOFF, V. **Políticas nacionales de información: manual sobre la formulación, aprobación, aplicación y funcionamiento de una política nacional sobre la información**. París: UNESCO, 1990

MULLER, Pierre; Surel, Yves. **A análise das políticas públicas**. Pelotas: EDUCAT, 2004.

REAL, Manuel Luís. **A rede nacional de arquivos: um desafio para p século XXI**. *Cadernos BAD*. APBSD, 2004. Disponível em: <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno12004/Real.pdf> . Acessado em 28 de agosto de 2006

SENRA, Nelson de Castro. **Regime e política de informação estatística**. São Paulo em *Perspectiva*, 16(3), 2002.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Informação em ciência e tecnologia: políticas, programas e ações governamentais – uma revisão de literatura**. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 92-102, set./dez. 2002.

PROJETO DE PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA – 66 H

Métodos e técnicas de pesquisa em Arquivologia. Elaboração de Projetos de Pesquisa.

Referências

CERVO, A. Luiz e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**: para uso de estudantes universitários. 3. ed. São Paulo:Mc Graw -Hill, 1996.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/UFMG, 1999.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução -elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARCONI, Mariana de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, A. Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS – 66 H

Meios de reprodução de documentos e suas características; fatores econômicos e de durabilidade; aspectos legais (direitos autorais e questões de autenticidade); reprodução de documentos, preservação e divulgação de acervos.

Referências

ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES. **Preservation microfilming**: a guide to librarians and archivists. 2.ed. Chicago: Elisa L. Fox, 1996.

BECK, Ingrid. Building preservation knowledge in Brazil. **Washington**: Council on Library and Information Resources, 1999.

_____. **Projeto cooperativo**: conservação preventiva em bibliotecas e arquivos. In: Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1-2, jan./dez. 1999.

BERTOLETTI, Esther Caldas. **Como fazer programas de reprodução de documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002

_____. **Brasil Colônia**: 300 anos de história em documentos organizados e acessíveis. In: Revista Oceanos, Lisboa, n. 40, out./dez. 1999.

_____. **Documentos históricos**: preservação e acesso. Responsabilidade de todos. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 158, n. 397, 1998. (Discurso de posse).

_____. Preservação e acesso de acervos de documentos históricos considerados como patrimônio comum. In: **Revista A&B**. Arquivos e Bibliotecas, Lisboa, n.1, 1997.

CABRAL, Maria Luisa. **Microfilmagem & digitalização**: a coexistência pacífica. In: Revista A&B. Arquivos e Bibliotecas, Lisboa, n. 2, 1998.

JONES Lee. **Microfilme para preservação**: plataforma para sistemas digitais de acesso. In: Reformatação [44-47]. Tradução José Luis Pedersoli Júnior, 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. 46 p. Disponível em: <www.cpba.net>. Acesso em 12 janeiro 2006.

SILVA, Rubens Ribeiro. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais**: Tecnologia e consciência no universo digital. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2002. 281 p.

SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY (SRLF). Microfilm: a brief history. Berkeley: UC, 2005. Disponível em: <<http://www.srlf.ucla.edu/exhibit/text/BriefHistory.htm>>. Acesso em: 10 outubro 2005.

8º SEMESTRE

(Eixo Temático: Gestão Arquivística e eletivo)

SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA – 66 H

Desenvolvimento de Pesquisa em Arquivologia. Elaboração de Relatório de Pesquisa. Apresentação de resultados de pesquisa.

Referências

CERVO, A. Luiz e BERVIAN, Pedro A.. **Metodologia científica**: para uso de estudantes universitários. 3. ed. São Paulo:Mc Graw -Hill, 1996.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/UFGM, 1999.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução - elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARCONI, Mariana de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, A. Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

TRABALHO ACADÊMICO ORIENTADO – 99 H

Elaboração e apresentação de trabalho monográfico sob orientação de docente.

EIXO TEMÁTICO CONHECIMENTOS ADICIONAIS PARA A GESTÃO DA

INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA:

HISTÓRIA RECENTE DO BRASIL – 66 H

A historiografia recente da atual História do Brasil. O Estado brasileiro contemporâneo: política, economia e sociedade nos quadros da mundialização: o Mercosul. A arte, a cultura e os aspectos da vida cotidiana.

Referências

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. O Governo Kubitschek. **Desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Neoliberalismo: utopia de uma exploração sem limites**. In: _____. **Contrafogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 135-149.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAVEAU, Agnès, TÉTART, Philippe (orgs.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

D'ARAÚJO, Maria Celina Soares, SOARES, Ary Dilson e CASTRO, Celso. **Visões do Golpe**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

_____. **A volta aos quartéis**. A memória militar sobre a abertura. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **“Cidadania: dilemas e perspectivas na República brasileira.”** Tempo Brasileiro, vol. 4, p. 80-102, 1997.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30. Coord. Alzira Alves de Abreu et alii. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vols. 2, 3 e 4.

FERREIRA, Jorge. (org.). **O Populismo e sua História: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular**. Rio de Janeiro, FGV, 1997.

FONTES, Virgínia, MENDONÇA, Sonia Regina. **História do Brasil Recente**. São Paulo: Ática, 1989.

FRENCH, John D. **Afogados em leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GASPARI, Elio. **As Ilusões Armadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2002-2003. 4 vols.

GOMES, Angela de Castro. **Cidadania e direitos do trabalho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____, PANDOLFI, Dulce Chaves, ALBERTI, Verena (orgs.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. (org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. **A esquerda brasileira**: das ilusões perdidas à luta armada. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1998.

IANNI, Octavio. **O Colapso do Populismo no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LAVAREDA, Antônio. **A democracia nas urnas**: o processo partidário eleitoral brasileiro. Rio de Janeiro: IUPERJ-Rio Fundo Editora, 1991.

MARSHALL, Thomas Humprey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MATTOS, Marcelo Badaró. **O sindicalismo brasileiro após 1930**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. et al. **Greves e repressão policial ao sindicalismo carioca**. Rio de Janeiro: APERJ/FAPERJ, 2003.

PALMEIRA, Moacir, GOLDMAN, Marcio (orgs.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 1996.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. Estudos Históricos, vol. 5, nº 10, p. 200212, 1992.

_____. **“Memória, esquecimento, silêncio”**. Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, p. 3-15, 1989. PRESOT, Aline Alves. As marchas da família com Deus pela liberdade. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

REIS, José Roberto Franco. **Não existem mais intermediários entre o governo e o povo**: correspondência de Getúlio Vargas. Tese de Doutorado. Unicamp, 2002. mimeo.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHWARCZ, Lilia (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 4.

SEMINÁRIO 40 ANOS do golpe de 1964. 1964-2004: 40 anos do golpe. **Ditadura militar e resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getulio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Gláucio, D'ARAÚJO, Maria Celina (orgs.). **Vinte e um anos de regime militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

VELHO, Gilberto. “**Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica**”. Tempo Brasileiro, n° 95, p. 119-126, out./dez. 1988.

WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA – 66 H

O Estado. Governo e a Administração Pública. Formas e Meios de Prestação de Serviços Públicos. O Perfil do Administrador Público. Evolução dos Paradigmas da Administração Pública no Brasil. Desburocratização, Tecnologia de Informação e a Organização Pública. A Visão Holística na Empresa Pública. O Terceiro Setor. A Reengenharia no Governo. Reforma da Gestão do Setor Público no Brasil.

Referências

BRESSER Pereira, Luiz Carlos. **Reforma do Estado para a Cidadania**. Brasília: ENAP; São Paulo: Editora 34, 1998.

FREITAS, Sara Rejane. **A nova Administração Pública em ação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: ENAP, 1997.

LEONIA, Mariá. **Políticas Públicas e o Novo Cenário**. São Paulo. Editora. Atlas 1999.

TROSA, Sylvie. **Gestão Pública por resultados; quando o Estado se Compromete**. Rio de Janeiro: Editora Revan. 2001.

RUA, Maria das Graças. **Administração Pública Gerencial: a reforma de 1995**, Brasília, ENAP, 1999. Schwarz Letícia (org), Administração Pública. Brasília, ENAP, 1999.

OLAVO Brasil de Lima Junior, “**As Reformas Administrativas no Brasil: modelos, sucessos e fracassos**”. RSP, Ano 49, Número 2, Abr-junho 1998.

ANTROPOLOGIA - 66 H

Origem, desenvolvimento e conceito. Campo de estudo e subdivisão. Método. Relação com outras ciências. Conceitos Básicos: cultura, etnocentrismo e processo de relativização. Processos culturais. Grandes temas.

Referências

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Petrópolis:Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LARAIA, Roque. **Cultura – um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Coleção Grandes Cientistas**, n.55. Eunice Duham (org.) e Florestan Fernandes (coord.). São Paulo: Ática, 1986.

NANDA, Serena, WARMS, Richard. **Cultural Anthropology**. Belmont: Wadsworth, 2004.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL – 66 H

Conceitos de natureza, sociedade, espaço e região. A construção do Nordeste e o seu conceito: visões e revisões. O Nordeste e a reorganização da divisão interna do trabalho (pós-1930). As políticas regionais de desenvolvimento e a dinâmica da economia regional. Movimentos sociais e culturais da Região.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “**Nos Destinos da Fronteira: A Invenção do Nordeste (A Produção Imagético-discursiva de um Espaço Regional)**”. In DEBATES REGIONAIS. História e Identidade(s) Regional(is). Nº 2. João Pessoa:Ed. Universitária/UFPB, 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Reflexões sobre o Espaço Geográfico**. Dissertação de Mestrado, mimeo: s/d/e.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 2 ed., São Paulo: Ática, 1987.

DUBY, G. et al. **História e Nova História**. Tradução de Carlos da Veiga fferreira. 3 ed. Lisboa: Teorema, s/d.

FÉLIX, Loiva Otero. **Memória e História**. A Problemática da Pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996

FREYRE, Gilberto. Nordeste. **Aspectos da cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

GONÇALVES, Regina Célia. **O Ensino de História e a História Local**. João Pessoa: mimeo, 1999.

GONÇALVES, Regina Célia. **Vidas no Labirinto: Mulheres e Trabalho Artesanal**. Um Estudo sobre as Artesãs da Chã dos Pereira – Ingá/PB. Dissertação de Mestrado em Sociologia/UFPB: João Pessoa, 1996.

MARANHÃO, Silvio (Org.). **A Questão Nordeste**. Estudos sobre a Formação Histórica, Desenvolvimento e Processos Políticos e Ideológicos. Petrópolis: Paz e Terra, 1984.

MARTINS, Paulo Henrique. “**Notas sobre a Genealogia do Espaço Social**”. In BOLETIM RECIFENSE DE GEOGRAFIA. Nº 4, Recife: AGB, jul/set 1981.

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. Ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. 2. ed., Rio de Janeiro: Artenova, 1970.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A Ferida de Narciso**. Ensaios de História Regional. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

_____. **O Norte Agrário e o Império**. 1871-1889. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984 [Nova edição da Ed. TopBook, Rio de Janeiro].

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Religião**. SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**. Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

REVEL, Jacques. **A Invenção da Sociedade**. [Trad]. Lisboa: Bertand, 1990.

SANTOS, Milton e outros (orgs.). **Território. Globalização e Fragmentação**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do Espaço**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

SILVA, Marcos A. da (Coord). **República em Migalhas**. História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPQ, 1990.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino**. Existência e Consciência da Desigualdade Regional. São Paulo: Moderna, 1984.

CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL – 66 H

O “lugar” da História Local: significado e dimensão. O universal e o particular no conhecimento histórico. A localidade e a questão da identidade. A pesquisa em História Local: temas, fontes e condições da investigação. Os arquivos municipais - a administração, história e cidadania.

Referências

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DUBY, G. et al. **História e Nova História**. Tradução de Carlos da Veiga ferreira. 3 ed. Lisboa: Teorema, s/d.

FÉLIX, Loiva Otero. **Memória e História**. A Problemática da Pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONÇALVES, Regina Célia. **O Ensino de História e a História Local**. João Pessoa: mimeo, 1999.

GONÇALVES, Regina Célia. **Vidas no Labirinto: Mulheres e Trabalho Artesanal**. Um Estudo sobre as Artesãs da Chã dos Pereira – Ingá/PB. Dissertação de Mestrado em Sociologia/UFPB: João Pessoa, 1996.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. Saeculum. Revista de História. n ° 3, João Pessoa: Editora Universitária /UFPB, 1999 (p. 13/27).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997

SOUSA, Vilma de Lourdes Barbosa de. **Construção da História Local: Proposta de Ensino de História para a Classe trabalhadora**. Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado em Educação Popular/UFPB, 1998..

ZAMBONI, Ernesta. **O Ensino de História e a Construção da Identidade**. Centro de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: Secretaria de Educação, 1993.

CONTABILIDADE – 66 H

Introdução à Contabilidade. Técnicas usadas pela Contabilidade. Fatos Contábeis. Documentos utilizados no processo de escrituração contábil: no setor público e no setor privado. Escrituração. Relatórios Contábeis para os diversos usuários da informação contábil.

Referências

NEVES, Silvério das, e VICECONTI, Paulo E.V. **Contabilidade Básica e estrutura das Demonstrações Financeiras**. São Paulo: Frase Editora, 2004.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade Básica fácil**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SÁ, A Lopes de. **Dicionário de Contabilidade**. 10ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

NAGATSUKA, D. Alves da Silva. **Manual de Contabilidade Introdutória**. São Paulo: Thomson, 2005.

KOHAMA, Heilio. **Balancos Públicos -Teoria e Prática**. 3.ed., São Paulo: Atlas, 2004.

ANGÉLICO, João. **Contabilidade Pública**. São Paulo: Atlas. 2004.

CULTURA ORGANIZACIONAL - 66 H

Questões da Cultura: A Base Conceitual. Cultura: Conceito Antropológico. Cultura e Organização Empresarial. Gerenciando a Cultura das Organizações: Valores, Crenças e Pressupostos, Ritos, Mitos e Símbolos. Culturas Nacionais e Culturas Empresariais: Diversidade Cultural nos Negócios. Criando e Sustentando uma Cultura Organizacional. Identificação da Cultura. Influência da Cultura na Performance Organizacional.

Referências

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**: a arte de ser mais igual que outros. São Paulo: Campus, 1992.

FLEURY, Maria Tereza L. & FISCHER, Rosa Maria. **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1992.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional: formação, tipologias e impacto**. São Paulo: Makron Books, 1991.

OLIVEIRA, Marco A. **Cultura organizacional**. São Paulo: Nobel, 1988.

TAVARES, Maria das Graças Pinho. **Cultura organizacional**: uma abordagem antropológica de mudança. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1994.

TROMPENAARS, Fons. **Nas ondas da cultura**: como entender a diversidade cultural nos negócios. São Paulo: Educador, 1994.

SASHKIN, Marshall e KISER, Kenneth J. **Gestão da qualidade total na prática**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

GERÊNCIA DE MARKETING - 66 H

Desenvolvimento e Gerência de Produto: definição de produto, desenvolvimento de novos produtos, o ciclo de vida do produto, estratégias de produto no mercado globalizado. Objetivos, políticas e estratégias de preço. Decisões de comunicação/promoção. O processo de comunicação. Estratégias de comunicação/ promoção. Comunicações de Marketing sob a ótica global . Administração de Vendas. A Importância da venda Pessoal. Recrutamento, seleção, treinamento, remuneração, e motivação da força de vendas. A Administração de Vendas numa perspectiva global

Referências

CHURCHILL, Gilbert A. Jr. e. PETER, J.Paul. **Marketing: criando valor para os clientes**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

COBRA, Marcos. **Ensaio de marketing global**. São Paulo: Marcos Cobra, 1995.

DAY, George S. **A empresa orientada para o Mercado: compreender, atrair e manter clientes valiosos**. Porto Alegre, Bookman, 2001.

KEEGAN, Wareen J. e GRENN, Mark. **Princípios de marketing global**. São Paulo: Saraiva, 1999.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados**. São Paulo: Futura, 1999.

LOVELOCK, Christopher e Wright, Lauren. **Serviços; marketing gestão**. São Paulo: Saraiva, 2001

_____. **Administração de marketing**. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

MALHOTRA. Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

RICHERS, Raimar. **Surfando as ondas do mercado**. 4. ed. São Paulo, RR&C, 1996.

SAMARA, Beatriz Santos E BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de Marketing: conceitos e metodologia**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

GESTÃO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE - 66 H

Fundamentos da Qualidade, da Produtividade e da Competitividade. Filosofias da Qualidade. Ferramentas e Métodos da Qualidade. Planejamento para Qualidade, Gerenciamento de Processos. Melhoria da Qualidade vs. Reengenharia de Processos. Auditoria da Qualidade. Cultura da Qualidade.

Referências

BROCKA, Bruce e BROCKA, M. Suzanne. **Gerenciamento da qualidade**. São Paulo: Makron Books, 1994.

DEVENPORT, T. H. **Reengenharia de processos**. Rio de Janeiro:Campus, 1994.

GITLOW, H. S. **Planejamento e qualidade, produtividade e competitividade**. Qualitymark Editores, 1993.

HAMMER, M. A. **A revolução da reengenharia**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

OAKLZND, J. S. **Gerenciamento da qualidade total**. São Paulo: Nobel, 1994.

SASHLIN e KISER, Kenneth J. **Gestão da qualidade na prática**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

WILLIAMS, Richard L. **Como implementar a qualidade total na sua empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

HISTÓRIA DO MUNDO ATUAL – 66 H

O socialismo soviético e a Guerra Fria. A fundação do Estado de Israel e a questão palestina. Os conflitos localizados: as revoluções cubana e iraniana. Os anos 60: a Guerra do Vietnã e a revolução sexual: o desenvolvimento da contra-cultura. O fim da “Cortina de Ferro” e a independência das ex-repúblicas soviéticas: o caso da Chechênia. O apartheid e a nova ordem internacional: neoliberalismo e globalização. A China Comunista e as guerras no Golfo Pérsico e na Iugoslávia. Aspectos do progresso científico e da Cultura.

Referências

ARON, Raymond. **Republica Imperial**. Os Estados Unidos no mundo do pos-guerra. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introducao a Historia Contemporânea**. Rio de Janeiro:Zahar, 1983.

BRENER, Jayme. **O mundo pos-guerra fria**. São Paulo:Scipione, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Novas e velhas ordens mundiais**. São Paulo:Scritta, 1996.

DROZ, Jacques. **Historia Geral do Socialismo**. Lisboa:Horizonte, 1976.

FENELON, Dea Ribeiro. **A Guerra-Fria**. São Paulo:Brasiliense, 1983 (Coleção Tudo e Historia -64)

GORENDER, Jacob. **O Fim da URSS**. São Paulo:Atual, 1992.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Da derrocada do socialismo de caserna a crise daeconomia mundial. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA – 66 H

A evolução do conhecimento histórico. Objeto e finalidade do saber histórico. A relação da História com as outras ciências e técnicas auxiliares. Periodização e Cronologia. O Processo Histórico: elementos e agentes históricos. Os fatos sociais e os fatos históricos. História e Verdade; História e Conhecimento; História e Crítica. As fontes históricas e a Pesquisa. O resgate do saber através da preservação da Memória e da História Oral.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. [Trad]. Lisboa, Editorial Presença, 1982.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 1929-1989. **A Revolução Francesa da Historiografia**. [Trad]. São Paulo, Ed. UNESP, 2. ed., 1992.

CARR, E. H. **Que e Historia**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1985.

CARDOSO, Ciro Flamarion. et VAINFAS, Ronaldo. [Orgs]. **Domínios da História**. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 6. reimp., 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução a Historia**. São Paulo:Brasiliense, 1982.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**. Da história em migalhas ao resgate do sentido. [Trad]. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

FLEISCHER, Helmut. **Concepção Marxista da História**. [Trad]. Lisboa: Edições 70, 1978

GARDINER, Patrick. [Org]. **Teorias da História**. [Trad]. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. [Trad]. São Paulo: Cia. das Letras.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. [Trad]. 3.ed., Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LE GOFF, Jacques. [Org]. **A Nova História**. [Trad]. São Paulo : M. Fontes, 1995.

LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novas Abordagens**. [Trad]. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1986.

LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novos Objetos**. [Trad]. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 2. ed., 1986.

LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novos Problemas**. [Trad]. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 2. ed., 1979.

LE GOFF, Jacques. [Org]. **A Nova História**. [Trad]. 4.ed., São Paulo, M. Fontes, 1998.

LEFORT, Claude. **As Formas da História**. [Trad]. 2.ed., São Paulo, Brasiliense, 1990.

REIS, Jose Carlos. **Historia e Teoria**. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro:FGV, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-História**. Os Protagonistas Anônimos da História. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL - 66 H

Memória e Cultura; Memória e História; e Memória e Documentação. Patrimônio Cultural: conceito, amplitude e formas. O Estado e a preservação do Patrimônio Cultural. Instituições guardiãs do Patrimônio Cultural. Relação entre Memória Arquivo e História.

Referências

- ANSART, Pierre. **“História e Memória dos Ressentimentos”**. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. Memória e [Res]Sentimento. **Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2ª ed., 2004, pp. 15-36.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a antropologia da supermodernidade. [Trad.]. Campinas: Papyrus, 1995.
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória**. Ensaio de Psicologia Social. São Paulo:Ateliê Editorial, 2003.
- BRESCIANI, Stella. **“Identidades Inconclusas no Brasil do Século XIX – fundamentos de um lugar-comum”**. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. Memória e [Res]Sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2. ed., 2004, pp. 403-430.
- CAMPOS, A.M.V.C. et ali. **Gestão de Documentos**: conceitos e procedimentos básicos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.
- CANTARINO, Catarina. **A consciência do valor**. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=132> .Acessado em
- CARDOSO, Ciro F. S. e MALERBA, J. [Orgs]. **Representações**. Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.
- CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo. [Orgs]. **Domínios da História**. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHOAY, F. A Alegoria do Patrimônio. **Tradução de Luciano Vieira Machado**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CHAUÍ, M. **Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico**. Secretaria Municipal de São Paulo./DPH. O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 37/46.
- FELIX, L. O. **História & Memória**. A Problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FERNANDES, I.R.S. **O Museu e a problemática Histórica Atual**. HORIZONTE. Revista Trimestral da UFPB. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, nº 8, 1978, p. 229/252.
- FERREIRA, L.F.G. **Gestão e Gerenciamento de Arquivos**. João Pessoa: UFPB/NDIHR, 1998.
- FREITAS, Marcos C. de. [Org]. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **“Memória, História, Testemunho”**. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. Memória e [Res]Sentimento. **Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2. ed., 2004, pp. 85-94.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003b. p. 21-29.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1989. [Trad]. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HUNT, L. [Org]. **A Nova História Cultural**. [Trad]. São Paulo: M. Fontes, 1992..

JARDIM, José Maria **A Invenção da Memória nos Arquivos Públicos**. Ci Inf. -Vol. 25, número 2, 1995 Disponível em <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=480&layout=abstract>

KERSTEN, M. S. A. **Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História**. Bens Tombados no Paraná entre 1938 e 1990. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LE MOS, C. A. C. **O que é Patrimônio**. São Paulo, Brasiliense, 1981 (Coleção Primeiros Passos).

MENEZES, U.B. de . **A História cativa da Memória?** Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. n ° 34, São Paulo: IEB/USP, 1992, p. 9/23.

NAXARA, Márcia. “**Natureza e Civilização**: sensibilidades românticas em representações do Brasil do século XIX”. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. *Memória e [Res]Sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas:Ed. Unicamp, 2ª ed., 2004, pp. 431-456.

NORA, P. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo. n° 10. São Paulo: EDUC/SP, 1993.

OLIVEIRA, Cecília H. Salles de. “**Usos [Direito e/ou dever] da Memória**. Museu Paulista: Espaço celebrativo e memória da Independência”. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. *Memória e [Res]Sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2004, pp. 197-222.

NAXARA, Márcia. “**Natureza e Civilização**: sensibilidades românticas em representações do Brasil do século XIX”. In: BRESNIANI, Stella. e NAXARA, Márcia. [Orgs]. *Memória e [Res]Sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, Ed. Unicamp, 2ª ed., 2004, pp. 431-456.

POLLAK, Michel . **Memória, esquecimento e silêncio**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos n 3 v.2, 1989.p. 3-15. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo. n° 17. São Paulo: EDUC, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo:Cia. das Letras, 1995.

RODRIGUES, José Honório. **A Tradição, a Memória e a História**. Brasil Tempo e Cultura III. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1980, p. 209/243.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SILVA, Z.L. (Org). **Arquivos, Patrimônio e Memória**. Trajetórias e Perspectivas : Editora UNESP/ FAPESP, 1999.

SILVEIRA, R.M.G. **Recuperar a Memória, fazer a História**. DEBATES REGIONAIS III. Fazer a História: (des) construção e (in)certeza. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora/ NDIHR/ANPUH., 1996, p.11/19.

SIRINELLI, J-F. e RIOUX, J-P. [Orgs]. **Por uma História Cultural**. [Trad].2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

TOURTIER – BONAZZI, C. de. **Arquivos**: Propostas Metodológicas. FERREIRA M.de M.e

AMADO, J. (Coords.). **Usos & Abusos da Historia Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233/245.

YÁZIGI, E., CARLOS, A . F. A . e CRUZ, R.C. A . (Orgs.). **TURISMO: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA EM HISTÓRIA – 33 H

Os métodos da História. As técnicas auxiliares da Pesquisa. A Filosofia da Linguagem e a análise dos Discursos. Os Levantamentos de Fontes e os Índices Cognitivos. Tipologia das Fichas de Pesquisa e o uso das “palavras-chaves”. A demografia, a história quantitativa e a história oral. A organização do material de pesquisa e as técnicas de redação. As bibliotecas e arquivos de João Pessoa e Campina Grande: as “obras clássicas” e os indicadores de fontes: catálogos, guias e outros. A informatização e a Pesquisa.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. [Trad]. Lisboa:Editorial Presença, 1982..

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. [Trad]. 2.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion. et VAINFAS, Ronaldo. [Orgs]. **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia., 6.reimp, Rio de Janeiro:Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. et MALEBRA, Jurandir. [Orgs]. Representações. **Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas:Papirus, 2000.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**. Da história em migalhas ao resgate do sentido. [Trad]. São Paulo:Ed. UNESP, 1999.

- FLEISCHER, Helmut. **Concepção Marxista da História**. [Trad]. Lisboa::Edições 70, 1978.
- FREITAS, Marcos Cezar de. [Org]. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo:Contexto, USF, 2000.
- GALLAGHER, C. e GREENBLATT, S. **A prática do novo historicismo**. [Trad]. Bauru: Edusc, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. [Trad]. 3.ed, Campinas:Ed. Unicamp, 1994.
- LE GOFF, Jacques. [Org]. **A Nova História**. [Trad.]. São Paulo :M. Fontes, 1995.
- LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novas Abordagens**. [Trad]. Rio de Janeiro:Liv. Francisco Alves, 1986.
- LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novos Objetos**. [Trad]. 2. ed., Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1986.
- LE GOFF, Jacques. et NORA, Pierre. [Orgs]. **História: Novos Problemas**. [Trad]. 2. ed., Rio de Janeiro:Liv. Francisco Alves, 1979.
- LEFORT, Claude. **As Formas da História**. [Trad]. 2.2d, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MARRAMAO, Giacomo. Potere e secolarizzazione. **Le categoria del tempo**. [Trad. brasileira. São Paulo: Ed. UNESP, 1995].
- VAINFAS, Ronaldo. Micro-História. **Os Protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Unidade 7: “A atitude científica”. “A ciência na História”. “As ciências da Natureza”. “As ciências Humanas”. “O ideal científico e a razão instrumental”. In: _____. Convite à Filosofia. 3.ed., São Paulo:Ática, 1995.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. [Trad]. 6.ed. São Paulo:. Perspectiva, 2006.
- POPPER, K. R. **La lógica de la investigación científica**. [Trad]. Madri: Tecnos, 1967.

ORGANIZAÇÃO NO ENFOQUE SOCIOLÓGICO E PSICOLÓGICO – 66 H

A sociologia e a Administração: Enfoque teórico e metodológico. O indivíduo e a organização. Os processos de Cooperação, Competição e Conflito nas Organizações Complexas. Os grupos formais e informais nas unidades administrativas. O Enfoque da Tecnologia e dos Ecossistemas nas Organizações As organizações na visão prospectiva: Terceiro Milênio. A Importância da Psicologia nas Organizações. A motivação nas Organizações. O fator humano nos grupos de trabalho. A liderança nas organizações. Tensão e Conflito. Feedback. Seleção e orientação profissional. Fator psicológico na gênese do acidente de trabalho.

Referências

BERNARDES, C: **Sociologia aplicada à Administração**: o comportamento organizacional. São Paulo: Atlas, 1999.

BOTTOMORE, Tom. & NISBET, Robert. **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

COHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

COLLIOT-THÈLÈNE, Catherine. **Max Weber**: A história. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1995.

CYRO, B. **Sociologia aplicada à Administração**: Gerenciamento de grupos nas organizações. São Paulo: Atlas, 1995.

DELORENZO NETO, Antônio. **Sociologia aplicada à Administração**. São Paulo: Atlas, 1986.

DURKHEIM, Emile. **A ciência social e a ação**. São Paulo: Difusão Editorial, 1975.

DURKHEIM, Emile. **Lições de sociologia**: a moral, o direito e o estado. São Paulo: T.A. Queiroz Editor & Universidade de São Paulo, 1983.

FERNANDES, Florestan. **A natureza Sociológica da Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IANNI, Octávio. (Org.). **Marx**. São Paulo: Ática, 1979.

IANNI, Octávio. **Sociologia da Sociologia Latino-Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1987.

LAKATOS, E. **Sociologia da Administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

ORGANIZAÇÃO, MÉTODOS E SISTEMA DE INFORMAÇÃO - 66 H

Organização, Comunicação, Reorganização, Racionalização e Simplificação do Trabalho. Processamento do Trabalho. Aproveitamento Racional do Espaço Físico. Gráficos de Organização. Manuais Administrativos, Formulários. Metodologia para Levantamento. Estrutura, Estratégia, Tecnologia, Desempenho, Processos Organizacionais e Ambiente Externo. Análise Organizacional. Tecnologia da Informação. Informação Gerencial. Tipos e Usos de Informação. Sistema – Conceito – Enfoque Avançado Empresarial. Sistema de Informação Gerencial. Aplicação da Tecnologia da Informação nas diversas áreas da empresa para obtenção de vantagens.

Referências

CRUZ, T. **Sistemas, organizações e métodos**: estudo integrado a novas tecnologias de informação. São Paulo: Atlas, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR (OBRAS DE CONSULTA)

ADIZES, I. **Os ciclos de vida das organizações**: como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito. São Paulo: Pioneira, 1990.

ARANTES, N. **Sistema de gestão empresarial**: conceitos permanentes na administração de empresas válidas. São Paulo: Atlas, 1996.

CHINELATO FILHO, J. **O & M integrado a informática**: comportamento, sistemas, métodos, mecanização. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

COELHO, E. C. (Coord.). **Estudos organizacionais**. São Paulo: Sebrae, 1980.

CRUZ, T. **Manual de sobrevivência empresarial**: depois da reengenharia. São Paulo: Atlas, 1996.

CURY, A. **Organização e métodos**: uma perspectiva comportamental. São Paulo: Atlas, 1996.

GARCIA, Eduardo A. C. **Manual de Sistematização e normalização de documentos técnicos**. São Paulo: Atlas.

HAMMER, M. & CHAMPY, J. **Reengenharia**: revolucionando a empresa em função dos clientes, da concorrência e das grandes mudanças da gerência. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

HEMERITAS, A. B. **Organização e normas**. São Paulo: Atlas, 1996.

KAST, F. E. & ROSENZWEIG, J. E. **Organização e administração**: um enfoque sistêmico. São Paulo: Pioneira, 1987.

LERNER, W. **Organização, sistemas e métodos**. São Paulo: Atlas, 1996.

RELAÇÕES PÚBLICAS E HUMANAS - 33 H

Conceito e Definições, Princípios e Objeto das Relações Públicas e Humanas. Introdução à Administração e a Organização. A Psicossociologia das Relações Públicas. Coordenação, Planejamento e Execução de Pesquisa e Campanha de Opinião Pública.

Referências

ANDRADE, Teobaldo de. **Para entender relações públicas**. São Paulo: Loyola, 1994.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações humanas**: psicologia das relações interpessoais. São Paulo: Atlas, 1998.

PENTEADO, José Roberto W. **Relações públicas nas empresas modernas**. Biblioteca Pioneira, 2001.

PERUZZO, Cecília Krohling. **Relações públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 1999.

THOMASON & CLEMENT. **Relações humanas**. São Paulo: Ibrasa, 2002.

TEORIA DA INFORMAÇÃO – 33 H

Teoria da informação. Objeto, processo e interdisciplinaridade da comunicação. Semiologia e Linguística. Principais correntes teóricas: funcionalismo, estruturalismo, marxismo. Escola latino-americana. Epistemologia e novos paradigmas da comunicação. Análise da comunicação na sociedade contemporânea

Referências

ALMINO, J. **O segredo e a informação: ética e política no espaço público**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

EPSTEIN, I. **Teoria da informação**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1988

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

_____. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LYOTARD, J.F. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1989.

McGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Armando Malheiro da. **Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

_____. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. 2. ed. Afrontamento, 2002. (primeiro capítulo)

SOCINFO, Grupo de implantação da. **Livro verde da sociedade da informação no Brasil**. Brasília, 2000.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio: Editora 34, 1993.

13 REFERÊNCIAS DO PPP

ALBERCH FUGUERAS, Ramón. **Los archivos, entre la memoria histórica y la sociedad del conocimiento**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

BARATA, Paulo J.S. **Investigação em Arquivo: tendências dos anos 90**. Páginas A&B. Lisboa, (1), 1997.

BRASIL. **Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. CONARQ. Legislação Arquivística. Disponível em <http://www.arquivonacional.gov.br/>

BRASIL. **Lei n. 8159, de 08 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. CONARQ. Legislação Arquivística. Disponível em <http://www.arquivonacional.gov.br/>

BRASIL. **Conselho Nacional De Educação. Parecer Nº CNE/CES 492/2001**. Do parecer sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. 03/04/2001. Relatores Eunice Ribeiro Durham, Silke Weber e Vilma de Mendonça Figueiredo. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/>

BRASIL. **Conselho Nacional De Educação. Parecer Nº CNE/CES 108/2003**. Do parecer sobre a duração de cursos presenciais de Bacharelado. 7/5/2003. Relatores Edson de Oliveira Nunes, Éfrem de Aguiar Maranhão e José Carlos Almeida da Silva. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/>

BUCCI, Odo (ed.). *Archival science on threshold of the year 2000*. **Macerata**: Università degli Studi di Macerata. 1992

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. *Section pour l'enseignement de l'archivistique et la formation des archivistes. Répertoire des écoles et des courses de formation professionnelle d'archivistes*. **Koblens**: Conseil International des archives, 1992.

COUTURE, Carol et al. *Le fondements de la discipline archivistique*. **Québec**: Presses de l'Université du Québec, 1994.

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves. **Les archives au XXe siècle: une réponse aux besoins de l'administration et de la recherche**. Montréal: Université de Montréal, 1982

FONSECA, Maria Odila. **O Arquivo Nacional do Brasil e a formação de arquivistas**. ALA. México, n.6. abr./jun. 1988.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. v. 1. 121 p.

FONSECA, Maria Odila. **A relação entre as dimensões epistemológica, pedagógica e política nas propostas curriculares da área:** a proposta da Universidade Federal Fluminense. VII Seminário Nacional de Avaliação Curricular. Curitiba, 21 de julho de 2005.

FONSECA, Maria Odila. **A formação de arquivistas e a Universidade como espaço de produção de conhecimento:** a experiência brasileira. IV Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica. Lisboa, 24 de outubro de 2005.

FONSECA, Maria Odila. **Formação e Capacitação Profissional e a Produção do Conhecimento Arquivístico no Brasil.** In: MESA REDONDA NACIONAL DE ARQUIVOS, 1999, Rio de Janeiro. Mesa Redonda Nacional de Arquivos : Caderno de Textos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FONSECA, Maria Odila. **O ensino de Arquivologia e a literatura arquivística.** In: FONSECA, Maria Odila Kahl; JARDIM, José Maria. (Org.). A Formação do Arquivista no Brasil. Niterói, 1999.

FONSECA, Maria Odila; JARDIM, José Maria. **O perfil do aluno de Arquivologia da UFF.** In: FONSECA, Maria Odila ; JARDIM, José Maria. (Org.). A Formação do Arquivista no Brasil. Niterói, 1999.

FONSECA, Maria Odila Kahl; JARDIM, José Maria. Arquivos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. (Org.). **Formas e Expressões do Conhecimento:** introdução às fontes de informação. Belo Horizonte, 1998, p. 367-390.

FONSECA, Maria Odila Kahl; JARDIM, José Maria. **Novas tendências na formação do arquivista.** In: II Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica, 2002, Rio de Janeiro. II Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder:** introdução à pedagogia do conflito. São Paulo:Cortez, Autores Associados, 1981.

GUIMARÃES E SILVA, Júnia, MARINHO JR., Inaldo. **Arquivos e Informação:** uma parceira promissora. Arquivo & Administração. Rio de Janeiro, v.1, jan/jun, 1998.

HEREDIA HERRERA, A. **Archivística General:** Teoria y Práctica. Sevilla : Servicio de Publicaciones de la Diputacion de Sevilla, 1993.

INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES. **What Students in Archival Education Learn: A Bibliography for Teachers.** <http://www.gslis.utexas.edu/~issa/bibliography.html>

JARDIM, José Maria. **A produção de conhecimento arquivístico:** perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990 -1995). Brasília: Ciência da Informação . v. 27, n.3, 1998.

JARDIM, José Maria. **A universidade e o ensino do Arquivologia no Brasil.** CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 10, 1994. São Paulo. mimeo.

LOPES GOMES, Pedro. **Formacion archivística: especialistas y/o generalistas.** In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 12, 1992, Montreal. Actes ... Paris: Saur, 1994.

MENNE-HARITZ, Angelika. **Archival education: preparing the profession to meet the needs of society in the twnty-first century.** In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 12, 1992. Montreal. Actes. Paris: 1992.

MONTEIRO, Norma de Góes. **A formação profissional do arquivistas.** In: BASES PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM ARQUIVO MODERNO, 1, 1990, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

PAES, Marilena Leite. **A formação dos profissionais de arquivo. Arquivo e Administração.** São Paulo, v.9, n.2, ago. 1981.

PEDERSON, Ann E. **Development of research programs.** In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 12, 1992, Montreal. Actes ... Paris: Saur, 1994.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.

The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

This page will not be added after purchasing Win2PDF.